


unesp  UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Faculdade de Ciências e Letras
Campus de Araraquara - SP

CLARA MOREIRA MOLINARI

PANDEMIA DE (DES)INFORMAÇÕES:
um estudo discursivo das *fake news* sobre a COVID-19



ARARAQUARA – S.P.
2021

CLARA MOREIRA MOLINARI

PANDEMIA DE (DES)INFORMAÇÕES:
um estudo discursivo das *fake news* sobre a COVID-19

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Linguística e Língua Portuguesa.

Linha de pesquisa: Estrutura, Organização e funcionamento discursivos e textuais.

Orientadora: Luciane de Paula

Bolsa: UNIVESP

ARARAQUARA – SP
2021

M722p

Molinari, Clara Moreira

Pandemia de (des)informações: um estudo discursivo das fake news sobre a COVID-19 / Clara Moreira Molinari. -- Araraquara, 2021

137 p. : il.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara

Orientadora: Luciane de Paula

1. Círculo de Bakhtin. 2. Verbivocovisualidade. 3. Fake news. 4. Desinformação. 5. Covid-19. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

CLARA MOREIRA MOLINARI

PANDEMIA DE (DES)INFORMAÇÕES: um estudo discursivo das *fake news* sobre a COVID-19

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Linguística e Língua Portuguesa.

Linha de pesquisa: Estrutura, Organização e funcionamento discursivos e textuais.

Orientadora: Luciane de Paula

Bolsa: UNIVESP

Data da defesa: 26/05/2021

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: **Dra. Luciane de Paula**
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho

Membro Titular: **Dra. Assunção Aparecida Laia Cristovão**
Universidade de Franca

Membro Titular: **Dra. Maisa de Alcântara Zakir**
Pós-doutoranda na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

Dedico este trabalho a todos os professores, em especial aos (muitos) de minha família, que lutam diariamente por uma educação libertadora.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, com quem tive o prazer de partilhar as dores e as alegrias da jornada de um mestrado. Por ter sido minha companheira de escrita, de prazos, de exame de qualificação; pelo amor incondicional.

Ao meu pai, pelas inúmeras idas até a cidade de Araraquara; pela comida em forma de carinho; por sempre acreditar e incentivar a minha formação de maneira incansável.

Aos demais membros de minha família, que acompanharam com incentivos de ordens diversas cada etapa desta formação.

À minha orientadora Dra. Luciane de Paula, que desde as primeiras aulas, quando eu ainda era aluna especial, me lembra da importância de questionar, arriscar, transgredir. Por cada “lição bakhtiniana” que hoje me constitui. Essa dissertação carrega ecos de todos os nossos encontros.

Aos meus amigos que, mesmo distantes durante o período de pandemia, se fizeram próximos. Gostaria de expressar especialmente meu afeto aos amigos que já vão de tanto: Áurea, Eduardo, Fernanda, Jordana e Rodrigo, presentes desde a infância; aos amigos presentes desde a graduação: Mariana Marinheiro, Marcela Gueleri e Rafa Bin, este último pelos prolongados consolos durante nossa jornada na pós-graduação. A todos esses por serem fonte inesgotável de carinho e apoio.

Como escreveu Vinícius de Moraes, “tenho sorte, porque os amigos que tenho têm muitos amigos e os dividem comigo”. Agradeço especialmente à minha irmã de alma, Maíza, por ter dividido comigo Manu, Liara e Iza. Vocês me provam que algumas amizades realmente resistem às intempéries da vida e às limitações físicas e geográficas.

Às minhas “meninas super-estudiosas”, pela união, afeto, resistência e acolhida generosa quando propus a criação de um grupo de estudos. À Laura, pelos inúmeros momentos de alívio cômico, memes e partilhas afetuosas. À Luana, que é tão maravilhosa quanto seu objeto de pesquisa, pela doçura e empatia constante. Agradeço, sobretudo, por não permitirem que o trabalho acadêmico fosse um processo solitário.

Ao Filipe, por ser paz em meio à tempestade e não me deixar, jamais, duvidar de mim mesma. Por incentivar e acompanhar minhas viagens, tanto as oníricas quanto as reais.

À Isadora Romano (*in memoriam*), por nossas risadas, sempre vivas em mim. Por ter me apresentado o programa da UNIVESP, que financiou esta pesquisa.

Agradeço, ainda, ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa e a todos os professores desta instituição de quem tive a oportunidade e o prazer de ser aluna.

À querida Rosângela Nogarini Hilário, pela contribuição na minha formação enquanto pesquisadora, desde os tempos de graduação; pelos valiosos apontamentos nesta dissertação. Jamais me esquecerei de seu apoio.

Às professoras Doutoras Assunção Aparecida Laia Cristovão e Maisa de Alcântara Zakir, pela leitura cuidadosa e solidária que garantiram melhor encaminhamento para este trabalho.

Enfim, a todos que direta ou indiretamente contribuíram para esta pesquisa, a todos vocês, minha gratidão e meu carinho.

“Eis então que na era da informática abre caminho a palavra de ordem para uma forma de guerrilha não-violenta (ou pelo menos não-sangrenta), a guerrilha da falsificação.”

Umberto Eco

“[...] Encha as pessoas com dados incombustíveis, entupa-os com “fatos” que elas se sintam empanzinadas, mas absolutamente “brilhantes” quanto a informações. Assim elas imaginarão que estão pensando, terão uma sensação de movimento sem sair do lugar. E ficarão felizes, porque fatos dessa ordem não mudam.”

Ray Bradbury

RESUMO

O presente estudo, calcado na filosofia da linguagem do Círculo de Bakhtin, tem como intuito analisar algumas das *fake news* relacionadas à COVID-19 que circularam no Brasil entre março (quando a OMS declarou estado de pandemia) até julho de 2020 (período em que o país atingiu mais de 90 mil mortes em decorrência da doença). Não sendo as *fake news* um fenômeno inteiramente novo, partimos primeiramente do seu encadeamento com a problemática da desinformação, tendo em vista fatores como os algoritmos automatizados, as agências de checagem e o ambiente da pós-verdade. Discursivamente, compreendemos que se tratam de construções enunciativas singulares situadas no território da linguagem e que, sendo assim, reverberam vozes de valorações divergentes que se confrontam nas diversas esferas sociais. O confronto entre discursos – o científico e o negacionista – e a relação dialógica (de aproximação e de distanciamento) estabelecida entre eles, tendo em vista a construção de sentidos concorrentes, justifica o estudo. Como orientação metodológica, exploramos o método dialético-dialógico, que se apoia no cotejamento de textos e de seus contextos para compreender a dimensão dialógica dos enunciados. Em seguida, apresentamos os subsídios teóricos que se pautam nas concepções bakhtinianas de linguagem, enunciado, vozes sociais, ideologia, signo ideológico e ato responsável e responsivo. As análises contribuem para a investigação das estratégias discursivas empregadas por aqueles que produzem as *fake news* e, assim sendo, é possível entender como os sentidos são construídos a ponto de fazer com que um grande número de pessoas as tenham como verdade. Os resultados obtidos revelam, sobretudo, as relações de sentido, as projeções axiológicas e a colisão de vozes que emergem desses enunciados.

Palavras-chave: *Fake news*. Covid-19. Enunciado. Dialogismo. Círculo de Bakhtin.

ABSTRACT

This study is based on the philosophy of language of Bakhtin Circle. It aims to analyze some of the fake news that arose and were disseminated in Brazil during the pandemic period from March (when WHO announced COVID-19 outbreak a pandemic) to July 2020 (during this period, the country reached more than 90 thousand deaths due to the disease). Since fake news is not an entirely new phenomenon, we start from its connection with the problem of disinformation and other factors such as automated algorithms, fact-checking services and the post-truth environment. Discursively, we understand that these are singular enunciative constructions made in the language territory and, therefore, they reverberate voices of divergent values that confront each other in different social spheres. The confrontation between discourses - the scientific and the science denial - and the dialogical relationship (of approach and distance) established between them, with a view to the construction of competing meanings, justifies the study. As a methodological guideline, we explore the dialectical-dialogical method, which relies on the comparison of texts and their contexts to understand the dialogical dimension of the utterances. Then, we present the theoretical subsidies that are based on Bakhtinian conceptions of language, utterance, social voices, ideology, ideological sign and responsible and responsive act. The analyses contribute to the investigation of the discursive strategies employed by those who produce fake news and, therefore, it is possible to understand how the meanings are constructed to the point that a large number of people have them as truth. The results obtained reveal, above all, the relations of meaning, the axiological projections and the collision of voices that emerge from these utterances.

Key-words: Fake news. Covid-19. Utterance. Dialogism. Bakhtin Circle.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Tweet de Donald Trump.....	18
Figura 2: Desordem informacional.....	20
Figura 3: Manifestações dis-information e mis-information.....	21
Figura 4: Customização de informações	29
Figura 5: Direcionamento detalhado do Facebook	31
Figura 6: Anúncio Gazeta do Povo	35
Figura 7: Portal Drauzio Varella	41
Figura 8: Radar Aos Fatos.....	45
Figura 9: Painel Geral Coronavírus.....	47
Figura 10: Como se proteger de golpes no WhatsApp.....	49
Figura 11: Critério das agências.....	59
Figura 12: Da saúde à política.....	60
Figura 13: Corpus: março de 2020.....	62
Figura 14: Corpus: abril de 2020.....	63
Figura 15: Corpus: maio de 2020.....	64
Figura 16: Corpus: junho de 2020.....	65
Figura 17: Corpus: julho de 2020.....	66
Figura 18: Manifestação pró-governo no dia 15 de março de 2020	85
Figura 19: Corpus: março de 2020.....	88
Figura 20: Fake news sobre a vacina propagada na Índia	92
Figura 21: Corpus: abril de 2020.....	97
Figura 22: Chá de erva doce como forma de tratamento	103
Figura 23: Gargarejo como prevenção	105
Figura 24: Memes sobre o chá de boldo	106
Figura 25: Corpus: maio de 2020.....	107
Figura 26: Corpus: junho de 2020	112
Figura 27: Manchete G1.....	114
Figura 28: Representações da rede Globo.....	115
Figura 29: Desafio de cada governo.....	118
Figura 30: Desafio de cada governo na pandemia	119
Figura 31: Corpus: julho de 2020.....	123
Figura 32: Óbitos por pneumonia.....	126

SUMÁRIO

(DES)INFORMAÇÕES INICIAIS	11
CAPÍTULO 1 – O VÍRUS DA (DES)INFORMAÇÃO.....	16
1.1 Definições.....	16
1.2 Sobre o vírus.....	23
1.3 Mecanismos de propagação: algoritmos e o filtro bolha.....	28
1.4 Ambiente de proliferação: a pós-verdade.....	33
1.5 Alerta de casos.....	40
CAPÍTULO 2 – CAMINHO METODOLÓGICO	51
2.1 O movimento dialético-dialógico	52
2.2 Cadeia infinita de sentidos: o cotejamento de textos.....	54
2.3 Reflexões sobre dialogismo e alteridade na pesquisa em ciências humanas.....	55
2.4 Os critérios metodológicos	58
CAPÍTULO 3 – SUBSÍDIOS TEÓRICOS.....	67
3.1 Linguagem.....	68
3.2 Enunciado	70
3.3 Vozes sociais	73
3.4 Ideologia e signo ideológico.....	74
3.5 Ato responsável e responsivo	78
CAPÍTULO 4 – ANÁLISES	83
4.1 A corrida pela vacina.....	84
4.2 O Brasil deve ou não deve parar?.....	93
4.3 Cura milagrosa: as receitas caseiras	101
4.4 Embates sobre a hidroxicloroquina	110
4.5 Negação por meio de números “oficiais”	121
CONCLUSÃO.....	129
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	132

(DES)INFORMAÇÕES INICIAIS

Este começo de século trouxe profundas transformações no que concerne às inovações tecnológicas e às formas de comunicação, permitindo que a interação humana extrapolasse limites físicos e geográficos. A internet possibilitou o acesso à informação a qualquer hora, em qualquer lugar, e tornou-se uma promessa de democratização do conhecimento. Contudo, essa acessibilidade se estende também às desinformações, uma vez que não são excluídas do ciberespaço as formas perversas de comunicação que aspiram prejudicar e confundir as pessoas. Desde então, parece estar havendo o que Foucault (1988) chama de “explosão discursiva” em torno das *fake news*, já que o tema se tornou objeto de estudo a nível global, perpassando diferentes esferas – acadêmica, jornalística, política e midiática.

Neste estudo, centrado na perspectiva bakhtiniana, entendemos as *fake news* como enunciados concretos e singulares que são criados e divulgados de forma distorcida e/ou descontextualizada (propositalmente ou por interpretações equivocadas) e que são validados como verdadeiros por sujeitos e grupos que se beneficiam do seu conteúdo. No entanto, compreendemos que o termo por si só não é capaz de elucidar toda a complexidade do fenômeno, uma vez que o signo é constituído historicamente e vai adquirindo novos sentidos de acordo com a passagem do tempo e conforme o meio em que ele se manifesta. Por essa razão, no capítulo que se segue, avançaremos um pouco mais na problematização deste conceito e na sua articulação com a concepção de desinformação.

Segundo Bakhtin (2011), todo enunciado tem sempre autor e destinatário, ainda que este seja virtual. Quando a interpretação do receptor/destinatário se baseia, sobretudo, apenas em suas próprias crenças e convicções, as *fake news* tendem a ser mais facilmente aceitas e assumidas por ele como sendo verdadeiras. Esta tendência diz respeito ao que foi denominado de era da “pós-verdade” – a natureza dos gêneros informativos, dos fatos e das evidências foi substituída em favor das crenças e das emoções individuais.

As redes sociais digitais também são importantes para explicar o fenômeno, uma vez que, de acordo com a pesquisa¹ feita pelo *Reuters Institute* da Universidade de Oxford, no Brasil as redes sociais estão à frente da TV como fonte de informação. O *Facebook* foi eleito como a rede social mais usada para se informar: 54% dos brasileiros

¹ Disponível em: <http://www.digitalnewsreport.org/interactive/>. Acesso em 20 de junho de 2020.

disseram ler notícias pela plataforma. O *Youtube* (usado por 45%) cresceu no último ano e ameaça a vice-liderança do *WhatsApp* (48%), que diminuiu 5 pontos percentuais de 2019 a 2020.

Essa legitimação das redes sociais digitais como fontes de informação, somada à crise generalizada de confiança em instituições tradicionais, tem contribuído para uma “pandemia” de (des)informações: a todo momento informações e desinformações se misturam, se confundem e se propagam tão rapidamente quanto um vírus. Desde o início da pandemia da COVID-19, esse fenômeno se tornou um problema também de saúde pública, já que a disseminação de notícias falsas pode influenciar diretamente o comportamento das pessoas em relação às medidas preventivas e de segurança que devem ser ou não tomadas. Conscientes dessa dualidade, alguns termos e subtítulos do primeiro capítulo foram propositalmente metaforizados.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou, no dia 30 de janeiro de 2020, que o surto da doença *Severe Acute Respiratory Syndrome Coronavirus 2* (Sars-CoV-2), mais conhecido pela sigla COVID-19 (*Coronavirus Disease 2019*), era uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional, ou seja, o mais alto nível de alerta da Organização, conforme previsto no Regulamento Sanitário Internacional. A doença apresenta um quadro clínico que pode variar de infecções assintomáticas e manifestações clínicas leves, até quadros respiratórios moderados e graves. Por esse motivo, alguns pacientes podem não requerer atendimento hospitalar, mas outros podem, inclusive, precisar de suporte ventilatório nos hospitais para o tratamento de insuficiência respiratória. No dia 11 de março do mesmo ano, a COVID-19 foi caracterizada pela OMS como uma pandemia².

Com tantas informações falsas a respeito da pandemia do novo coronavírus, a OMS cunhou o termo *infodemia*³, que diz respeito à “superabundância de informações, algumas precisas e outras não, o que torna difícil para as pessoas encontrarem fontes de informações e orientações confiáveis quando necessário”. Assim como o vírus da COVID-19, a disseminação de notícias diversas acontece em uma escala de tempo muito rápida, o que se torna um problema no que diz respeito a informar, de maneira segura, a população. Desse modo, a OMS propõe estudos no campo de pesquisa da

² Disponível em: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=6120:oms-afirma-que-covid-19-e-agora-caracterizada-como-pandemia&Itemid=812. Acesso em 20 de junho de 2020.

³ Relatório *Managing the COVID-19 infodemic*. Disponível em: <https://www.who.int/publications/i/item/9789240010314>. Acesso em 20 de junho de 2020.

“infodemiologia”⁴, uma ciência que estuda o procedimento de formação e distribuição das informações.

Esse processo de produção de notícias falsas, principalmente quando aliado ao questionamento de evidências científicas por parte de alguns governantes no campo político, ocasiona condutas diretivas inadequadas por grande parte dos indivíduos. Esse dizer discursivo, como veremos, se pauta numa espécie de negacionismo da gravidade da doença (em alguns casos, até mesmo de sua existência) e leva a atos de fazer social como, por exemplo, a não-vacinação, a recusa do isolamento social e o não-uso da máscara. Neste sentido, as desinformações, especialmente as relacionadas à área da saúde e ao contexto sócio-histórico que estamos vivenciando, possuem impacto direto na vida e nas atitudes dos sujeitos fora do ambiente virtual.

Diante do cenário contextualizado anteriormente, urge a necessidade de estudos sobre as *fake news* de forma qualificada, tanto disciplinar como inter e trans disciplinarmente, uma vez que o fenômeno abrange diferentes campos de estudo. Neste sentido, um olhar na área da filosofia da linguagem, como propõe esta dissertação, pode contribuir significativamente para o entendimento das estratégias discursivas que são empregadas pelos autores das *fake news* e, ainda, favorecer a divulgação e ampliação científica acerca do fenômeno.

O objetivo geral deste trabalho é analisar o funcionamento desse tipo de discurso, isto é, como ele mobiliza outros discursos, em movimentos de aproximação e distanciamento, para construir uma rede de sentido que é assumida como verdadeira por boa parte dos sujeitos. Para tanto, iremos nos apoiar na contribuição analítica extraída dos textos do Círculo de Bakhtin⁵ para compor nosso subsídio teórico. Autores que pesquisam sobre desinformação, *fake news* e pós-verdade serão trazidos no primeiro capítulo.

Como objetivos específicos, essa pesquisa se propôs a: 1) investigar quais estratégias discursivas são recorrentes e de que maneira elas são materializadas nos enunciados analisados; e 2) compreender como as *fake news* podem se beneficiar do contexto da pós-verdade como um fenômeno sociológico da contemporaneidade em que

⁴ 1st WHO infodemiology conference. How infodemics affect the world & how they can be managed. Disponível em: https://www.who.int/docs/default-source/epi-win/infodemic-management/infodemiology-scientific-conference-booklet.pdf?sfvrsn=179de76a_4. Acesso em 20 de junho de 2020.

⁵ Utiliza-se a expressão Círculo de Bakhtin porque, para além do pensador Mikhail Bakhtin (1895-1975), as formulações e as obras são produto de reflexão de um grupo russo que tinha a participação de diversos outros intelectuais, como Valentin Volóchinov e Pável Nikoláievitch Medviédev. Assim, as obras citadas respeitarão as assinaturas que foram utilizadas em suas respectivas edições.

os fatos são contestados e as ciências em geral, desvalorizadas e tratadas como conspiratórias.

Para tanto, empregamos o método dialético-dialógico (PAULA, FIGUEIREDO E PAULA, 2011), realizado pelo cotejamento de outros textos e contextos (GERALDI, 2012), por considerarmos não ser possível desatrelar o *corpus* do seu solo social e tampouco dos tantos outros enunciados com os quais ele dialoga.

Dada a infinitude de notícias falsas que circularam e circulam na internet durante o período de pandemia da COVID-19, o nosso recorte metodológico considerou a recorrência de peças⁶ de *fake news* que passaram por pelo menos três processos de verificação por agências de checagem brasileiras. Além disso, recorreremos ao critério espaço-temporal e ao critério temático: trata-se de enunciados relacionados à doença COVID-19 que circularam no Brasil a partir do mês de março até julho de 2020. Entre as temáticas analisadas, podemos observar conteúdos tanto sobre ciência médica (sintomas, diagnóstico e tratamento), quanto conteúdos deliberadamente falsos que buscam reforçar narrativas políticas.

A fim de atingir o objetivo proposto, a estrutura do trabalho foi dividida em quatro capítulos distintos, mas que dialogam entre si. No primeiro capítulo, partimos da contextualização do vírus da (des)informação e da pandemia ocasionada pelo vírus Sars-CoV-2. O intuito é situar esses dois fenômenos como elos coerentes no debate que nos propomos a realizar, além de embasar a justificativa e explicitar a relevância do nosso estudo.

Em seguida, no segundo capítulo, apresentamos a metodologia norteadora dessa pesquisa que concebe o enunciado como a realidade imediata da manifestação dos discursos e, conseqüentemente, como o limiar de toda pesquisa que contempla o sujeito e suas interações com o mundo. Dedicamo-nos, primeiramente, a explicitar o método dialético-dialógico e, em seguida, o cotejamento de textos como caminho de recuperação de sentidos da cadeia infinita de enunciados a que o texto responde. Ainda nesse capítulo, falamos sobre dialogismo e alteridade enquanto especificidades das pesquisas em ciências humanas (AMORIM, 2001). Por último, trazemos o que motivou a escolha dos critérios metodológicos supracitados.

No terceiro capítulo, reunimos os principais conceitos das obras do Círculo para apresentar a base epistemológica que sustentou esta pesquisa. Assim, para pensar a

⁶ Entendemos “peça” enquanto enunciado concreto, visto que aqui estamos pautados na teoria bakhtiniana. A nomenclatura é aqui utilizada por nós porque é este o termo empregado pelas páginas de checagem.

linguagem num contexto social concreto, como reflexo e refração do mundo, discorreremos sobre os conceitos inextricáveis de linguagem verbivocovisual (PAULA, 2017; PAULA e SERNI, 2017; PAULA e LUCIANO, 2020), enunciado, vozes sociais, ideologia, signo ideológico e ato responsável e responsivo.

Ressaltamos que os tópicos tratados e discutidos nos primeiros capítulos constituem o debate teórico de estudos que nortearam a nossa análise, que será apresentada no quarto capítulo. Por fim, o último item é dedicado à conclusão.

CAPÍTULO 1 – O VÍRUS DA (DES)INFORMAÇÃO

A desinformação é o vírus da assim chamada “era da informação”.

Vítor Lório

Estamos tratando de uma pandemia dentro de outra “pandemia”: a pandemia de (des)informações e a pandemia da COVID-19 coexistem. A chegada do novo vírus colocou à prova a importância do combate à fraude noticiosa, principalmente em um momento em que as *fake news* fragilizam a credulidade informacional. Destarte, esta seção trata do “vírus”⁷ da (des)informação no contexto da pandemia causada pelo vírus SARS-CoV-2, popularmente conhecido como coronavírus, causador da doença COVID-19.

Ante a premissa de que todo enunciado, quando produzido, contempla um contexto social e historicamente situado, neste capítulo traçamos um breve panorama de contextualização, destacando alguns dos aspectos mais significativos para a introdução ao tema. Isto posto, dividimos a seção da seguinte maneira: na subseção 1.1, trazemos definições dos conceitos de *fake news* e *desinformação*; na 1.2, adentramos o fenômeno e suas implicações na sociedade; na 1.3, buscamos entender seus mecanismos de propagação; na 1.4, trazemos notas sobre os sinais da pós-verdade; na 1.5, exemplificamos alguns casos de *fake news* e, por fim, na 1.6, discutimos as agências de checagem como um dos procedimentos de combate e prevenção do vírus da desinformação.

1.1 Definições

Desde 2016, a imprensa internacional e nacional convencionou utilizar o termo *fake news* (em português, notícias falsas) para se referir às desinformações que são

⁷ Em 2002, o professor Dr. Vítor Lório, em seu artigo intitulado *Casos de desinformação: emblemas de uma era*, propõe pensar sobre a desinformação como um vírus do que foi chamado de “era da informação” e como a doença da virada do século. O paradoxo traçado pelo autor é aqui colocado em paralelo à pandemia ocasionada pelo vírus da COVID-19. Tendo em vista que o discurso da ciência e da negação da doença pela medicina é o grande discurso que aparece na pandemia, a justificativa da comparação dos termos é por eles não estarem descolados da realidade. Assim, a escolha do título e dos subtítulos deste capítulo foram articuladas para evidenciar essa contraposição.

difundidas e disseminadas massivamente, sobretudo nas redes sociais. A expressão alcançou notória visibilidade no cenário político e jornalístico e, como resultado, diversas perspectivas começaram a surgir. Assim sendo, não há um consenso sobre a definição, fazendo com que o debate sobre a relevância analítica do termo *fake news* recaia sobre pelo menos dois pontos que devem ser ponderados:

i) se o conceito deve se referir apenas a conteúdo noticioso comprovadamente falso ou se deve se referir também a outras técnicas de desinformação e engano, como os exageros, as omissões, as informações tiradas de contexto e as especulações; ii) se o conceito deve incluir apenas o conteúdo falso produzido intencionalmente ou se compreende também qualquer tipo de equívoco factual verificável, mesmo que não seja intencional, como um simples erro de apuração. (RIBEIRO & ORTELLADO, 2018, p. 73).

Uma extensa revisão da expressão foi realizada pelo pesquisador Axel Gelfert (2018), no artigo intitulado *Fake News: A Definition*. O autor considera as *fake news* como uma espécie de desinformação e que, portanto, qualquer suposta definição do termo deve estar situada em relação às variadas maneiras de desinformação e distorções do processo comunicativo.

Gelfert (2018) alerta que as preocupações que inicialmente motivaram o uso do termo, hoje correm o risco de serem abafadas pelo seu uso tático, uma vez que vem sendo empregado para atacar e difamar organizações legítimas de notícias. O autor utiliza como exemplo o político Donald Trump que, regularmente, direciona diversos ataques à imprensa norte-americana e classifica opiniões discordantes ou inconvenientes de *fake news*, o que contribuiu para a banalização do termo.

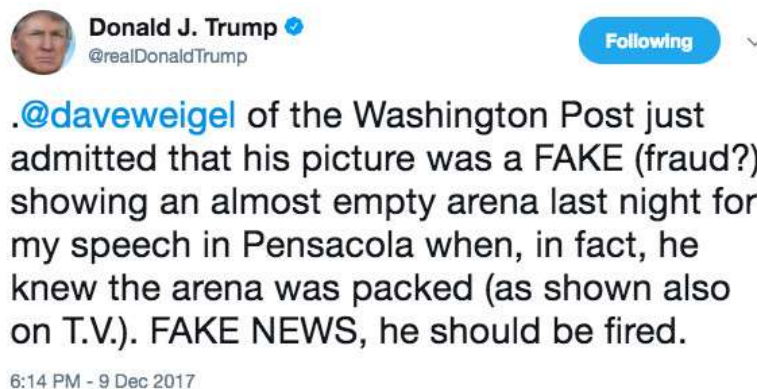
A primeira conferência de imprensa de Trump como presidente eleito dos EUA ficou marcada por ele ter se recusado a responder Jim Acosta, jornalista da CNN, e revidar dizendo “você é *fake news*!”⁸. Além disso, o ex-presidente frequentemente usava a sua conta no *Twitter* para realizar críticas e denunciar notícias, o que ele fez um total de 73 vezes entre 10 de dezembro de 2016 e 24 de julho de 2017. Esse cenário comprovou o potencial que as notícias falsas possuem no sentido de influenciar os discursos públicos e até mesmo intensificar a polarização em corridas eleitorais.

Na maioria das vezes, o presidente rotulou como *fake news* (em letras garrafais), organizações de notícias como CNN, MSNBC e New York Times, mesmo quando elas

⁸ Disponível em: <https://edition.cnn.com/videos/politics/2017/01/11/donald-trump-jim-acosta-cnn-fake-news.cnn>. Acesso em 22 de junho de 2020.

apresentaram notícias factualmente precisas, como o baixo comparecimento de pessoas no comício de inauguração de Trump.

Figura 1: *Tweet* de Donald Trump



Fonte: *Twitter*, 2020.

Em 2017, a expressão foi escolhida como a “palavra do ano” pelo dicionário britânico Collis⁹ após as menções ao termo terem aumentado 365% naquele ano. Em novembro de 2020, durante a disputa de reeleição de sua presidência contra o democrata Joe Biden, Trump teve diversos posts mentirosos removidos de suas redes sociais e outros que ganharam selos de alerta de “conteúdo duvidoso”. No dia 8 de janeiro de 2021, o *Twitter* decidiu banir Trump permanentemente da plataforma alegando riscos de novas incitações à violência¹⁰.

Ao mesmo tempo que o termo *fake news* tem sido trivializado, Gelfert (2018) discute a importância da expressão ser empregada de maneira séria, tanto pela academia quanto pela mídia. Posto isso, com o propósito de fornecer um ponto de partida ao estudo que propomos, levantamos uma multiplicidade de conceituações com problemáticas e significados que se imbricam.

A pesquisadora e semiótica Lúcia Santaella (2018) conceituou o termo como “notícias, estórias, boatos, fofocas ou rumores que são deliberadamente criados para ludibriar ou fornecer informações enganadoras. Elas visam influenciar as crenças das pessoas, manipulá-las politicamente ou causar confusões em prol de interesses escusos.” (SANTAELLA, 2018, p. 29).

⁹ Disponível em: <https://www.theguardian.com/books/2017/nov/02/fake-news-is-very-real-word-of-the-year-for-2017>. Acesso em 22 de agosto de 2020.

¹⁰ Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/twitter-bane-conta-de-donald-trump-permanentemente/a-56177474>. Acesso em 20 de janeiro de 2021.

As notícias falsas são, neste sentido, criadas (na forma de textos escritos ou imagéticos, vídeos e áudios), a partir de diferentes motivações, para que sejam disseminadas e recebam *status* de verdade por determinados grupos de pessoas. Entre as finalidades pelas quais elas emergem, podemos citar: disseminar discursos de ódio, atrair cliques e gerar audiência (*clickbaits*¹¹), promover um produto ou serviço, defender a reputação de pessoas ou grupos e, ainda, reforçar as próprias crenças e convicções.

Santaella também pondera sobre as variações que as notícias falsas podem sofrer, elencando como principais problemas o “conteúdo político que é deliberadamente falso; mensagens que são muito enganadoras, mas não necessariamente falsas; memes que não são nem verdadeiros nem falsos, porém capazes de produzir uma impressão negativa ou incorreta.” (SANTAELLA, 2018, p. 33).

Segundo Frias Filho (2018), embora as *fake news* sempre tenham existido, o autor defende que o termo está sendo empregado para efeitos de esgrima retórica, isto é, de maneira banalizada para puramente desqualificar opiniões divergentes daquela assumida por quem enuncia. Por isso, o autor afirma que convém tipificar o termo e considera este como “toda informação que, sendo de modo comprovável falsa, seja capaz de prejudicar terceiros e tenha sido forjada e/ou posta em circulação por negligência ou má-fé, neste caso, com vistas ao lucro fácil ou à manipulação política.” (FRIAS FILHO, 2018, p. 43).

A pesquisadora e diretora da *First Draft News*¹², Claire Wardle, parte do pressuposto de que a expressão não abarca toda a complexidade do fenômeno, pois passou a definir e a abranger coisas muito distintas, desde teorias da conspiração até notícias verdadeiras nas quais as pessoas se negam a acreditar. Assim, Wardle e Derakhsan (2017) introduzem um novo quadro conceitual para se pensar numa perspectiva de “desordem informacional”.

Os autores partem das diferenças entre três tipos de informação, sendo elas: *mis-information*, *dis-information* e *mal-information*¹³. O primeiro termo diz respeito à propagação de informação falsa, embora sem o intuito de causar prejuízos. Já o segundo

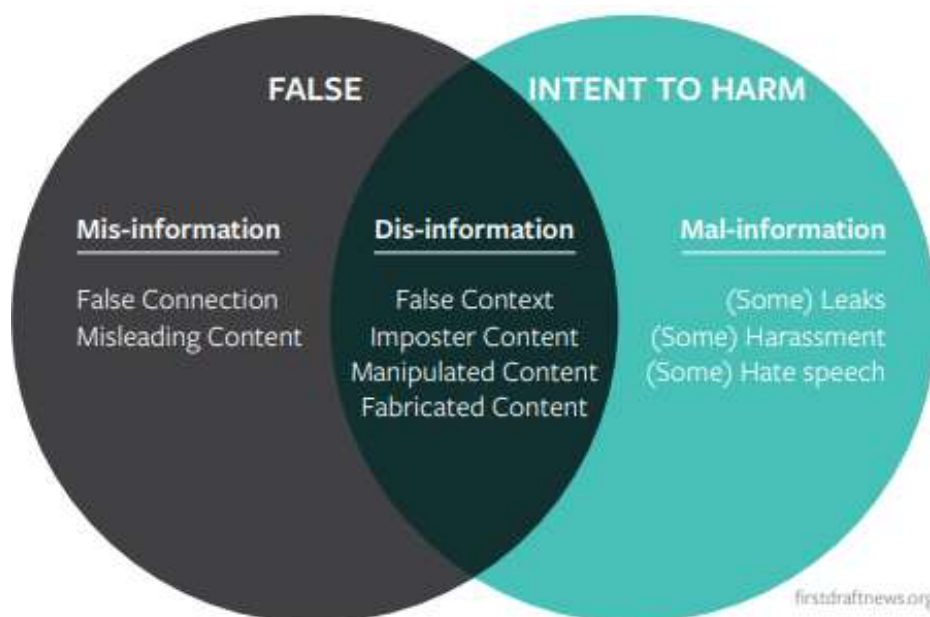
¹¹ O *clickbait* (“isca de cliques”) é uma prática usada para atrair tráfego por meio de títulos ou imagens atrativas, porém, fraudulentas. O usuário é “fisgado” por essa isca de cliques e acaba engajando conteúdos desinformativos pela curiosidade que lhe é despertada. É muito comum, por exemplo, nas *thumbnails* (imagens que realizam uma prévia do vídeo) no Youtube.

¹² ONG criada a fim de desenvolver diretrizes éticas e possibilitar ferramentas para a reportagem jornalística e o compartilhamento de informações no meio digital.

¹³ Traduzido a partir do original: “Mis-information: Information that is false but not created with the intention of causing harm. Dis-information: Information that is false and deliberately created to harm a person, social group, organisation or country. Mal-information: Information that is based on reality, used to inflict harm on a person, social group, organisation or country.”

refere-se a conteúdos sabidamente falsos, que são deliberadamente criados ou manipulados com a intenção de gerar dano para um indivíduo, grupo social, organização ou país. Por fim, o último termo se refere à divulgação de informações baseadas na realidade, mas que possuem o intuito de prejudicar pessoas ou grupos, como vazamentos, discursos de ódio e assédio.

Figura 2: Desordem informacional

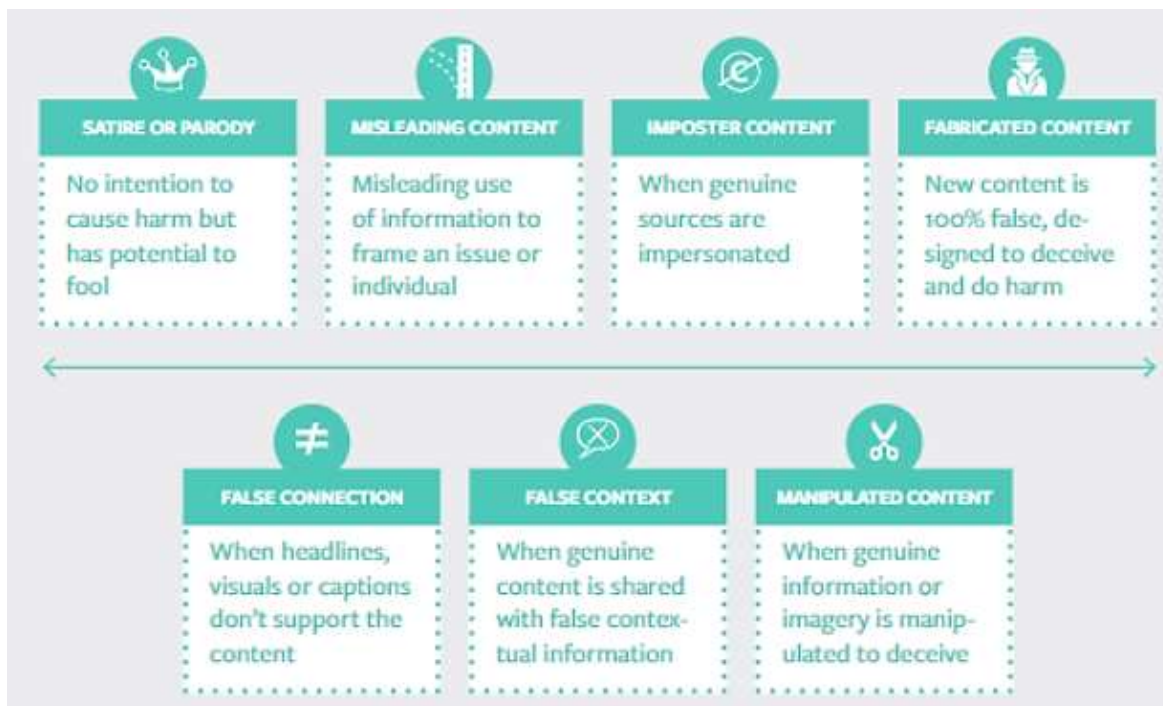


Fonte: Relatório *Information disorder: towards an interdisciplinary framework for research and policy making*, 2019.

Adentrando brevemente essa classificação, Wardle e Derakhsan (2017) ainda apresentam uma tipologia de sete modalidades de manifestações de *dis-information* e *mis-information*, sendo elas: (1) Sátira ou paródia: sem intenção de causar mal, mas com potencial em enganar; (2) Conteúdo enganoso: uso enganoso de informação para enquadrar um problema ou indivíduo; (3) Conteúdo impostor: quando fontes genuínas são personificadas; (4) Conteúdo fabricado: material novo, 100% falso, projetado para enganar e causar dano; (5) Conexões falsas: quando manchetes, fotos e elementos não correspondem ao conteúdo; (6) Conteúdo falso: quando um conteúdo genuíno é disseminado com uma falsa contextualização e, por fim, (7) Conteúdo manipulado: quando conteúdo genuíno é manipulado para enganar ou confundir pessoas¹⁴.

¹⁴ Tradução realizada a partir do Figura 3.

Figura 3: Manifestações dis-information e mis-information



Fonte: Relatório *Information disorder: towards an interdisciplinary framework for research and policy making*, 2019.

Com isso, pretendemos demonstrar que as desinformações se transvestem de diferentes roupagens para alcançar o fim a que se destinam; não se trata de um fenômeno regular, pelo contrário, é multifacetado e heterogêneo. Ao considerarmos o termo *mal-information*, dispomos como tradução possível o termo *má-informação*. Já a bifurcação semântica que ocorre com os prefixos *mis* e *dis*, que são empregados nos termos *mis-information* e *dis-information*, não possuem equivalência na língua portuguesa, de tal modo que, em ambos os casos, a tradução em um termo único poderia corresponder a *desinformação*.

Na pesquisa que aqui se apresenta, o cerne da questão não reside no nível de falsidade e/ou intenção de enganar ou causar dano, muito embora alguns desses aspectos possam ser englobados em estudos específicos. Assim, o conceito de desinformação, como proposto por Wardle e Derakhsan (2017), é aqui considerado em sua totalidade de práticas que tentam prejudicar o fluxo informacional e causar algum tipo de instabilidade sociopolítica.

Mais do que adotar uma outra terminologia, o que nos cabe é realizar uma problematização do fenômeno, posto que ele não se esgota na delimitação de uma única definição. Em síntese, entendemos que, muito embora se trate de definições com

diferentes perspectivas, há interesses e preocupações que se entrecruzam e problemáticas que estão correlacionadas.

No artigo *The Science of Fake News* (LAZER et al., 2018), da revista *Science*, os autores reforçam que lidar com o fenômeno requer um esforço multidisciplinar e que mantiveram o uso do termo *fake news* por conta do seu valor enquanto um construto científico e também porque sua proeminência política chama atenção a um tema importante. Assim, estabeleceram a seguinte definição:

são informações fabricadas que imitam o conteúdo noticioso na forma, mas não no processo ou na intenção organizacional. Os veículos de notícias falsas, por sua vez, carecem das normas e dos processos editoriais para garantir a precisão e a credibilidade da informação. As notícias falsas se acrescentam a outros desarranjos da informação, como a desinformação, seja no sentido da informação simplesmente equivocada (*misinformation*), como no sentido da informação equivocada que é difundida propositalmente com a intenção de enganar (*disinformation*). (LAZER et al., 2018, p. 2, tradução nossa).¹⁵

Nessa linha de raciocínio, trazemos outra conceituação, proposta pela pesquisadora Pollyana Ferrari (2018), que estuda e concebe as *fake news* como “uma variedade de desinformações que pode variar entre a correta utilização de dados manipulados, a utilização errada de dados verdadeiros, a incorreta utilização de dados falsos e outras combinações possíveis.” (FERRARI, 2018, p. 44). A autora reitera a ideia de que, apesar de não se tratar de um problema recente, esse tipo de conteúdo passou a ser disseminado em alta velocidade com a associação das redes sociais.

Bounegru et al. (2017) desenvolveram um guia que explicita que a noção de *fake news* não se apoia unicamente no tipo de conteúdo que circula online, mas que as características dessa circulação e recepção é que caracterizam um determinado conteúdo como uma *fake news*. Os autores entendem que as *fake news* podem ser diferenciadas da desinformação na medida em que são potencializadas pelo amplo acesso e pela larga escala de alcance de pessoas – fato influenciado pela mobilidade dos dispositivos móveis e também pelas redes sociais.

¹⁵ No original: “We define “fake news” to be fabricated information that mimics news media content in form but not in organizational process or intent. Fake news outlets, in turn, lack the news media’s editorial norms and processes for ensuring the accuracy and credibility of information. Fake news overlaps with other information disorders, such as misinformation (false or misleading information) and disinformation (false information that is purposely spread to deceive people).”

As notícias falsas podem ser consideradas não somente em termos da forma ou do conteúdo da mensagem, mas também em termos de infraestruturas mediadoras, plataformas e culturas participativas que facilitam a sua circulação. Nesse sentido, o significado das notícias falsas **não pode ser totalmente compreendido fora da sua circulação online**. (BOUNEGRU et al., 2017, p. 8, tradução nossa, grifos nossos).¹⁶

Desse modo, o foco recai sobre a circulação ao considerar que conteúdos falsos, fabricados e outros tipos de desinformações transformam-se em *fake news* à medida que ganham notoriedade por meio das plataformas digitais. Ainda segundo os autores, “para se tornar *fake news* elas [as notícias falsas] precisam mobilizar um grande número de públicos – incluindo testemunhas, aliados, reações e compartilhamentos, assim como oponentes para contestar, sinalizar e desmenti-las.” (BOUNEGRU et al., 2017, p. 18, tradução nossa).

Ao conduzirmos esse olhar com múltiplas definições para o objeto acerca do qual nos propomos a refletir, damos início ao esforço de assimilar o fenômeno no âmbito da perspectiva dialógica, sócio-histórica e ideológica da língua(gem), segundo a qual nada existe isoladamente e em nada há uma estabilidade completa ou permanente, mas sim um acabamento provisório, um constante devir. Desse modo, discursivamente, compreendemos as *fake news* como enunciados concretos e singulares situados no território da linguagem.

1.2 Sobre o vírus

No atual cenário global e, sobretudo o brasileiro, é essencial a percepção do vírus da (des)informação como um sistema complexo de consumo, produção e distribuição de informações. Para além de uma informação falsa que circula, essas construções discursivas afetam diretamente a relação existente entre linguagem e realidade, já que o setor de comunicação se configura como uma esfera decisiva na dinâmica que rege a sociedade.

Ao longo da história, o vírus da desinformação circulou entre governos de reis, imperadores, democratas e ditadores, espalhando-se desde os papiros e pergaminhos até

¹⁶ No original: “In this sense fake news may be considered not just in terms of the form or content of the message, but also in terms of the mediating infrastructures, platforms and participatory cultures which facilitate its circulation. In this sense, the significance of fake news cannot be fully understood apart from its circulation online.”

o surgimento da Internet. O avanço da Internet e das redes sociais favoreceu e ampliou sua propagação, permitindo uma disseminação em um contexto de grande e rápida circulação de dados e contribuindo para que este se tornasse um dos principais dilemas e desafios da contemporaneidade. Em meio à heterogeneidade de conteúdos e informações, em que falso e verdadeiro se misturam, se por um lado há uma maior democratização do conhecimento, por outro, há uma desordem informacional que colabora com a disseminação de conteúdos enganosos. Não se trata somente de uma informação falsa que circula nos meios de comunicação, mas sim de uma ferramenta poderosa de ressignificação da realidade, que proporciona novas dimensões de sentido e, conseqüentemente, de atos.

Na última década, a desinformação ganhou força principalmente como ferramenta do campo político, influenciando diretamente grandes disputas ao redor do mundo. A estratégia não é recente e a filósofa Hannah Arendt, no ensaio obra *Verdade e Política*, publicado em seu livro *Entre o passado e o futuro* (ARENDR, 2007 [1967]), já indicava as dificuldades estruturais existentes entre a política e a verdade, apontando que o perigo não é que a mentira dissipada em massa possa sobrepor-se à verdade, mas que possa destruí-la.

Processos políticos estão cada vez mais sendo comprometidos por estarem diretamente articulados com a manipulação de dados, principalmente em momentos em que a veracidade da informação pode ser decisiva, como, por exemplo, no referendo do Brexit, no Reino Unido, na eleição de Donald Trump, nos Estados Unidos, e na eleição presidencial de 2018, no Brasil.

Durante o Brexit, em 2016, quando ainda estava sendo discutida a saída do Reino Unido da União Europeia, passaram a circular nas redes diversos conteúdos falsos com o objetivo de confundir os eleitores ingleses a respeito de questões econômicas e migratórias. Como exemplo, podemos citar a foto de Nigel Farage, membro do parlamento europeu e líder do movimento que visava a saída da União Européia, ao lado de um pôster¹⁷ que mostrava homens e mulheres não-brancos em uma estrada, supostamente se encaminhando para o Reino Unido. A imagem contida no pôster se tratava de uma foto antiga registrada na fronteira entre a Croácia e a Eslovênia e sem nenhuma relação com os britânicos, ou seja, a imagem foi deslocada espacial e

¹⁷ Disponível em: <https://www.theguardian.com/politics/2016/jun/16/nigel-farage-defends-ukip-breaking-point-poster-queue-of-migrants>. Acesso em 10 de dezembro de 2019.

temporalmente para trazer a falsa informação de que o Reino Unido estava sendo “invadido” por imigrantes.

Também em 2016, a campanha que elegeu Donald Trump como presidente dos EUA foi permeada por notícias falsas relacionadas a questões morais e éticas como, por exemplo, o escândalo do *pizzagate*¹⁸ – uma espécie de teoria da conspiração inventada a partir de um e-mail do chefe da campanha de Hillary Clinton. A teoria alegava que a recorrência do termo *cheese pizza* era, na verdade, um sinônimo de *child pornography*, apenas por conta da coincidência de iniciais entre as palavras.

Estes dois eventos de 2016 foram posteriormente relacionados ao escândalo da Cambridge Analytica¹⁹, empresa que adquiriu informações pessoais de usuários do *Facebook* para disparar conteúdos personalizados com maior probabilidade de influenciar a escolha dos eleitores.

No Brasil, igualmente de cunho moral, conteúdos falsos sobre um suposto *kit gay*, cuja criação fora atribuída ao então candidato à Presidência da República, Fernando Haddad, circularam freneticamente durante o período de campanha eleitoral em 2018²⁰. De acordo com os levantamentos realizados pela Diretoria de Análise de Políticas Públicas da Fundação Getúlio Vargas (FGV DAPP), a repercussão do falso *kit gay*, ou o *kit do Haddad*, ficou em segundo lugar entre as notícias falsas mais compartilhadas durante o período eleitoral, perdendo somente para as notícias sobre fraude nas urnas eletrônicas. Mesmo a notícia tendo sido desmentida diversas vezes e comprovada como falsa, o assunto foi tratado como factual nas falas de Jair Bolsonaro (PSL)²¹, inclusive após ele já ter se eleito.

Contra Bolsonaro, as principais notícias falsas do período eleitoral foram relacionadas à facada com a qual foi atingido no dia 6 de setembro de 2018. Entre elas, podemos citar a de que o então candidato teria chegado andando ao hospital de Juiz de Fora (MG), logo após ter sofrido o ataque²². A imagem que circulou nas redes mostrava Bolsonaro andando e vestindo as mesmas roupas que usava ao ser esfaqueado, no entanto,

¹⁸ Disponível em: <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/pizzagate-o-escandalo-de-fake-news-que-abalou-a-campanha-de-hillary/>. Acesso em 10 de dezembro de 2019.

¹⁹ Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/entenda-o-escandalo-de-uso-politico-de-dados-que-derrubou-valor-do-facebook-e-o-colocou-na-mira-de-autoridades.ghtml>. Acesso em 10 de dezembro de 2019.

²⁰ Checagem realizada pela agência Aos Fatos. Disponível em: <https://www.aosfatos.org/noticias/e-falso-que-haddad-criou-kit-gay-para-criancas-de-seis-anos/>. Acesso em 10 de maio de 2020.

²¹ Em novembro de 2019 o presidente se desfilou do PSL.

²² Checagem realizada pela agência Aos Fatos. Disponível em <https://www.aosfatos.org/noticias/jair-bolsonaro-nao-entrou-andando-no-hospital-apos-ser-atacado/>. Acesso em 10 de maio de 2020.

a foto tinha sido tirada mais cedo naquele mesmo dia – isto é, a foto foi retirada do seu contexto original para a elaboração de uma informação falsa. O episódio da facada também se tornou alvo de discursos conspiratórios, sendo referido como “fakeada” ou “facada fake”. Um vídeo²³ de 57 minutos postado no Youtube questionando a veracidade com que os fatos foram narrados repercutiu fortemente nas redes e atualmente conta com mais de um milhão de visualizações.

Ainda em comum, alguns dos acontecimentos que marcaram as eleições dos EUA e do Brasil tiveram indícios de uso de instrumentos que automatizam a entrega dos conteúdos – seja por *bots* (automação total) ou *ciborgues* (automação que inclui ações humanas). Outros fatores também favorecem a dispersão de informações falsas nas redes sociais, como o anonimato da autoria (o vídeo conspiratório sobre a facada, por exemplo, foi postado em um canal anônimo) e a rápida propagação (por meio dos compartilhamentos e encaminhamentos, muitas vezes de maneira orgânica).

No Brasil, uma pesquisa realizada pelo IBOPE Inteligência²⁴, em outubro de 2018, mostrou que 90% dos brasileiros já receberam notícias falsas. Destas, foram mencionados conteúdos com informações enganosas, notícias antigas utilizadas como se fossem recentes, conteúdos manipulados e títulos que não condiziam com o restante do conteúdo. Analisou-se ainda que as principais fontes propagadoras foram o *Facebook* (80%) e o *WhatsApp* (75%). Destarte, desde 2019 uma comissão de senadores instaurou a “CPMI das *Fake News*”²⁵, que busca compreender a propagação de *fake news* no *WhatsApp* durante a campanha eleitoral de 2018.

A respeito do papel das redes sociais na eleição de 2018, sobretudo da plataforma *WhatsApp*, Almeida (2019) considera que esta teve um papel decisivo na construção da “(i)legitimidade dos candidatos”:

Merecem destaque nessa arena de interação política os efeitos crescentes da plataforma digital *WhatsApp*, por meio da qual circulam informações, *fake news* e memes em múltiplos grupos fechados que se sobrepõem às pequenas redes sociais: núcleo familiar, família extensa, grupos de trabalho, de amigos, de comunidades religiosas ou temporários com propósitos pontuais etc. Em resumo, o *WhatsApp* favorece uma interatividade mais instantânea, próxima e circunscrita.

²³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8hv1D6EgWfc&t=1s>. Acesso em 10 de janeiro de 2021.

²⁴ Disponível em: <https://www.ibopeinteligencia.com/noticias-e-pesquisas/9-em-cada-10-internautas-receberam-fake-news/>. Acesso em 10 de maio de 2020.

²⁵ Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2019/09/04/cpmi-das-fake-news-e-instalada-no-congresso>. Acesso em 10 de dezembro de 2019.

Uma socialidade mais ampla quantitativamente do que as relações face a face e, no entanto, fechada e menor do que a proporcionada pelo *Twitter* e pelo *Facebook*. Não é por acaso o esforço cada vez mais crescente de políticos e partidos para alcançar principalmente em período eleitoral as microrredes de interação virtual extremamente capilares. (ALMEIDA, 2019, p. 190).

O uso da desinformação, apesar de constantemente entrelaçada com a política, percorre diversos espaços e não visa a difamar apenas pessoas e grupos específicos. Os conteúdos falsos têm gerado prejuízos graves para os meios sociais e científicos, como, por exemplo, o surgimento exponencial de movimentos antivacina, os grupos de terraplanistas e a descrença de grande parte da população mundial no que poderia ser considerado, até então, o maior desafio do século XXI: a pandemia da COVID-19.

Desse modo, reforçamos que a pandemia de (des)informações da qual tratamos ocorre em paralelo à pandemia em curso da COVID-19, uma doença respiratória aguda, conhecida como Síndrome Respiratória Aguda Grave, causada pelo coronavírus - Sars-CoV-2. A abundância de (des)informações sobre o tema, proveniente das mais diversas fontes, dificulta a procura por fontes e orientações confiáveis quando são efetivamente necessárias.

No atual contexto, ambos os vírus constituem um sério problema de saúde pública, uma vez que as pessoas necessitam guiar-se por informações confiáveis, ou seja, baseadas em evidências científicas, para se protegerem e cooperarem com a redução do impacto da COVID-19. É comum, contudo, a recusa de muitas pessoas em seguir as intervenções sugeridas por autoridades, como o uso de máscara e o isolamento social.

De acordo com a OMS, no relatório *Managing the COVID-19 infodemic*, mencionado em nossa introdução, as desinformações a respeito da COVID-19 (referidas como infodemia) recaem na produção de informações incorretas sobre quatro temas principais: (i) A causa e origem do vírus e da doença; (ii) sintomas e transmissão; (iii) tratamentos, profilaxias e curas disponíveis e, ainda, (iv) eficácia e impacto das intervenções realizadas por autoridades sanitárias e outras instituições.

Muitas *fake news*, principalmente as relacionadas à prevenção, levaram pessoas a tomarem condutas diretivas inadequadas e até mesmo fatais. No Irã, centenas de pessoas ingeriram metanol tóxico por acreditarem em uma informação incorreta de que a

substância seria eficaz contra o novo coronavírus²⁶. Como consequência, mais de 300 pessoas morreram e muitas adoeceram.

Neste sentido, o relatório supracitado destaca que a infodemia pode agravar a pandemia por dificultar que fontes idôneas e orientações confiáveis sejam encontradas, além de afetar os processos de tomada de decisões quando o que se espera são respostas imediatas, sem que se dedique o tempo necessário para analisar com cuidado as evidências.

1.3 Mecanismos de propagação: algoritmos e o filtro bolha

Apesar de mentiras, boatos e desinformações sempre terem existido ao longo da história, o que o cenário atual traz de novo é justamente o efeito de rápida multiplicação que pode ser observado nos mais diversos meios de comunicação, principalmente por conta da consolidação das redes sociais. Esse ambiente virtual não só favorece, como intensifica a replicação das *fake news* em uma escala de tempo muito mais rápida e eficiente, permitindo que conteúdos diversos ganhem força e alcancem maiores índices de audiência e de influência.

Esse efeito atinge sua potência quando combinado aos processos de aperfeiçoamento de algoritmos que coletam dados pessoais dos usuários da Internet e realizam um direcionamento segmentado de *posts* e propagandas associados às características de cada pessoa. As redes sociais não só medem os *links* acessados, mas também realizam uma espécie de filtragem nas ações dos usuários a partir de suas reações e compartilhamentos. Isso permite que o conteúdo seja direcionado estrategicamente para um determinado público alvo, o que contribui para a formação do que Eli Pariser (2012) denominou *filtro bolha*²⁷.

Segundo o autor, o conceito é empregado para designar a ação dos algoritmos que trabalham como uma espécie de “filtro” no ambiente digital. Seu mecanismo funciona como uma ferramenta de previsão que influencia e direciona o acesso de conteúdos de acordo com o perfil de cada usuário. Neste sentido, eles “criam e refinam constantemente uma teoria sobre quem somos e sobre o que vamos fazer ou desejar seguir” (PARISER,

²⁶ Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2020/03/27/ira-veneno-coronavirus.htm>. Acesso em 15 de junho de 2020.

²⁷ O termo é correlato das expressões *bolha de conteúdo*, *filtro de conteúdo*, *bolha ideológica*, entre outras variações.

2012, p. 14). Tomaremos como referência as características e propósitos dos algoritmos utilizados pelo buscador *Google* e pela mídia social *Facebook*.

Um estudo²⁸ observou que a ferramenta de busca *Google* colabora para que os resultados das pesquisas estejam cada vez mais personalizados. Isso significa que quando duas pessoas pesquisam o mesmo termo na plataforma, elas podem obter resultados totalmente diferentes. Essa espécie de estratégia pode ser considerada como uma *customização de informações*, como podemos observar na figura a seguir:

Figura 4: Customização de informações



Fonte: Site Learn Out Live, 2016.

Contudo, conforme aponta Santaella (2019), as bolhas não são as causadoras diretas das *fake news*, muito embora elas possam contribuir com o poder que as notícias falsas exercem. De acordo com Pariser (2012):

²⁸ Disponível em: <https://learnoutlive.com/how-to-break-out-of-your-filter-bubble-and-reclaim-search-privacy/>. Acesso em 5 de maio de 2020.

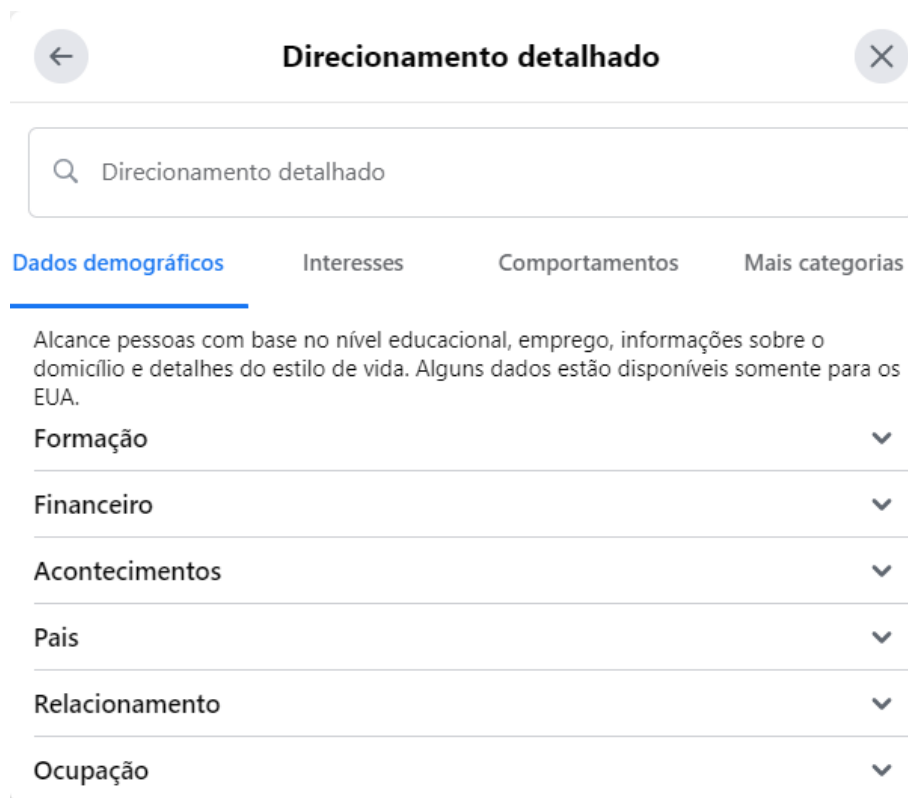
Na bolha dos filtros, há menos espaço para os encontros fortuitos que nos trazem novas percepções e aprendizados. A criatividade muitas vezes é atizada pela colisão de ideias surgidas em disciplinas e culturas diferentes. [...] Por definição, um mundo construído a partir do que é familiar é um mundo no qual não temos nada a aprender. Se a personalização for excessiva, poderá nos impedir de entrar em contato com experiências e ideias estonteantes, destruidoras de preconceitos, que mudam o modo como pensamos sobre o mundo e sobre nós mesmos. (PARISER, 2012, p. 19).

Doneda e Almeida (2016) também pontuam que é por meio desse mecanismo que as pessoas acabam sendo expostas prioritariamente a opiniões e ideias similares às suas próprias visões de mundo. Assim, uma vez que os diversos grupos se conectam por afinidades, as opiniões e as crenças pessoais tendem a ser, cada vez mais, reforçadas e dificilmente contestadas por pessoas que compartilham de um mesmo círculo social.

Outro mecanismo amplamente utilizado no *marketing digital* é o que ficou conhecido por *post sombrio* – um tipo de publicação patrocinada que aparece somente para o público alvo do anúncio, isto é, fica invisível para o público geral. Por meio da segmentação de público, o anunciante consegue direcionar o seu anúncio baseado em dados demográficos, geográficos, comportamentais, educacionais, entre outros.

Ao entrar na central de anúncios do *Facebook*, por exemplo, encontramos a seguinte possibilidade de direcionamento detalhado para *posts* patrocinados por páginas:

Figura 5: Direcionamento detalhado do *Facebook*



Fonte: *Facebook*, 2021.

Assim sendo, se nem todos recebem os mesmos anúncios e publicações, o processo de fiscalização é dificultado, o que não só contribui para a formação de “bolhas online”, mas também pode ser um fator decisivo para a propagação de conteúdos manipulados.

Por estarem em um processo de constante transformação dentro do ambiente midiático digital, cabe-nos ressaltar que os conteúdos que são deliberadamente falsos têm se tornado mais sofisticados e, em razão disso, também mais perigosos. Como exemplo, podemos citar o que se convencionou chamar de *deepfake* – uma técnica que permite a simbiose de imagens e sons humanos a partir do uso de *softwares* de inteligência artificial.

Para alertar sobre como essa técnica pode facilitar a criação de vídeos falsos, o cineasta Jordan Peele produziu um vídeo²⁹ em que o ex-presidente norte-americano Barack Obama aparece criticando o seu adversário Donald Trump e, ainda, falando sobre o filme Pantera Negra. Ao final do vídeo, Peele demonstra como o programa imita, de forma realista e natural, exatamente todos os seus movimentos e articulações de fala.

²⁹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cQ54GDm1eL0>. Acesso em 4 de abril de 2021.

Como podemos observar na legenda da figura a seguir, ele também adverte que vivemos um tempo em que “precisamos confiar em fontes de notícias credíveis”.

Figura 5: *Deepfake* envolvendo Barack Obama.



Fonte: Youtube, 2021.

Se no passado rostos gerados por inteligência artificial eram fruto de um procedimento complexo e somente realizado por profissionais de efeitos visuais, atualmente essa técnica se tornou menos limitada. A Samsung, por exemplo, desenvolveu um programa que permite criar vídeos falsos com apenas uma imagem de referência³⁰ e o aplicativo chinês Zao³¹ transporta o rosto de uma imagem para uma cena de filme ou de vídeos famosos. De acordo com reportagem³² do *El País*, os brasileiros são o segundo maior público, adepto ao uso dos *softwares*, que modifica rostos de políticos e figuras públicas.

Durante a corrida eleitoral contra Joe Biden em 2020, Donald Trump compartilhou em sua conta no *Twitter* (que na época contava com mais de 84 milhões de

³⁰Disponível em: <https://super.abril.com.br/tecnologia/com- apenas-uma-foto-algoritmo-da-samsung-consegue-criar-um-video-falso/>. Acesso em 20 de novembro de 2020.

³¹Disponível em: <https://canaltech.com.br/apps/app-chines-que-cria-deepfakes-viraliza-e-gera-preocupacao-148479/>. Acesso em 4 de dezembro de 2020.

³² Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-08-14/brasileiros-sao-o-segundo-maior-publico-de-aplicativo-que-troca-rostos-de-politicos-e-celebridades.html>. Acesso em 4 de dezembro de 2020.

seguidores) vídeos manipulados de seu oponente³³. Um dos vídeos editava uma fala de Biden, dita em um comício em Missouri, para parecer que ele estava, na verdade, declarando seu apoio a Trump.

Apesar do tom irônico com que os vídeos foram compartilhados, a atitude pode ter sido suficiente para confundir eleitores mais ingênuos. Assim sendo, ela prejudica os processos da democracia representativa clássica pois, como alude Santaella (2018, p. 35), “a democracia implica que as pessoas estejam devidamente informadas sobre temas candentes de modo a serem capazes de debater e tomar decisões”.

Os algoritmos que criam um ambiente exclusivo de informações para cada usuário e as técnicas de sistemas inteligentes, como mencionado anteriormente, não são os responsáveis diretos por conteúdos falsos ou manipulados circularem nas redes, mas sem dúvidas podem colaborar para a sua difusão ao explorar os “padrões” de atitude de cada indivíduo.

Tendo em vista a situação da “infodemia”, uma campanha-manifesto³⁴ foi assinada por especialistas da área da saúde no mundo todo. O manifesto é iniciado com um tom de desabafo: “neste momento, além da pandemia da covid-19, enfrentamos também uma infodemia global, com desinformações viralizando nas redes sociais e ameaçando vidas ao redor do mundo”. Na sequência, pede-se que as plataformas corrijam os erros nas desinformações sobre saúde e que desintoxiquem o algoritmo que decide quais conteúdos o público vai ler. Para os autores, “atualmente, esses algoritmos priorizam manter os usuários online ao invés de proteger a sua saúde, diminuindo, assim, o bem-estar da humanidade.”.

A tendência natural é que as técnicas evoluam e amadureçam, dando origem a novas formas de interação, o que significa que as reflexões e discussões sobre o tema devem ser constantes, principalmente no âmbito científico.

1.4 Ambiente de proliferação: a pós-verdade

O vírus da desinformação tem como ambiente propício e favorável o momento histórico da pós-verdade. Eleita a palavra do ano, em 2016, o Dicionário de Oxford³⁵,

³³ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2020/09/trump-compartilha-duas-vezes-video-falso-de-biden-ouvindo-fuck-da-police.shtml>. Acesso em 2 de janeiro de 2021.

³⁴ Disponível em: https://secure.avaaz.org/campaign/po/health_disinfo_letter/. Acesso em 18 de março de 2021.

³⁵ Disponível em: <https://languages.oup.com/word-of-the-year/2016/>. Acesso em 20 de março de 2020.

define o termo pós-verdade como “circunstâncias nas quais fatos objetivos são menos influentes em moldar a opinião pública do que os apelos à emoção e à crença pessoal”. Ainda de acordo com o dicionário, o prefixo *pós* deixa de significar meramente “o tempo após um evento ou uma situação específica” para significar o que caracteriza algo “pertencente a um tempo no qual o conceito específico se tornou irrelevante ou desimportante”³⁶.

A escolha da palavra para o ano de 2016 está relacionada com eventos que marcaram profundamente o cenário político nacional e internacional, como o referendo do *Brexit*, no Reino Unido e a eleição de Donald Trump, nos Estados Unidos, citados anteriormente. Ambos os exemplos possuem características que marcam o fenômeno da pós-verdade: a banalização da objetividade dos fatos e um constante relativismo do público sobre o que é ou não verdade.

A associação entre *fake news* e pós-verdade pode ser observada quando uma desinformação (materializada nas suas mais diversas formas, como memes, sátiras, manchetes etc.) é difundida rapidamente na internet, sobretudo nas redes sociais, desde que ela seja conveniente às opiniões e crenças de quem a compartilha. As pessoas escolhem negligenciar a realidade, ainda que o conteúdo possua claras evidências de se tratar de algo incorreto ou, no mínimo, duvidoso. Essa tendência, estudada pela psicologia cognitiva e social, também ficou conhecida por “viés da confirmação” (KAHNEMAN, 2011) e diz respeito a inclinação do ser humano em concordar com informações que confirmem crenças já existentes e refutar, ou ignorar, informações e conteúdos com os quais não se identifica.

Perosa (2017) relaciona a combinação de três fatores que propiciaram um terreno fértil para o império da pós-verdade: o ambiente de alta polarização política, a descentralização da informação (devido à ascensão de meios de comunicação alternativos e independentes com propósitos propagandísticos e ideológicos) e o ceticismo generalizado das pessoas quanto às instituições políticas e democráticas. Conforme McIntyre (2018), a pós-verdade é um campo de discussão composto por uma complexa constelação de temáticas, em que podemos notar diversos fenômenos como: negacionismo científico, hiperpolarização política, vieses cognitivos, *big data*, mídias sociais, bolhas *on-line* e pós-modernidade.

³⁶ No original: “Rather than simply referring to the time after a specified situation or event – as in *post-war* or *post-match* – the prefix in *post-truth* has a meaning more like “belonging to a time in which the specified concept has become unimportant or irrelevant.”

Para Matthew D’Ancona (2018), em *Pós-verdade: a nova guerra contra os fatos em tempos de fake news*, a pós-verdade caracteriza-se como uma alteração na percepção e no comportamento das pessoas no sentido de uma perda da primazia da verdade como princípio estruturante da sociedade e das decisões de interesse público e privado. Segundo o autor, o que a pós-verdade traz de novo “não é a desonestidade dos políticos, mas a resposta do público a isso. A indignação dá lugar à indiferença e, por fim, à conveniência” (D’ANCONA, 2018, p. 34). Isto significa que estamos vivendo em um período de desvalorização dos fatos, uma vez que eles perdem crédito perante as crenças e emoções de cada indivíduo, que opta por crer e divulgar notícias que estejam de acordo com os seus desejos e com as suas convicções.

Observemos na figura a seguir um anúncio para assinatura online do jornal Gazeta do Povo, do estado do Paraná. Por não sermos assinantes e estarmos utilizando um bloqueador de anúncios no navegador, deparamo-nos com um “bloqueio” do conteúdo do jornal e com uma espécie de propaganda.

Figura 6: Anúncio Gazeta do Povo



Fonte: Gazeta do Povo³⁷, 2020.

No enunciado-verbal, chama a atenção o seguinte questionamento: “Mas que tal apoiar a fonte que defende suas convicções?”. No *site* do veículo, é possível encontrar uma seção que explicita os valores que capitaneiam as suas coberturas jornalísticas.

³⁷ Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/>. Acesso em 20 de novembro de 2020.

Assim, sujeitos que compactuarem com as visões que são elencadas certamente se sentirão atraídos em compartilhar informações do veículo ou até mesmo realizar a assinatura de um canal que reafirma o seu posicionamento.

De acordo com pesquisa realizada pelo Pew Research Center (2020)³⁸, de modo geral, os cientistas e a ciência são valorizados ao redor do mundo. O resultado vai ao encontro do que afirma Souza (2017) a respeito da legitimação de ideias dominantes por meio dos discursos científicos. Para o autor, “quem atribui prestígio hoje em dia a uma ideia é a ciência, assim como antes era a religião.” (SOUZA, 2017, p. 26). A ciência ainda é, desse modo, fonte mediadora do que é verdadeiro ou falso no mundo e regula, em função disso, tudo que importa na nossa vida. Esse pode ser considerado um dos motivos pelos quais enunciados desinformativos se apropriam de um discurso cientificista para buscar validação do que é dito, como veremos em nossas análises.

Apesar disso, os dados da pesquisa também demonstram que os brasileiros são os que menos acreditam que os cientistas fazem o que é certo para a sociedade – 36% dos entrevistados disseram confiar pouco ou nada neles e somente 23% afirmaram acreditar muito nas atitudes dos cientistas. A pesquisa, apesar de realizada pouco tempo antes da pandemia, ajuda a explicar o motivo pelo qual o discurso anticientífico repercutiu tanto durante o momento da pandemia no nosso país, ocasionando um desprezo pelas orientações científicas. Esse declínio do protagonismo da ciência como fonte verídica e confiável, como veremos, abre espaço para teorias conspiracionistas e para o negacionismo científico.

Considerando o contexto da pós-verdade, D’Ancona (2018) discute que o conspiracionismo e o negacionismo tendem a operar de forma integrada e que é possível exemplificá-los por duas iniciativas distintas. A primeira, o movimento antivacina (conhecido por “anti-vax”), que propaga que a vacinação é nociva à população e que há um complô arquitetado pela indústria farmacêutica com anuência do estado em que se ocultam supostos efeitos colaterais das vacinas sobre a população, o que justificaria, por exemplo, o aumento nos índices de crianças com autismo.

O movimento foi alavancado em 1998, logo após a publicação de um artigo³⁹ do médico inglês Andrew Wakefield e colaboradores no *The Lancet*, uma antiga e renomada

³⁸ Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/brasil-de-costas-para-ciencia/>. Acesso em 20 de novembro de 2020.

³⁹ Apesar da revista *The Lancet* ter publicado uma retratação, o artigo ainda está disponível no site. Atualmente, ao longo de todo o texto há uma tarja vermelha escrita “retracted” (retratado, em português).

revista científica sobre medicina do Reino Unido. O artigo sustentava a ideia de um vínculo hipotético entre a vacina da Tríplice Viral ou MMR (sigla inglesa para sarampo, caxumba e rubéola) e o autismo tardio, conhecido por Transtorno Desintegrativo da Infância (TDI). Como consequência, as taxas de vacinação foram afetadas e o sarampo voltou a ser endêmico, ocasionando mortes de crianças em decorrência da doença.

Após uma investigação⁴⁰ que durou anos, o Conselho Geral de Medicina da Inglaterra encontrou uma série de fatores que considerou como conduta não profissional de Wakefield: o então médico trabalhava para advogados de pais que acreditavam que seus filhos haviam sido prejudicados pela vacina e, além disso, para que pudesse realizar o estudo, ele colheu amostras de sangue de crianças da festa de aniversário de seu filho, tendo pago £5 (aproximadamente 40 reais) a cada convidado pelo transtorno causado. Verificou-se também um possível conflito de interesses, já que antes mesmo da publicação do estudo na revista *The Lancet*, Wakefield havia realizado um pedido de patente para uma vacina contra o sarampo, o que significa que o fim da MMR poderia ser bastante lucrativo para o autor.

Em 2004, um grande estudo dinamarquês feito com 537 mil pacientes, publicado no *New England Journal of Medicine*⁴¹, não encontrou nenhuma associação entre a exposição à vacina Tríplice Viral e o autismo. Em maio de 2010, o Conselho finalmente condenou Wakefield por “comportamento profissional impróprio grave”, proibindo-o de exercer a profissão.

No entanto, apesar da condenação de Wakefield e da comprovação feita pelo estudo supracitado e outras pesquisas subsequentes, a taxa de vacinação continuou baixa e surtos da doença tornaram-se comuns no Reino Unido. O movimento antivacina passou a crescer no mundo todo e mais de 20 anos depois, em 2019, a resistência à vacinação foi listada pela OMS como uma das dez maiores ameaças à saúde global, uma vez que “ameaça reverter o progresso feito no combate às doenças evitáveis por meio de vacinação”⁴².

A segunda iniciativa mencionada por D’Ancona (2018) é o negacionismo do Holocausto: um movimento de cunho ideológico com orientação antissemita. De acordo

Disponível em: [https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736\(97\)11096-0/fulltext](https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736(97)11096-0/fulltext). Acesso em 5 de janeiro de 2021.

⁴⁰ “British Medical Council Bars Doctor Who Linked Vaccine With Autism”. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2010/05/25/health/policy/25autism.html>. Acesso em 5 de janeiro de 2021.

⁴¹ Disponível em: <https://www.nejm.org/doi/full/10.1056/nejmoa021134>. Acesso em 5 de janeiro de 2021.

⁴² Disponível em: <https://www.who.int/news-room/spotlight/ten-threats-to-global-health-in-2019>. Acesso em 6 de janeiro de 2021.

com tais grupos, o genocídio de judeus durante a Segunda Guerra Mundial não aconteceu, ou pelo menos não da maneira e nas proporções historicamente reconhecidas.

Carvalho (2019) demonstra que alguns grupos árabes extremistas, por exemplo, negam o Holocausto. Essa negação tem como motivação, neste caso específico, deslegitimar, tanto no contexto religioso quanto político, o Estado de Israel, criado em 1948. Mesmo o argumento sendo refutado pela historiografia, afirma-se que Israel só exista devido ao Holocausto. Assim, questionar os acontecimentos deste período é uma forma de esse grupo negar o direito de existência do Estado de Israel e o projeto nacional judaico. Isto significa que um grupo rejeita o consenso histórico-acadêmico sobre a factualidade do Holocausto por causa de crenças particulares.

Tanto a campanha contra a vacinação quanto a negação da existência do Holocausto têm como princípio uma fundamentação pseudocientífica ou, até mesmo, anticientificista. É neste mesmo contexto que hoje enfrentamos uma situação de risco à sociedade: a negação da pandemia do novo coronavírus.

A emergência de um movimento negacionista em relação à doença considerou o coronavírus uma grande “histeria coletiva”, criada por uma narrativa inventada pela China para destruir os mercados e empregos ocidentais, já que agora a população teria que realizar o distanciamento social. O presidente Donald Trump passou a utilizar o termo “vírus chinês”⁴³ para se referir ao coronavírus, contribuindo para a popularização da expressão e o aumento da xenofobia em relação àquele povo. Ao ser confrontado a respeito da insistência no uso da expressão, Trump disse que estava simplesmente sendo “preciso” ao chamar o vírus de chinês, pois é essa a sua origem. Além disso, também acusou a imprensa de estar semeando pânico e medo na população⁴⁴.

O Brasil também se inseriu na disputa geopolítica estabelecida entre os EUA e a China em relação à pandemia⁴⁵ e teve a expressão empregada por Trump reverberada no cenário político. No *Twitter*, Eduardo Bolsonaro, filho do presidente Jair Bolsonaro, culpabilizou a China e comparou a postura do país à atitude da antiga União Soviética depois do acidente ocorrido na usina de Chernobyl. Além disso, de acordo com os movimentos negacionistas e conspiracionistas, a imprensa deveria ser responsabilizada por criar pânico sobre algo que, segundo eles, não existe.

⁴³ Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/2020/03/17/trump-gera-mal-estar-ao-usar-termo-virus-chines-para-se-referir-ao-coronavirus>. Acesso em 20 de maio de 2020.

⁴⁴ Disponível em: <https://istoe.com.br/trump-defende-resposta-ao-coronavirus-e-acusa-imprensa-de-causar-panico/>. Acesso em 22 de março de 2020.

⁴⁵ Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-51963251>. Acesso em 22 de março de 2020.

Desde o surgimento dos primeiros casos confirmados de COVID-19, na China (província de Hubei), até a doença alcançar a escala de pandemia, a principal recomendação dos agentes da saúde tem sido o distanciamento e isolamento social como condutas mais adequadas para controlar a expansão do vírus, uma vez que ainda não há um medicamento cientificamente comprovado como seguro e específico para evitar sua disseminação. A recomendação implica medidas e ações diretas do governo e foi seguida em diversos países afetados pela pandemia. A medida mais rigorosa imposta pelo Estado ficou conhecida como *lockdown*, uma versão mais rígida de distanciamento social, recomendada em casos em que a curva de contaminação pelo vírus apresenta alta crescente.

No Brasil, medidas preventivas foram tomadas, mas isto não impediu que agentes públicos de primeira ordem, como o Presidente da República e seus Ministros, questionassem a eficácia do isolamento como estratégia de combate, alegando que a medida afetaria o setor econômico⁴⁶. A situação evidencia o momento de pós-verdade, com explícito ataque à ciência: de um lado, a recomendação dada por especialistas, de outro, a reafirmação de convicções e o questionamento da razão.

Um outro exemplo disso diz respeito à hidroxicloroquina, medicamento que foi promovido como a “cura do vírus”, mesmo após pesquisadores e especialistas demonstrarem que não havia evidências científicas de que seu uso era eficaz no tratamento da COVID-19.

Em um pronunciamento veiculado na televisão, no dia 24 de março de 2020, o presidente Jair Bolsonaro atribuiu ao seu “histórico de atleta” a ausência de sintomas, mesmo caso fosse contaminado pelo vírus:

No meu caso particular, pelo meu histórico de atleta, caso fosse contaminado pelo vírus, não precisaria me preocupar, nada sentiria ou seria, quando muito, acometido de uma gripezinha ou resfriadinho, como bem disse aquele conhecido médico daquela conhecida televisão. (BRASIL, 2020)⁴⁷.

Diversos casos divulgados no Brasil e no mundo demonstraram que atletas não estão imunes ao vírus e podem, inclusive, desenvolver sintomas mais graves da doença. A exemplo disto, temos o nadador sul-africano Cameron van der Burgh, de 31 anos,

⁴⁶ Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/2020/07/12/bolsonaro-volta-a-defender-aco-es-contr-a-pandemia-e-alerta-para-risco-de-recessao>. Acesso em 12 de julho de 2020.

⁴⁷ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=V1_DYb-XaAE. Acesso em 10 de abril de 2020.

medalhista de ouro nos Jogos Olímpicos de 2012; o francês Earvin Ngapeth, de 29 anos, astro do vôlei; entre outros⁴⁸ que também receberam diagnóstico positivo de infecção pelo vírus e tiveram sintomas severos.

Em última análise, podemos afirmar que os discursos políticos e os debates públicos – que implicam necessariamente um uso estratégico da linguagem – foram dominados pelo que se denominou pós-verdade. Ao empregar os termos “gripe” e “resfriado” no diminutivo para referir-se ao coronavírus, há uma clara tentativa de diminuir a gravidade da questão e ironizar a importância dada pelos especialistas ao tema. O questionamento duplo – da ciência e do jornalismo – foi observado também em um episódio em que Bolsonaro enuncia “aquele conhecido médico daquela conhecida televisão”, referindo-se a D

rauzio Varella, apresentador de séries sobre saúde no programa dominical Fantástico, da Rede Globo de Televisão. A referência se deu por conta de um vídeo postado no canal de YouTube do oncologista em janeiro. Trataremos desse caso específico a seguir.

1.5 Alerta de casos

No mesmo dia em que a OMS declarou estado de emergência de saúde internacional em razão da disseminação da COVID-19 (30 de janeiro), o site⁴⁹ do médico Drauzio Varella publicou um vídeo informativo contendo orientações de saúde relacionadas ao vírus. No vídeo, Drauzio afirmava que a população não tinha motivos para alterar o ritmo de vida diário e que as pessoas não deveriam entrar em pânico, uma vez que ainda não havia casos confirmados da doença no Brasil. Naquele momento, alguns países como a Itália, Índia e Filipinas tinham acabado de confirmar os primeiros casos e ainda não havia ocorrido mortes fora da China, que contava até o momento com 170 óbitos e cerca de 8 mil casos em todo o país.

A realidade da pandemia só começou a ser discutida mais seriamente no Brasil em meados de fevereiro, quando as UTIs dos hospitais da Itália passaram a lotar com pacientes sofrendo por insuficiência respiratória. O portal de Drauzio Varella seguiu publicando vídeos informativos, sempre acentuando que o vírus é dinâmico e a sua

⁴⁸ Disponível em: <https://www.olimpiadotododia.com.br/coronavirus/222709-atletas-contaminados-coronavirus-lista/> Acesso em 20 de julho de 2020.

⁴⁹ Portal Drauzio Varella. Disponível em: <https://drauziovarella.uol.com.br/>

disseminação é extremamente rápida, o que faz com que as informações e orientações sobre como lidar com o cenário mais atual mudem em um curto período de tempo.

O vídeo, que tinha como finalidade informar cientificamente e atualizar a população sobre as recomendações em relação ao vírus, estranhamente atingiu seu auge de compartilhamento apenas quase dois meses depois da data de postagem. Em março, quando o vídeo que havia sido publicado no dia 30 de janeiro passou a ser mais compartilhado, as informações e recomendações sobre o vírus já eram completamente distintas das iniciais, conforme mencionado, inclusive, nos vídeos subsequentes divulgados pelo portal do médico.

Entre os diversos compartilhamentos feitos de maneira descontextualizada, houve uma postagem no *Twitter* do então Ministro do Meio Ambiente, Ricardo Salles, que obteve a seguinte resposta da equipe do Drauzio Varella:

Figura 7: Portal Drauzio Varella



Fonte: *Twitter*⁵⁰, 2020.

Na figura acima é possível notar que o *tweet* do Ricardo Salles está indisponível. Isto acontece porque a própria plataforma no *Twitter* realizou uma expansão de suas regras para evitar *fake news* relacionadas à pandemia e excluiu a postagem feita pelo

⁵⁰ Disponível em: <https://twitter.com/drauzioarella/status/1241708490181283842>. Acesso em 20 de julho de 2020.

Ministro. Em um post do blog oficial⁵¹ da rede *Twitter*, há um detalhamento da ampliação dessa abordagem que ocorreu para “abranger conteúdos que forem eventualmente contra informações de saúde pública orientadas por fontes oficiais e possam colocar as pessoas em risco de transmitir o COVID-19”.

Estudos como o realizado por pesquisadores do *Massachusetts Institute of Technology* (MIT), que constatou que o compartilhamento de notícias falsas nesta rede social tem 70% mais chances de viralizar do que as notícias verdadeiras, apontam para a importância de iniciativas de combate à desinformação, como a exclusão de postagens falsas ou descontextualizadas. Segundo o estudo, cada postagem verdadeira alcança em média mil pessoas, ao passo que as falsas atingem de mil a 100 mil.

Após esse acontecimento, foi necessário que o Portal Drauzio Varella retirasse todo o material antigo do site para evitar que a desinformação se espalhasse e, desde então, todos os vídeos do médico passaram a conter a data de publicação junto à imagem.

A estratégia discursiva utilizada para que o vídeo de Drauzio voltasse a circular nas redes após determinado período é a de deslocamento espaço-temporal. Isto significa que o vídeo foi retirado do seu contexto histórico (momento em que o vírus ainda não havia sido registrado no Brasil) e transposto para outro totalmente diferente, em que a situação no Brasil já deveria seguir o procedimento de isolamento social.

É possível notar ainda um elemento motivacional frequente na disseminação de notícias falsas e que também caracteriza a pós-verdade: a conveniência (tanto por parte do criador quanto daqueles que as compartilham e divulgam). É recorrente, no vigente governo, que as autoridades questionem a ciência e dados comprovados. No entanto, o vídeo de Drauzio foi utilizado como argumento de validação para as falas do presidente a respeito da pandemia: se Drauzio, sujeito que se configura como um respeitável especialista da área da saúde, disse “o mesmo” que o Bolsonaro, ocorre uma espécie de validação do discurso e das informações dadas pelo presidente, contribuindo para que tais informações recebam o *status* de “verdade” por pessoas que se alinham ao mesmo pensamento do presidente.

Ao ser transposto para março, o vídeo perde a sua proposta de informar e passa a fazer justamente o oposto, uma vez que estas informações já estão desatualizadas e descontextualizadas. Apesar da distância temporal entre os meses de janeiro e março ser pequena, deve-se considerar a rápida evolução do vírus e o alto índice de contágio, fatores

⁵¹ Disponível em: https://blog.twitter.com/pt_br/topics/company/2019/ajudando-a-encontrar-informacoes-sobre-coronavirus.html. Acesso em 10 maio de 2020

que propiciam uma constante modificação nas informações. Isto significa que um texto informativo possui relação direta com o período em que foi escrito e que o tempo pode alterar a sua interpretação e a sua validade.

1.6 Como se prevenir: as agências de checagem e outras medidas

Entre as medidas encontradas hoje para prevenir e combater a intensificação das notícias falsas, espalhadas em curtos períodos de tempo, incluímos as agências de checagem especializadas e até mesmo a criação de departamentos, na própria estrutura jornalística, para cuidar especificamente da apuração de conteúdos que circulam nas redes. A prática, também conhecida pelo termo em inglês *fact-checking*, proporciona uma espécie de reinvenção da imprensa para atuar como filtro perante informações que não são verdadeiras.

Os primeiros veículos especializados em *fact-checking* surgiram nos Estados Unidos na década de 90 do século passado, mas foi em 2003 que surgiu a primeira plataforma – o projeto FactCheck.org, que se descreve como um “defensor do consumidor para os eleitores que visa reduzir o nível de engano e confusão na política dos EUA”⁵². Muito embora a definição evidencie o entrelaçamento do surgimento desse tipo de veículo à esfera política, os serviços das agências de checagem visam a comprovar a veracidade de informações em qualquer área, analisando declarações e depoimentos, imagens, vídeos e qualquer outro tipo de conteúdo informativo em que seja possível e necessária a checagem de dados.

As plataformas especializadas nesse tipo de serviço se consolidaram e, objetivando regulamentar o compromisso das agências, uma aliança internacional de apuração de informações foi criada, a *International Fact-Checking Network* (IFCN). Para integrar-se à IFCN, a agência precisa assinar um compromisso com apartidarismo e senso de justiça; com a transparência de suas fontes e de sua metodologia de verificação; com a transparência de seu financiamento e de sua estrutura organizacional; e com a abertura e honestidade de suas políticas de correção diante de eventuais erros⁵³. Todos esses dados são publicamente acessíveis nos sites de cada plataforma.

⁵² Disponível em: <https://www.factcheck.org/about/our-mission/>. Acesso em 10 de julho de 2020.

⁵³ Disponível em: <https://ifcncodeofprinciples.poynter.org/know-more>. Acesso em 5 de agosto de 2020.

Em agosto de 2020, a IFCN desenvolveu um *chatbot*⁵⁴ para *WhatsApp* para enfrentar o desafio da desinformação, especialmente durante a pandemia de COVID-19. Por essa funcionalidade, os usuários do aplicativo de mensagens podem verificar se informações específicas sobre a COVID-19 já foram classificadas como “falsas”, “parcialmente falsas”, “enganadoras” ou “sem evidência” por verificadores profissionais. Além disso, apenas com uma palavra-chave o usuário tem acesso aos últimos *fact-checks* realizados sobre o assunto.

Entre as agências que compõem a aliança, até o momento, destacamos quatro brasileiras: *Truco - Agência Pública*⁵⁵, fundada em 2011 por repórteres mulheres, é uma agência de jornalismo investigativo sem fins lucrativos; *Agência Lupa*⁵⁶, primeira empresa especializada em fact-checking do Brasil; *Estadão Verifica*⁵⁷, o núcleo de checagem dos fatos do jornal O Estado de São Paulo; e, ainda, *Aos Fatos*⁵⁸, que verifica as informações apostando em um conteúdo multiplataforma.

Considerando que grande parte da população brasileira tem dificuldades em acessar informações sobre saúde de qualidade técnica-científica comprovada, as agências de checagem de notícias desempenham um importante papel no que diz respeito ao acesso de conteúdos confiáveis. Desde maio de 2018, a agência *Aos Fatos* e a *Agência Lupa* integraram o programa de verificação de notícias da rede social *Facebook*. O objetivo do programa⁵⁹ é buscar estratégias para combater a distribuição de desinformação em suas plataformas. Para tanto, os conteúdos classificados pelas agências como falsos passam a ter sua distribuição orgânica reduzida e as páginas que repetidamente compartilharem notícias falsas também terão todo o seu alcance diminuído. Além disso, o *Facebook* também conta com uma ferramenta pela qual os próprios usuários podem denunciar páginas que contenham esse tipo de conteúdo.

Ambas as agências, *Aos Fatos* e *Lupa*, trabalham de forma semelhante a uma agência de notícias, já que produzem conteúdos e publicações diversas em seus próprios sites. Entre os conteúdos oferecidos pelas agências, destacamos o Radar, da agência *Aos*

⁵⁴ *Chatbot* é uma programação que simula a interação de uma conversação humana em um chat. O intuito é responder de tal maneira que as pessoas tenham a sensação de estarem falando com outra pessoa, já que é possível automatizar diálogos pré-definidos.

⁵⁵ Agência Pública – Truco, disponível em: <https://apublica.org/>. Acesso em 10 de julho de 2020.

⁵⁶ Agência Lupa, disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/>. Acesso em 10 de julho de 2020.

⁵⁷ Estadão Verifica, disponível em: <https://politica.estadao.com.br/blogs/estadao-verifica/>. Acesso em 10 de julho de 2020.

⁵⁸ Aos Fatos, disponível em: <https://www.aosfatos.org/>. Acesso em 10 de julho de 2020.

⁵⁹ Disponível em: <https://about.fb.com/br/news/2018/05/facebook-lanca-produto-de-verificacao-de-noticias-no-brasil-em-parceria-com-aos-fatos-e-agencia-lupa/>. Acesso em 10 de julho de 2020.

Fatos, uma ferramenta de monitoramento em tempo real do ecossistema de desinformação brasileiro.

O algoritmo da plataforma permite mensurar as tendências desinformativas na internet a partir de conteúdos de baixa qualidade, bem como verificar os termos que mais aparecem, conforme mostra a figura a seguir:

Figura 8: Radar Aos Fatos



Fonte: Aos Fatos, 2020.

Para realizar a checagem, a agência *Aos Fatos* esclarece que segue uma metodologia com sete etapas em que, na última, é realizada a classificação do conteúdo em um dos seus sete selos⁶⁰: *verdadeiro* (a declaração ou a informação são condizentes com os fatos e não carecem de contextualização para se mostrarem corretas), *impreciso* (necessita de contexto para ser verdadeira, isto é, em alguns cenários, é possível que a declaração em questão não se aplique), *exagerado* (quando elas não são totalmente falsas, mas estão próximas de ser), *contraditório* (o conteúdo é objetivamente oposto ao de afirmações ou ações anteriores atribuídas à mesma pessoa ou instituição que ela representa), *insustentável* (conteúdos cujas premissas não podem ser refutadas nem confirmadas, ou seja, aplica-se quando não há fatos, dados ou qualquer informação

⁶⁰ Método e selo da agência *Aos Fatos*. Disponível em: <https://www.aosfatos.org/nosso-m%C3%A9todo/>. Acesso em 10 de julho de 2020.

consistente que sustentem a afirmação), *distorcido* (boatos e notícias com conteúdo enganoso; aplica-se àqueles textos, imagens e áudios que trazem informações factualmente corretas, mas aplicadas com o intuito de confundir) ou *falso* (informações sem qualquer amparo factual).

Dada a importância da atividade da checagem de informações, principalmente considerando o atual cenário, em que a divulgação de informações precisas e baseadas em evidências é fundamental para o enfrentamento da pandemia, algumas medidas públicas vêm sendo tomadas.

Assim como as autoridades sanitárias se valem da ciência da epidemiologia para a tomada de decisões em relação à pandemia, também são necessárias ferramentas e medidas baseadas em evidências para o enfrentamento da “infodemia”⁶¹. Logo, em junho de 2020 a OMS realizou a 1ª Conferência de Infodemiologia da OMS, tendo como objetivo geral realizar um balanço das pesquisas relevantes, identificar as práticas efetivas e discutir as necessidades de pesquisa em saúde pública para avançar no combate à infodemia. Também foi publicado o folheto informativo “Entenda a infodemia e a desinformação na luta contra a COVID-19”⁶² a fim de esclarecer a população sobre medidas e práticas preventivas contra a desinformação.

A Organização das Nações Unidas (ONU) criou o projeto “Compartilhe Verificado”⁶³, com informações qualificadas e recomendações para as pessoas se guiarem durante a pandemia. A entidade afirma que “nunca antes houve tanta necessidade de informações precisas e verificadas”.

No Brasil, o Ministério da Saúde desenvolveu o projeto “Saúde Sem *Fake News*”, lançado em agosto de 2018, que apura, por um número do *WhatsApp*, mensagens que são enviadas pela população e, posteriormente, realiza uma classificação e explicação do conteúdo. Entre os tipos de *fake news* reconhecidas pelo Banco de Dados do Ministério da Saúde do Brasil⁶⁴, encontramos em 2020 principalmente temáticas relacionadas à COVID-19, como: 1) vacinação (“China anuncia vacina para coronavírus”); 2) medidas preventivas (“Chá de limão com bicarbonato quente cura coronavírus”) e 3) informações

⁶¹ Explicamos o termo utilizado pela OMS na introdução deste trabalho.

⁶² Disponível em:

https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/52054/Factsheet-Infodemic_por.pdf?sequence=14. Acesso em 20 de julho de 2020.

⁶³ Compartilhe Verificado. Disponível em: <https://shareverified.com/pt/Sobre>. Acesso em 30 de junho de 2020.

⁶⁴ Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br>. Acesso em 30 de junho de 2020.

relacionadas a medidas públicas (“Aplicativo Coronavírus-SUS, do governo do Brasil, é inseguro”).

O site também disponibiliza um painel informativo geral para acompanhamento de dados da doença, em que se pode verificar, com atualizações diárias, o número de casos recuperados e em acompanhamento, o número de casos confirmados e o número de óbitos acumulados. Em junho de 2020, no entanto, o Ministério mudou a metodologia de divulgação de dados, dessa vez omitindo o total de casos acumulados e também o número total de óbitos. A mudança gerou críticas e, após ordens do STF, a plataforma voltou a divulgar os números acumulados e os índices proporcionais dos contágios e mortes⁶⁵.

Figura 9: Painel Geral Coronavírus



Fonte: Ministério da Saúde, 2020.

Tanto o trabalho das agências de *fact-checking* quanto as tantas medidas mencionadas atuam para a construção de uma realidade fundamentada mais na informação do que na desinformação. Assim, tais propostas se empenham em resgatar e reforçar a confiança que deve ser depositada nas evidências científicas e nas instituições da sociedade democrática, ainda que nem sempre tenham êxito com fanáticos e negacionistas.

Tendo em vista que em tempos de bolhas online e pós-verdade é preciso ter cuidado e buscar iniciativas que viabilizem mudanças, Ferrari (2018) sustenta que uma significativa forma de prevenção, para além das ações mencionadas, é uma boa formação educacional básica que compreenda a pluralidade de narrativas e que estimule o desenvolvimento de um saudável senso crítico. De acordo com a autora, a educação pode

⁶⁵ Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/06/09/ministerio-da-saude-volta-a-divulgar-no-site-oficial-dados-acumulados-da-covid-19.ghtml>. Acesso em 27 de outubro de 2020.

ser considerada a melhor arma contra a prática das notícias falsas e da desinformação porque somente ela poderá “construir um exército de checadores”.

No entanto, no Brasil, as ações para o combate à desordem informacional ainda se apresentam de maneira muito dispersa e isolada, urgindo a necessidade do desenvolvimento de políticas públicas no âmbito da educação, principalmente relacionadas ao letramento digital. Esse conceito se alinha à ideia de desenvolver nos cidadãos competências midiáticas a fim de que esses saibam lidar com o consumo e a produção de informações e conteúdos audiovisuais.

Nesse sentido, a agência *Aos Fatos* conta, até o momento, com pelo menos 15 manuais que demonstram técnicas e ferramentas de checagem para conhecimento da população, entre eles: *Como checar declarações de políticos em 10 passos*; *Como checar boatos em 9 passos*; *Cheque e vote: como investigar seu candidato?*; *Como denunciar publicações enganosas nas redes sociais*; *Como fazer sua própria checagem de fatos e detectar notícias falsas*, entre outros. Este último manual⁶⁶ tem como orientação de checagem e detecção os seguintes tópicos: 1) Busque fontes confiáveis; 2) Questione; 3) Certifique-se de que no texto há referências; 4) Olho na linguagem; 5) Veja se o texto está assinado e se é possível contatar o veículo e 6) Redes sociais são um começo, mas não a melhor fonte.

Na seção HQ, o site também disponibiliza algumas checagens e conteúdos de educação midiática na versão quadrinhos.

⁶⁶ Disponível em: <https://www.aosfatos.org/noticias/como-fazer-sua-propria-checagem-de-fatos-e-detectar-noticias-falsas/>. Acesso em 5 de janeiro de 2021.

Figura 10: Como se proteger de golpes no WhatsApp

COMO SE PROTEGER DE GOLPES NO WHATSAPP



Ol, mãe! Me passa 1.000 reais? É meio urgente.

Me passa nessa conta aqui: 1000-1000-1000-1000 porque a minha o limite estourou.

SE RECEBER POR WHATSAPP OFERTAS ATRAENTES OU PEDIDO URGENTE DE DINHEIRO DE AMIGO OU FAMILIAR, DESCONFIE: PODE SER GOLPE.

LIGUE PARA QUEM ENTROU EM CONTATO E TENDE CONFIRMAR AS INFORMAÇÕES.



Ó, FILHO, PRA QUE VOCE TÁ PRECISANDO DE DINHEIRO?



Se código de verificação é: 123456789
Então digite o código aqui!

EM NENHUMA HIPÓTESE COMPARTILHE SENHA, DADOS BANCÁRIOS OU CÓDIGOS DE VERIFICAÇÃO DE CONTA QUE RECEBER POR SMS.

ISSO VALE TAMBÉM PARA LINKS QUE RECEBER NO APLICATIVO; NUNCA PREENCHA DADOS EM SITES ESTRANHOS OU QUE OFEREÇAM PROMOÇÕES E PRÊMIOS.



PARA EVITAR QUE SUA CONTA DE WHATSAPP SEJA CLONADA, É IMPORTANTE, AINDA, ATIVAR A VERIFICAÇÃO EM DOIS FATORES. ELA FUNCIONA COMO UMA SENHA ADICIONAL E DEVE SER MEMORIZADA PELO USUÁRIO, NUNCA SALVA EM ARQUIVOS NO TELEFONE.



SE FOR VÍTIMA DE GOLPE, DENUNCIE O CASO EM DELEGACIAS DE CIBERCRIMES.

AF

Fonte: Aos Fatos, 2021.

À guisa de conclusão deste capítulo, incluímos a reflexão de Vítor Lório (2002), que trata da “informação miúda” como instrumento de resistência e como “vacina” contra a desinformação:

Embora se propague rapidamente, seja altamente contagiante e atinja qualquer um indiscriminadamente, o vírus da desinformação, no entanto, frequentemente encontra na “informação miúda” sua mais eficaz vacina. A “informação miúda” seria aquela que resulta da experiência de vida do indivíduo no seu território. Sempre depurada individualmente, a “informação miúda” se constitui do saber originado na ambiência e no território do indivíduo, se utiliza de canais de escoamento próprios, paralelos à mídia convencional, e precipita uma aplicação local, pois traz um sentido de utilidade mais estreito. Sem bula pré-fixada e sem contraindicação, a informação miúda é capaz de, pela aplicação de altas doses de territorialidade, revigorar o indivíduo, elevando-o à condição de cidadão e promovendo nele a consciência de sua capacidade de resistência cultural. (LÓRIO, 2002, p. 52).

Por último, completamos que as estratégias de combate à desinformação, assim como as campanhas de vacinação que buscam conter a propagação de vírus que

desestabilizam o sistema de saúde, também podem ser vistas como ações emergenciais para resgatar a informação de qualidade e rejeitar a distorcida.

CAPÍTULO 2 – CAMINHO METODOLÓGICO

O objeto das ciências humanas é o ser expressivo e falante. Esse ser nunca coincide consigo mesmo e por isso é inesgotável em seu sentido e significado.

Mikhail Bakhtin

As proposições bakhtinianas a respeito da formalização de um método científico propriamente dito não são um conjunto de regras ou fórmulas a serem aplicadas a um objeto de estudo. Sua proposta envolve, pelo contrário, um caminho que é singularmente construído, a depender do que exige cada objeto de estudo. Para além disso, ao considerarmos a teoria bakhtiniana como base teórico-metodológica para nossa pesquisa, concebemos a dimensão dialógica⁶⁷ da linguagem como primordial para a construção do conhecimento que parte do nosso objeto de estudo. A dialogia como atributo da linguagem permite uma expansão no estudo dos discursos e, sobretudo, das *fake news* que constituem o nosso *corpus* de trabalho.

Esse modo de fazer ciência compreende que a análise das significações, compreensões e interpretações de um texto se dá a partir do contato que o texto estabelece com os sujeitos e com outros textos e contextos. Nessa concepção, o sujeito é constituído pela linguagem, refletindo e refratando suas experiências, valores e visões de mundo. É neste sentido que buscamos compreender a materialização dos enunciados presentes no *corpus* como objeto de estudo na perspectiva de compreender o sujeito – ser *expressivo e falante*.

Cabe a nós, a seguir, elencar as características desse procedimento e os critérios de análise que foram estabelecidos para o recorte do *corpus*. Para atender ao que nos propomos, este texto percorre os seguintes caminhos:

Na subseção 2.1 refletimos sobre o método dialético-dialógico cunhado por Paula, Figueiredo e Paula (2011). Entretanto, ressalta-se que muitas são as possibilidades de tornar viável o método dialético-dialógico que nos propomos a seguir, cabendo a cada

⁶⁷ Na fundamentação teórica, abordaremos esse e outros conceitos de maneira mais aprofundada.

pesquisador elaborar seus critérios de análise balizados por uma teoria de acordo com o seu objeto de pesquisa.

Na subseção 2.2 discorreremos sobre a relevância do cotejamento de textos, posto que a compreensão das significações de um enunciado se dá na relação que este estabelece com outros enunciados. Na 2.3 abordamos o princípio da alteridade, pois compreendemos que o objeto de estudo é construído e concebido por sujeitos em um processo que implica o reconhecimento da interação com a palavra do(s) outro(s). Por fim, na subseção 2.4 iremos expor os critérios metodológicos que foram empregados para que se realizasse um recorte na infinidade de notícias falsas que circularam e circulam na internet durante o período de pandemia da COVID-19.

2.1 O movimento dialético-dialógico

Para alcançarmos os objetivos aqui propostos, adotaremos, metodologicamente, a premissa de que as *fake news* são uma construção histórica que dialoga com dizeres anteriores numa perspectiva coletiva e social, podendo ainda fazer uso da narrativa jornalística ou de seus recursos para atingir fins diversos. Isto significa, de acordo com os postulados bakhtinianos, que elas não escapam ao dialogismo, fenômeno intrínseco à linguagem.

Adotar o método dialógico significa afirmar que os enunciados não podem ser estudados fora da cadeia discursiva, porque muitas vezes estabelecemos cotejo com enunciados de outras temporalidades – o enunciado não existe isoladamente, ele sempre estabelece diálogo com dizeres anteriores ou posteriores. Neste sentido, consideramos as *fake news* como essencialmente valorativas, uma vez que incorporam as variadas posições dos sujeitos e diversas vozes sociais⁶⁸.

Ao mesmo tempo em que o enunciado reverbera vozes já enunciadas, todo enunciado é também um evento *único e irrepetível*. Isto significa que mesmo quando há uma tentativa de imitação, reprodução ou releitura de dado enunciado, ainda que pelo mesmo sujeito, haverá a formação de um novo enunciado, posto que foi produzido em um outro momento e em outras condições de enunciação. Com base nessa reflexão, a nossa pesquisa também assim se configura, pois não é a primeira coisa a ser dita sobre a temática e tampouco será a última. No entanto, a abordagem metodológica que propomos

⁶⁸ No capítulo seguinte, especificamente em 3.3, adentraremos a conceituação de “vozes sociais”.

não é apenas dialógica, mas também fundamentada no movimento dialético-dialógico conforme proposto por Paula, Figueiredo e Paula (2011).

Em suma, a dialética entende o movimento como qualidade inerente a todas as coisas, o que significa dizer que todo fenômeno é resultado da relação que este estabelece com outros fenômenos em um movimento contínuo de transformações. De acordo com Konder (2008, p. 8), a dialética “é o modo de pensarmos as contradições da realidade, o modo de compreendermos a realidade como essencialmente contraditória e em permanente transformação.”.

Neste processo, e por meio dos discursos, é que vão se formando as contradições que permitem uma transformação qualitativa radical (e revolucionária) na vida concreta. Isto acontece porque o enunciado não termina em si mesmo, ele está aberto e passível de novas reconfigurações e novas enunciações.

O Círculo, apesar de apoiar-se na dialética marxista de tese (afirmação), anti-tese (negação da afirmação) e síntese (negação da negação, logo, uma superação do embate estabelecido entre as duas anteriores), não considera este último como uma superação mecanicista, mas como uma continuação no/do diálogo e, por isso, o movimento é considerado dialético-dialógico. Neste sentido, a síntese torna-se uma nova tese, uma nova afirmação, que retomará todo o movimento, que é inconcluso e inacabado, isto é, a síntese provocará a responsividade de outros enunciados que ainda virão. De acordo com Paula, Figueiredo e Paula (2011, p. 92) “relativizam-se os pontos de vista, que se modificam no jogo dialético-dialógico, logo, a convivência dos opostos tese e anti-tese, que digladiam no discurso por meios das vozes sociais, é o centro da cena, ou seja, a relação eu/outro.”

Daí pensarmos numa perspectiva metodológica que associe a língua, os sujeitos, a história e a ideologia, visando integrar os aspectos linguísticos e extralinguísticos por meio da análise de materialidades discursivas e tendo como categoria principal o diálogo. Ainda de acordo com as autoras,

[...] do nosso ponto de vista, é exatamente ao pensar o mundo por meio de uma concepção dialógica (ou, se quisermos, dialético-dialógica) que o Círculo de Bakhtin amplia a conceituação proposta por Marx, pois o Círculo russo percebe que no mundo não há a existência de grupos que se digladiam economicamente, por uma questão de produtividade, mas trata da constituição e do embate entre sujeitos de linguagem (que, claro, representam sujeitos sociais), que possuem diferentes formas de valores; e privilegia a existência do ato/atividade humana exclusivo de cada sujeito na interação consigo, com o seu grupo e com os diversos

grupos com que este se interrelacione. (PAULA; FIGUEIREDO; PAULA, 2011, p. 92).

Por isso, ao analisarmos o nosso *corpus*, o fazemos sempre na relação com outros enunciados que se encontram em diálogo com ele, anterior ou posteriormente, investigando como os diálogos implícitos e explícitos nos discursos refletem e refratam a conexão entre discursos e a realidade concreta de quem os produz. Logo, os enunciados que constituem as notícias falsas não possuem um acabamento em si, mas é neles que as teses, anti-teses, novas teses e respostas entram em embate.

Isto significa que é no processo de interação, ou seja, na responsividade aos enunciados das *fake news*, que ocorre o fenômeno contínuo de construção de sentidos. Essa interação pode estabelecer relações de aceitação ou recusa; reações positivas, engraçadas ou de raiva; *likes* ou *dislikes*; compartilhamentos ou provocações, sempre refletindo e refratando vozes sociais. É diante desta perspectiva que consideramos que analisar um discurso dialético-dialogicamente é tomar parte no discurso social.

2.2 Cadeia infinita de sentidos: o cotejamento de textos

Como mencionado anteriormente, adotar o percurso metodológico proposto pelo Círculo de Bakhtin significa reconhecer o dialogismo como constitutivo de todas as relações e interações da atividade humana. O passo seguinte desse percurso é a questão de como se estabelece a *compreensão* dos sentidos do texto que, devido à sua natureza dialógica e social, só poderá ser compreendido em profundidade no processo de cotejamento com outros textos e contextos em um movimento incessante na cadeia discursiva.

O cotejamento de textos recupera parcialmente a cadeia infinita de enunciados a que o texto reage e, por isso, é entendido por Geraldi (2012, p. 31) como “a única forma de desvendar os sentidos”. Diante desta perspectiva, nosso trabalho compreende o cotejamento de textos e de seus contextos, ou seja, do horizonte discursivo que permite compreender esses enunciados como indispensáveis para o conhecimento que pretendemos obter com o estudo do nosso objeto.

Sendo a compreensão completa do texto uma atividade interpretativa e ativa, o cotejo possibilita que o pesquisador expanda os contextos e reconheça quais vozes estão sendo reverberadas nos discursos, recuperando significações e dialogando com outros enunciados. Ainda de acordo com Geraldi (2012, p. 33),

Ao ir cotejando os textos com outros textos [Bakhtin] vai elaborando conceitos ou reutilizando conceitos produzidos em outros estudos (até mesmo em outros campos) com que se aprofunda a penetração na obra em estudo. O resultado apresentado é uma “tese” no sentido de que contém um ponto de vista argumentado em que se sustenta a interpretação construída. A tese que aqui se constrói é por adição, de modo que os sentidos são inacabáveis. Interpretar é construir um sentido para um discurso, para um texto, e a validade dessa interpretação se mede por sua profundidade e pela consistência e coerência de seus argumentos.

Assim, o movimento dialógico a princípio parte de um dado texto e vai se desdobrando no movimento de conexão com textos anteriores (em um contexto do passado) e posteriores (antecipando o início de outro contexto). Bakhtin (2011, p. 400), evidencia o cotejamento como necessário à compreensão da dimensão de sentidos da palavra enquanto signo ideológico, posto que “cada palavra (cada signo) do texto leva para além dos seus limites” e, ainda, que “toda interpretação é o correlacionamento de dado texto com outros textos”.

Sendo nosso *corpus* constituído de discursos heterogêneos com posicionamentos ideológicos e determinações sociais diversas, essa característica do método permitirá evidenciarmos os choques ideológicos e o conflito entre as “verdades” presentes nas *fake news*. Esta abordagem ainda permitiu uma coleta significativa de material que pode ser utilizado mesmo após o recorte feito do *corpus* (com base nos critérios que vamos expor na subseção 2.4).

2.3 Reflexões sobre dialogismo e alteridade na pesquisa em ciências humanas

Nesta subseção, pretende-se abordar a questão da alteridade enquanto princípio metodológico, posto que esta discussão se faz relevante tanto nas pesquisas que investigam as práticas discursivas no campo dos estudos da linguagem, quanto nas pesquisas em ciências humanas em geral.

Bakhtin (2011) estabelece metodologicamente os estudos científicos com base no que ele determina de “heterocientificidade”. Para o autor, é importante pensar as ciências humanas como a ciência do homem, em que este é sempre visto como um sujeito que se manifesta no mundo por meio da linguagem. O pesquisador, por sua vez, por também ser considerado um ser expressivo dessa natureza, estabelece uma relação dialógica com o sujeito pesquisado e, assim, constrói sentidos, considerações e negociações sobre um

dados tema. Desse modo, ao assumirmos a teoria da linguagem que nos propõe Bakhtin como eixo orientador para a pesquisa em ciências humanas, não devemos pensar em exatidão, mas em uma outra ciência – uma heterociência.

Para Bakhtin e seu Círculo, a linguagem é o cerne da questão e, em razão disso, o texto é o primeiro passo de todo objeto de pesquisa e pensamento, já que é nele que o sujeito materializa sua linguagem e valida seu projeto de dizer. Logo, o *texto* é considerado o grande revelador de sentidos e significados – é nele que o sujeito imprime suas verdades, ideologias, juízos de valor e concepções de mundo.

Envolvido em um contexto, o texto-enunciado não deve ser analisado isoladamente na relação com o seu autor, mas como um elo na cadeia enunciativa e em relação com outros enunciados e outros sujeitos. Recuperando as reflexões anteriores, isso significa que analisar os discursos presentes e materializados nos textos implica compreender o sujeito e o contexto em que ele se insere, revelando suas motivações, crenças, inclinações ideológicas, interlocutor(es) pressupostos, além do tempo e espaço de produção de seus discursos.

O *outro* assume, para o Círculo, uma posição ativa na elaboração de um projeto discursivo, isto é, nunca atua de maneira fechada – tanto a língua quanto a linguagem, e tanto o homem quanto a história, não estão acabados. Isto significa que os sujeitos se constituem por meio da relação eu-outro, em um constante movimento de transformação. Esse movimento se dá pela perspectiva dialógica, uma vez que o *eu*, além de ser constituído pelo *outro*, também o constitui. Assim, do ponto de vista bakhtiniano, o princípio do dialogismo entende a alteridade como constitutiva do ser humano e de seus discursos.

A concepção de alteridade pode ser explorada no sentido da posição ativa e responsiva que o sujeito ocupa em relação aos enunciados. Essa característica do enunciado, somada à alternância dos sujeitos no discurso, permite uma movimentação dinâmica na interação discursiva. Locutor e interlocutor alternam suas posições, possibilitando que todo locutor seja também um respondente e, assim, reafirmando a teoria representativa que expomos do Círculo em que “o enunciado é um elo na cadeia da comunicação discursiva e não pode ser separado dos elos precedentes que o determinam tanto de fora quanto de dentro, gerando nele atitudes responsivas diretas e ressonâncias dialógicas” (BAKHTIN, 2011, p. 300).

Nesta cadeia em que se constroem os sentidos, o que está dito no enunciado não foi, ali, dito pela primeira vez, mas é uma resposta e reiteração de dizeres anteriores –

transforma-se a palavra alheia em palavra própria. Isto significa que qualquer enunciado está imerso no fluxo dialógico em que a palavra do *outro* é introduzida nos discursos em uma relação dialético-dialógica com o contexto em que os sujeitos estão imersos.

Se é a partir dessa relação que nos constituímos enquanto sujeitos, o pesquisador, por sua vez, também constrói e concebe o objeto sempre valorando, refratando e incluindo a palavra outra. Desta maneira, analisar o objeto é também pensar no outro e nos lugares em que são proferidos os discursos, procurando evidenciar os conflitos dialógicos e ideológicos que se configuraram como parte integrante do enunciado.

Essa concepção revela a condição de inacabamento permanente do sujeito, na medida em que o ser humano concreto é dinâmico, fragmentado e incompleto. Uma vez que seria impossível demonstrar a totalidade das vivências do homem no mundo, Bakhtin refuta a existência de verdades universais e compreende o mundo enquanto enunciado irrepetível, responsivo-responsável e assinado – provido de uma autoria.

Na obra *O pesquisador e seu outro – Bakhtin nas ciências humanas*, Marília Amorim (2001) desenvolve uma investigação sobre a produção de conhecimento em ciências humanas, tendo em vista, principalmente, a relação entre o pesquisador e seu *outro*, ou melhor, seus *outros*. A autora sinaliza a alteridade como parte constitutiva da produção de conhecimento.

Nossa hipótese de trabalho é de que em torno da questão da alteridade se tece uma grande parte do trabalho do pesquisador. **Análise e manejo das relações com o outro constituem, no trabalho de campo e no trabalho de escrita, um dos eixos em torno dos quais se produz o saber.** [...] Sem reconhecimento da alteridade não há objeto de pesquisa e isto faz com que toda tentativa de compreensão e de diálogo se construa sempre na referência aos limites dessa tentativa. É exatamente ali onde a impossibilidade de diálogo é reconhecida, ali onde se admite que haverá sempre uma perda de sentido na comunicação que se constrói um objeto e que um conhecimento sobre o humano pode se dar. (AMORIM, 2001, p. 28, grifos nossos).

Pensar no nosso objeto é redobrar a atenção que damos para o mundo que se encontra diante de nós. Cabe a nós o compromisso de buscar compreender em profundidade os sentidos do nosso *corpus* e, para tanto, é imprescindível o entendimento dos sujeitos presentes nos enunciados como coautores na permanente busca de sentidos para a condição humana. A nossa postura metodológica, enquanto analistas, é confrontar os sentidos que são revelados nas relações dialógicas.

2.4 Os critérios metodológicos

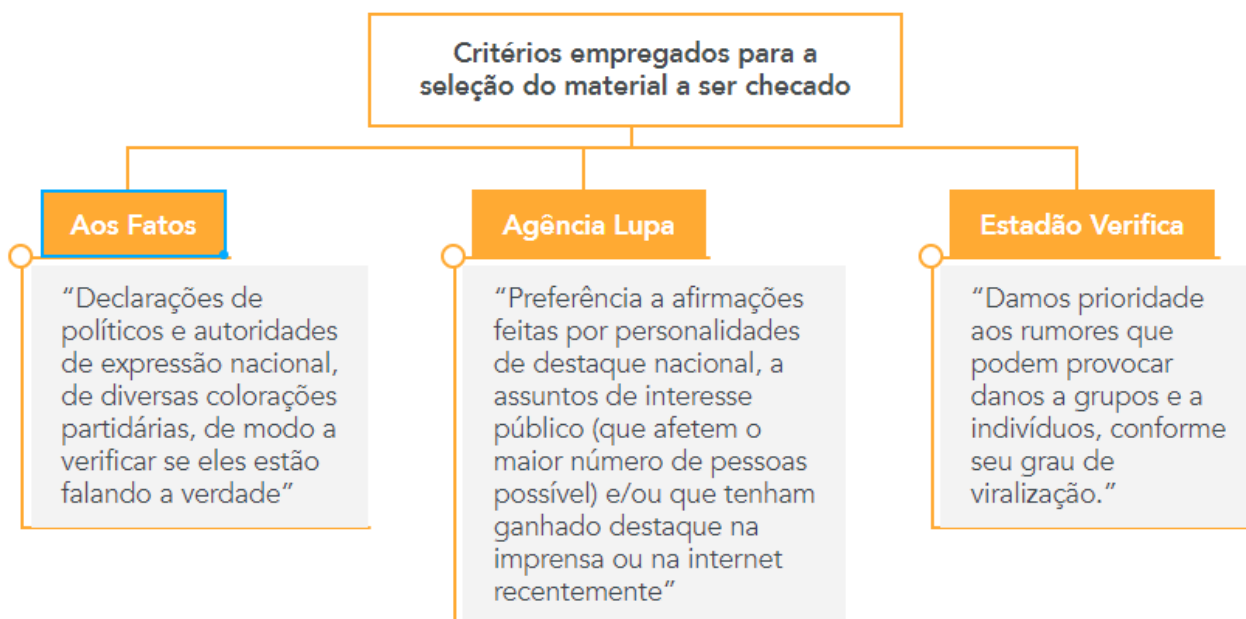
Não é tão simples delimitar e estabelecer os critérios e os limites da análise, sobretudo quando se entende o discurso a partir de uma teoria que, como aponta Geraldí (2012, p. 60), “reconhece a infinitude do processo dialógico”, ou seja, em que todo o dizer e todo o dito dialogam com dizeres anteriores e vindouros.

Sendo numerosa a quantidade de desinformações que circulam nas redes, principalmente durante um período tão delicado, o recorte se torna ainda mais complexo e necessário. Além disso, após serem postadas nas redes, as *fake news* circulam nas mais diversas esferas, dificultando o controle de sua disseminação e o conhecimento de sua origem.

Optamos por selecionar *peças* (termo empregado pelas agências) de *fake news* relacionadas à pandemia da COVID-19 que já passaram por um processo de verificação por agências de checagem brasileiras. Destarte, escolhemos a recorrência de checagem de uma mesma peça desinformativa em três das quatro agências brasileiras signatárias da *The International Fact-Checking Network (IFCN)*⁶⁹, sendo elas: *Aos Fatos*, *Estadão Verifica* e *Agência Lupa*.

Essa escolha se justifica, primeiramente, pela metodologia empregada pelas agências para a checagem do material selecionado. Em comum, todas as agências citadas necessitam ter metodologias explícitas e públicas em suas plataformas, embora a *Aos Fatos* seja a única a realizar um maior detalhamento dos processos. Esta afirma que define a seleção de uma informação pública a partir de sua relevância, seja porque uma autoridade pública a endossou, seja porque ela tem alto engajamento nas redes sociais. Assim, os próprios critérios metodológicos que guiam a seleção feita pelas agências justificam a razão de termos recorridos a elas. A recorrência de checagem que pode ser verificada em outras duas agências se somam ao critério de relevância, já que asseguram que aquela foi uma peça significativa.

⁶⁹ Abordamos mais sobre o papel das agências de checagem e a IFCN na subseção 1.6 da seção de contextualização. Em suma, tais agências trabalham seguindo os seguintes compromissos: apartidarismo e imparcialidade; transparência em relação às fontes; financiamento e metodologia; e política de correção aberta e honesta.

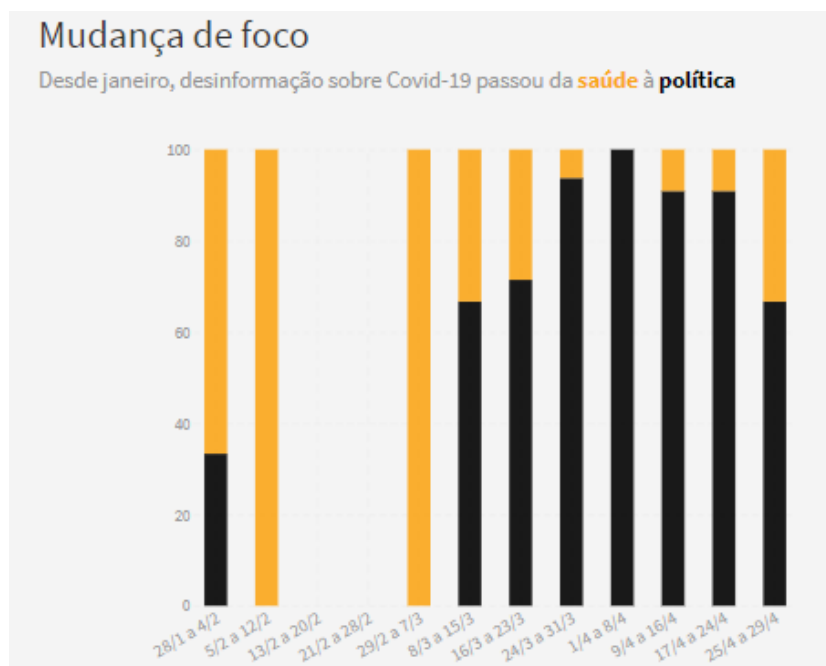
Figura 11: Critério das agências

Fonte: elaborado pela autora.

Isto posto, também consideramos que, feita a checagem da informação (em bases de dados, na confrontação com especialistas ou até mesmo com a fonte primária da informação), cabe a nós o papel de analisar as estratégias discursivas que são empregadas por aqueles que produzem as *fake news*. Ressaltamos, portanto, que o que será analisado não são as checagens, mas as peças desinformativas em si – os enunciados.

Para tanto, realizamos uma busca independente de cada *fake news* que foi analisada pelas agências. Elas foram encontradas em diversas redes sociais, principalmente no *Facebook* e *Twitter*, de tal modo que destacamos ser impossível definir a sua origem ou saber por quantas pessoas elas foram compartilhadas.

Entre as temáticas recorrentes, podemos observar conteúdos sobre ciência médica (sintomas, diagnóstico e tratamento) e, ainda, conteúdos que falseiam fatos sobre a pandemia para reforçar narrativas políticas. De acordo com a agência *Aos Fatos*, o teor político das postagens enganosas verificadas acentuou-se a partir do mês de abril de 2020, em meio à evolução de casos e mortes pela doença no Brasil.

Figura 12: Da saúde à política

Fonte: Aos Fatos, 2020.

Além do critério quantitativo empregado na escolha das agências, utilizamos o critério espaço-temporal e o critério temático: trata-se de peças desinformativas relacionadas à doença COVID-19, no Brasil, desde março (quando a OMS declarou estado de pandemia) até julho de 2020 (período em que o Brasil atingiu mais de 90 mil mortes em decorrência da doença). O assunto de que trata a peça, bem como a data de checagem realizada pelas agências, pode ser visualizado no quadro a seguir.

Quadro 1: Peças desinformativas

Peça	Agência de checagem	Data da checagem
1. Vacina cura COVID-19 em três horas	Aos Fatos	23/03/2020
	Estadão Verifica	29/05/2020
	Lupa	23/03/2020
2. Defesa de que isolamento não diminui disseminação da COVID-19	Aos Fatos	04/04/2020
	Estadão Verifica	04/04/2020
	Lupa	10/04/2020
3. Chá de boldo	Aos Fatos	14/05/2020
	Estadão Verifica	05/06/2020
	Lupa	14/05/2020
4. OMS se desculpa	Aos Fatos	31/08/2020
	Estadão Verifica	28/08/2020

	Lupa	12/06/2020
5. Mais mortes no primeiro semestre de 2019 do que em 2020	Aos Fatos	21/07/2020
	Estadão Verifica	14/08/2020
	Lupa	21/07/2020

Fonte: elaborado pela autora.

A data de checagem nos permite ter uma noção de quando a peça foi disseminada e, por isso, optou-se por escolher uma checagem de cada mês (de março a julho). É necessário observar, contudo, que as datas de checagem podem não coincidir entre as agências, havendo diferença, inclusive, de meses. Embora a peça 1, por exemplo, tenha sido checada pela equipe da *Aos Fatos* e *Agência Lupa* no dia 23 de março, o grupo Estadão Verifica só foi checá-la dois meses depois, no dia 29 de maio. Com isto, podemos inferir que o conteúdo teve um engajamento significativo que perdurou durante esse intervalo de tempo.

Os enunciados serão analisados em um processo dialógico, conforme proposto pela teoria bakhtiniana, trazendo referências e estabelecendo constantes diálogos entre discursos. É importante ressaltar que a perspectiva dialógica de cotejamento, mencionada anteriormente, se fará presente durante toda a análise a fim de procedermos a uma compreensão mais profunda do *corpus* e da pesquisa como um todo. A seguir, para o conhecimento do nosso leitor, adiantamos as peças que serão analisadas no capítulo 4.

Figura 13: *Corpus*: março de 2020



Fonte: Agência Lupa⁷⁰, 2020.

⁷⁰ Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2020/03/23/verificamos-vacina-coronavirus-roche/>. Acesso em 5 novembro de 2020.

Figura 14: *Corpus*: abril de 2020

 **Osmar Terra** 
@OsmarTerra

As Regras do Twitter aplicam-se a esse Tweet. No entanto, o Twitter determinou que pode ser do interesse público que o Tweet continue disponível. [Saiba mais](#)

Insisto que a quarentena aumenta os casos do coronavírus. A curva da epidemia nos países que a adotaram mostra isso (veja a curva do contágio na Itália, a linha verde marca início de quarentena radical). Isso pq o contágio se transfere da rua para dentro de casa e fica mais fácil



1:27 PM · 4 de abr de 2020 · [Twitter for iPhone](#)

3,6 mil Retweets **10,6 mil** Curtidas

Fonte: *Twitter*⁷¹, 2020.

⁷¹ Disponível em: <https://twitter.com/osmarterra/status/1246474430676643842?lang=pt>. Acesso em 5 de novembro de 2020.

Figura 15: *Corpus*: maio de 2020



Fonte: Aos Fatos⁷², 2020.

⁷² Disponível em: <https://www.aosfatos.org/noticias/cha-de-boldo-nao-combate-sintomas-nem-cura-covid-19/>. Acesso em 5 de novembro de 2020.

Figura 16: *Corpus*: junho de 2020

Fonte: Agência Lupa⁷³, 2020.

⁷³Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2020/08/28/verificamos-oms-hidroxiclороquina-erro/>. Acesso em 5 de novembro de 2020.

Figura 17: *Corpus*: julho de 2020

**SEMPRE GOSTEI DE NÚMEROS POR QUE ELES NÃO MENTEM, NÃO TEM COM ENGANAR!
ALGUÉM SABE ME EXPLICAR, TENHO UMA DÚVIDA?**

ÓBITOS	2020	2019	2019 a mais
JANEIRO	106.374	108.024	1.650
FEVEREIRO	90.109	90.884	775
MARÇO	95.137	103.590	8.453
ABRIL	103.109	111.735	8.626
MAIO	110.274	127.427	17.153
JUNHO	102.863	124.309	21.446
TOTAL	607.866	665.969	58.103

OU SEJA, NOS MESMOS MESES DE 2019 E 2020, NO ANO DE 2019 TIVEMOS 58.103 MORTES A MAIS QUE NESTE ANO AÍ PERGUNTO AONDE ESTÁ A “PANDEMIA”, NÃO ESTOU CONSEGUINDO VER - ALGUÉM PODE EXPLICAR? LEMBRE QUE OS DADOS SÃO OFICIAIS DE REGISTRO EM CARTÓRIO NO BRASIL - PODEM VER VOCÊS MESMO <https://transparencia.registrocivil.org.br/registros>

Fonte: Agência Lupa⁷⁴, 2020.

A partir do *corpus* aqui exposto, elaboramos quais os conceitos da obra do Círculo que nortearão as nossas análises. Assim, no capítulo seguinte, destinado aos subsídios teóricos, aprofundamos nossa fundamentação de acordo com o viés dialético-dialógico da teoria bakhtiniana.

⁷⁴Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2020/07/21/verificamos-2019-obitos-2020/>. Acesso em 5 de novembro de 2020.

CAPÍTULO 3 – SUBSÍDIOS TEÓRICOS

Não pode haver enunciado isolado. Ele sempre pressupõe enunciados que o antecedem e o sucedem. Nenhum enunciado pode ser o primeiro e o último. Ele é apenas o elo na cadeia e fora dessa cadeia não pode ser estudado.

Mikhail Bakhtin

Neste capítulo serão discriminados, teoricamente, os conceitos basilares para a análise e compreensão do nosso objeto de estudo. Para tanto, estabelecemos um diálogo com as concepções discutidas nos textos dos intelectuais (das mais variadas formações) que compunham o Círculo, bem como nos subsequentes desenvolvimentos desta teoria por pesquisadores atuais que subsidiam o nosso estudo.

As construções teóricas propostas pelo Círculo de Bakhtin podem ser pensadas como essencialmente dialógicas, uma vez que seus textos apresentam conceitos e reflexões que se imbricam e se articulam, sempre sustentando como eixos constantes e nucleares do seu pensamento a “unicidade do ser e do evento (e a conseqüente necessidade de não separar o mundo da teoria do mundo da vida), a relação eu/outro e a dimensão axiológica” (FARACO, 2009, p. 22). Trata-se, neste sentido, de uma teoria que não está construída em somente um texto, mas que vai elaborando e complementando seu arcabouço teórico ao longo do tempo.

Busca-se articular os conceitos não de modo exaustivo e conclusivo, uma vez que estes já vêm sendo objeto de estudo há algumas décadas, mas de modo a apresentá-los com a finalidade de explicar e compreender o nosso objeto de estudo. Os conceitos, apesar de entrelaçados, foram abordados individualmente, em um esforço didático para que assim facilite a leitura.

Na subseção 3.1, tomamos como ponto de partida a linguagem enquanto produto da interação discursiva. O enunciado, entendido como um evento único e irrepetível da comunicação discursiva, será discutido na subseção 3.2. Em sequência, na 3.3, trazemos

o conceito de vozes sociais e, em 3.4, o conceito de ideologia e signo ideológico na perspectiva dos estudos da filosofia da linguagem. Ao final, em 3.5 abarcamos o *ser* em sua posição ativo-responsiva e responsável por seus atos na vida.

3.1 Linguagem

Pensar a respeito da linguagem significa pensar sobre o ser humano em atividade, já que ela o constitui. Os estudos linguísticos adquiriram um caráter mais cientificista a partir da instituição de um método e um objeto por Ferdinand Saussure, principalmente após a publicação póstuma do *Cours de linguistique générale* (Curso de Linguística Geral), em 1916. Ao pensar em uma teoria do signo, as concepções dos estudos saussurianos priorizaram a análise dos elementos constituídos pelas formas da língua e a relação de natureza arbitrária do signo com outros signos no interior de um sistema. O Círculo de Bakhtin, ao reconhecer os estudos saussurianos, posiciona-se em relação a eles para construir uma nova forma de pensar as questões referentes à linguagem.

Em seu livro *Marxismo e filosofia da linguagem*, Volóchinov (2017 [1929]) comenta e critica duas correntes filosóficas dominantes no campo da linguística no que diz respeito ao século XX: o que ele nomeia como *subjetivismo idealista* (representada por Humboldt e Vossler) e *objetivismo abstrato* (que tem Saussure como seu principal representante). Nesta obra, Volóchinov (2017 [1929], p. 220) apresenta seu ponto de vista sobre a realidade fundamental da língua, apontando que “a língua vive e se forma no plano histórico justamente aqui, na comunicação discursiva concreta, e não no sistema abstrato das formas da língua nem no psiquismo individual dos falantes.”

Diante dessa perspectiva, Bakhtin e seu Círculo dão origem a uma teoria da interação discursiva⁷⁵, em que os estudos da linguagem priorizam o uso da língua em situações concretas de interação, concebendo o signo em sua natureza social, concreta e dialógica.

A linguagem é pensada como atividade humana e não somente enquanto sistema, pois “a consciência do falante não se orienta do sistema da língua, mas pelo novo, pelo irrepetível do enunciado, pelo concreto de sua singularidade, pelo seu horizonte social

⁷⁵ O termo “interação discursiva” é apresentado na mais recente tradução do livro *Marxismo e filosofia da linguagem*, realizada por Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo (VOLÓCHINOV, 2017). Cabe a nota, pois em outra tradução feita por Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2009), o conceito foi traduzido como “interação verbal” e obteve significativa circulação nos estudos sobre o Círculo.

avaliativo.” (FARACO, 2009, p. 22). Logo, a linguagem é construída continuamente mediante a interação dos sujeitos em uma determinada situação comunicativa e em um determinado contexto sócio-histórico e ideológico.

Em *Problemas da Poética de Dostoiévski*, Bakhtin (2008 [1963]) explora o romance de Fiódor Dostoiévski, escritor russo, e refere-se ao discurso como “a língua em sua integridade concreta e viva e não a língua como objeto específico da linguística, obtido por meio de uma abstração absolutamente legítima e necessária a alguns aspectos da vida concreta do discurso.” (BAKHTIN, 2008 [1963], p. 207). Nesta obra, Bakhtin (2008 [1963]) mais uma vez reforça que as questões de língua/linguagem não devem ser pensadas como algo formado no campo da abstração, mas como um constructo social, fruto da interação entre vozes sociais⁷⁶ que presentifica os discursos e o meio social que envolvem o indivíduo. Este se constitui como sujeito, portanto, nas relações que estabelece com o outro *na e pela* linguagem. É desta maneira que a língua reflete e refrata a sociedade, a cultura, a história e os valores presentes nos discursos.

Atrémos a essa reflexão o conceito de *verbivocovisualidade*⁷⁷, conforme proposto por Paula (2017, em andamento), assim como em Paula e Serni (2017) e Paula e Luciano (2020). O termo, apropriado da concepção de linguagem desenvolvida por James Joyce e pelo movimento da Poesia Concreta, é empregado para pensar a relação de uma linguagem tridimensional embasada nos estudos bakhtinianos. Assim, de acordo com Paula,

A análise de enunciados sincréticos fundamentada pelos estudos bakhtinianos não é uma prática canônica, uma vez que o Círculo não se voltou especificamente ao enunciado sincrético, visual e/ou musical. Entretanto, ao pensar na linguagem de maneira ampla (a partir do verbal), oferece arcabouço teórico pertinente para o estudo de enunciados de materialidades diversas, pois compreende a linguagem em suas dimensões verbais, vocais (sonoras e musicais) e visuais, de maneira indissociável. (PAULA, 2017, p. 290).

Assim, a proposta é de uma linguagem composta por três dimensões – verbal, vocal e visual, as quais Paula denomina, metaforicamente, verbivocovisual. A articulação entre as dimensões mencionadas é indissociável e recobre todo e qualquer enunciado

⁷⁶ Esse conceito será abordado na subseção 3.3.

⁷⁷ O conceito está em andamento desde o projeto trienal (2017-2019) denominado *Verbivocovisualidade: uma abordagem bakhtiniana tridimensional da linguagem*. Os primeiros apontamentos podem ser evidenciados em Paula e Serni (2017) e Paula (2017) bem como nos subsequentes estudos desenvolvidos principalmente pelo GED – Grupo de Estudos Discursivos.

independente de sua materialidade discursiva, podendo apresentar menor ou maior evidência nessa potencialidade tridimensional de acordo com o projeto de dizer arquitetônico que se encontra inserido em um dado gênero discursivo.

Beth Brait (2009) compreende o texto verbo-visual como constituinte do enunciado concreto, não podendo estas materialidades serem tratadas, pelo analista, como categorias separáveis. A concepção verbivocovisual difere da concepção verbo-visual aprofundada por Brait (2009) ao propor uma dimensão vocal para se pensar nos enunciados concretos. Retomando o postulado de Saussure, em que o signo decorre de uma relação dual composta por significante (imagem acústica) e significado (conceito), pensa-se na imagem acústica não como o som material, essencialmente físico, mas a impressão deste som, a representação que dele nos proporciona o testemunho dos sentidos. É a partir desta perspectiva e da união de fragmentos encontrados nos textos bakhtinianos que a proposta verbivocovisual, ainda em desenvolvimento, se orienta.

Exemplifiquemos com os enunciados das *fake news*. A dimensão verbal se manifesta por meio dos enunciados verbais estrategicamente elaborados, deslocando acontecimentos da realidade concreta dos sujeitos para um discurso impreciso e enganoso. A dimensão vocal ou sonora é manifestada por meio das vozes sociais que engendram os discursos presentes nas *fake news* e que revelam a polarização das valorações e axiologias dos sujeitos. Por fim, integram-se à dimensão visual as imagens ou fotos, muitas vezes descontextualizadas espaço-temporalmente, e que contribuem com o projeto discursivo do sujeito que as enuncia.

A linguagem, ao se estabelecer como enunciado concreto, poderá se materializar de diversas formas, sempre tendo os interlocutores como sujeitos situados, que se apropriam dos diversos recursos linguísticos, textuais e discursivos a fim de atenderem seu projeto de dizer.

3.2 Enunciado

É a partir do exposto que depreendemos que a realidade fundamental da linguagem é a interação discursiva e que é a partir dessa interação que emergem os enunciados. O enunciado é, portanto, constitutivo do ato discursivo e não pode ser entendido enquanto fenômeno individual do falante, já que sua natureza é fundamentalmente social. Assim, se faz necessário pensar no enunciado enquanto

categoria analítica para compreender como eles se formam dentro do contexto comunicativo que está sendo pesquisado.

Para que o enunciado seja compreendido, não basta uma observação de sua estrutura interna, mas sim da relação que este estabelece com outros enunciados, uma vez que um enunciado sempre responde a enunciados anteriores e a todos que o sucederão. Sendo assim, todo enunciado é fundamentalmente dialógico e não pode existir isoladamente, uma vez que ele “é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados” (BAKHTIN, 2011, p. 272). Em toda enunciação viva, concreta, que ocorre no cotidiano, é impossível a elaboração de um discurso que não dialogue com outros discursos precedentes ou vindouros.

O enunciado é sempre orientado para um interlocutor – é um *projeto enunciativo* de alguém para outro alguém. Desse modo, o ato enunciativo estabelece uma interatividade entre sujeitos, um *eu* para um *outro*, podendo debater, completar os sentidos, concordar ou refutar o que está sendo enunciado. Os sujeitos atuam de forma ativa na responsividade dos enunciados, já que, em essência, a compreensão do enunciado convoca uma resposta.

Nesse processo de comunicação social, o “receptor” do enunciado não é um ser passivo diante daquilo que compreende, mas assume para consigo uma compreensão ativamente responsiva, ainda que não se manifeste imediatamente em nenhum ato ou discurso. Em algum momento, o que foi enunciado encontrará um eco no discurso ou no comportamento de outro sujeito e a responsividade se fará visível “na tonalidade do sentido, na tonalidade da expressão, na tonalidade do estilo, nos matizes mais sutis da composição”, pois “o enunciado é pleno de *tonalidades dialógicas*” (BAKHTIN, 2011, p. 298, grifos do autor). Os enunciados que compõem as *fake news* evidenciam a relação dialógica apresentada, já que eles surgem como resposta e ganham destaque à medida que outros enunciados (enganosos ou não) estão em evidência.

Para Bakhtin (2011) é impossível que o enunciado seja absolutamente neutro, já que toda enunciação é construída considerando um horizonte apreciativo específico em que há disputas de sentido. A relação que o enunciador possui com o objeto do seu discurso determinará a escolha dos recursos lexicais, gramaticais e composicionais de seu enunciado. No entanto, o enunciado não se volta somente para o seu objeto, mas, ainda, para os discursos do *outro* sobre ele. Desse modo, a quem se direcionam, isto é, o seu *endereço*, é de fundamental importância para compreender o motivo pelo qual determinada estratégia discursiva foi utilizada.

De acordo com Bakhtin (2011), ao enunciar, consideramos quem é esta pessoa, quais são as suas crenças, seus preconceitos, seus posicionamentos diante de certas situações e o seu conhecimento de mundo, bem como o conhecimento sobre o objeto ao qual nosso enunciado se refere. Segundo o autor,

Ao falar, sempre levo em conta o fundo aperceptível da percepção do meu discurso pelo destinatário: até que ponto ele está a par da situação, dispõe de conhecimentos especiais de um dado campo cultural da comunicação; levo em conta as suas concepções e convicções, os seus preconceitos (do meu ponto de vista), as suas simpatias e antipatias – tudo isso irá determinar a ativa compreensão responsiva do meu enunciado por ele. Essa consideração irá determinar também a escolha do gênero do enunciado e a escolha dos procedimentos composicionais e, por último, dos meios linguísticos, isto é, o estilo do enunciado. (BAKHTIN, 2011, p. 302).

Desse modo, pode-se dizer que, ao produzirmos um enunciado, antecipamos a “ação responsiva” dos interlocutores. A resposta antecipada estabelece, por sua vez, uma ativa influência sobre o meu enunciado, o que significa que o interlocutor exerce uma função importante na produção do enunciado por ser também parte constitutiva no desenvolvimento e elaboração do discurso.

Ao transpormos essa questão para o nosso objeto de estudo, o *endereçamento* das *fake news* nos permite compreender qual o público-alvo ao qual elas se dirigem, e com o qual estabelecem diálogos. A finalidade discursiva é alcançada de maneira efetiva quando materializa, de forma explícita, enunciados que concordam com o que foi informado e quando os sujeitos compartilham ou encaminham determinada desinformação. Ou ainda, de forma indireta, quando as pessoas tomam atitudes que são decorrentes da desinformação que consumiram.

Por fim, trazemos a oportuna citação de Bakhtin (1993), do livro *Questões de Literatura e de Estética*, a fim de elucidar que a natureza do enunciado é sua techedura ideológica que toca outros fios do discurso, fomentando o diálogo social.

O enunciado existente, surgido de maneira significativa num determinado momento social e histórico, não pode deixar de tocar os milhares de fios dialógicos existentes, tecidos pela consciência ideológica em torno de um dado objeto de enunciação, não pode deixar de ser participante ativo do diálogo social. Ele também surge desse diálogo como seu prolongamento, como sua réplica, e não sabe de que lado ele se aproxima desse objeto. (BAKHTIN, 1993, p. 86).

É pelo exposto que concluímos que esta unidade de comunicação e significação carrega em si fios dialógicos e ideológicos que tramam o grande tecido que compõe a rede da comunicação discursiva. Essa natureza ideológica do enunciado revela a ação de *forças centrípetas e forças centrífugas*⁷⁸ que vibram em seu interior. Considerando que o enunciado é *elo na cadeia verbal* de outros enunciados, a sua análise evidencia o diálogo contínuo com outros discursos e, ainda, que ele é repleto de vozes sociais, conceito sobre o qual nos debruçaremos a seguir.

3.3 Vozes sociais

Os autores do Círculo de Bakhtin, apesar de não terem se dedicado singularmente ao conceito de voz social, utilizam ao longo de sua produção teórica termos relacionados à oralidade e à escuta, entre eles: voz, tom, tonalidade, entonação, polifonia etc. O termo “voz” se configura em um sentido metafórico – não se trata de uma mera emissão vocal, mas “uma designação metafórico-teórica de largo alcance, podendo significar discurso, enunciado, ponto de vista, consciência, perspectiva ideológica, palavra alheia, palavra outra etc.” (MELO, 2017, p. 72).

Bubnova (2011, p. 276) destaca que “voz se identifica com opinião, ideia, ponto de vista, postura ideológica”. Trata-se de opiniões concretas, perspectivas de mundo que se contaminam com outras vozes que circundam em uma determinada dimensão espaço-temporal.

Sendo nossa maneira de apreender discursivamente o mundo imanentemente dialógico, as vozes sociais se constituem na relação com vozes anteriores e, ainda, direcionam-se a outras vozes, suscitando novos diálogos e respostas. Assim, a compressão de sentido do enunciado se dá recuperando as vozes sociais com as quais ele conversa, os discursos já-ditos que remetem a uma determinada ideologia e visão de mundo representativas de um dado grupo social.

A partir da análise das vozes presentes nos enunciados das *fake news* é possível procurar a lente pela qual o sujeito compreende o mundo – suas inclinações a um modo particular de pensamento, suas valorações.

⁷⁸ Enquanto a primeira busca instaurar uma certa centralização enunciativa da realidade, a segunda age contrariando essa tendência. Neste sentido, as duas forças estão sempre em estado dialógico de interação, constituindo-se mutuamente.

O sujeito se constitui discursivamente e assimila as vozes sociais por meio das interações socioideológicas e discursivas. Sendo os discursos heterogêneos, o sujeito não assimila apenas uma voz social, mas várias e, deste modo, compreende e interpreta o mundo, constituindo-se como ser de linguagem. Para tal, é necessário considerar a constante presença do *outro*, posto que “nesse âmbito, existimos atravessados por infinitos vetores de nossas relações com os outros, que podem ser concebidos em forma de vozes da polifonia, vozes ações, opiniões, ideologias.” (BUBNOVA, 2011, p. 275).

Ao produzir um enunciado, o autor não dialoga com seu destinatário somente no momento em que ocorre a interação, mas inicia esse diálogo no processo de antecipação das possíveis reações a quem são destinadas. Neste sentido, Bubnova (2011) afirma que “para forjar um novo sentido a partir das vozes alheias, envolvemo-nos em um processo de compreensão do que se disse antes e tratamos de ouvir a possível resposta de nossos interlocutores, antecipando-a.” (BUBNOVA, 2011, p. 271). Essa antecipação, como sabemos, é essencial para a escolha dos elementos textuais e discursivos que serão empregados.

Ressaltamos a prática da antecipação sobretudo para as *fake news*, pois, como mencionamos anteriormente, trata-se de uma desinformação fabricada para atingir os mais diversos fins. Para tanto, elas necessitam de uma assimilação do que foi dito antes por parte dos grupos com os quais dialogam para que, assim, disponham dos recursos necessários para atingir a finalidade para a qual foram criadas.

Considerando que para Melo (2017, p. 75) “a voz existe, e só existe, por meio de signos ideológicos (palavras) e enunciados”, na próxima seção iniciamos as reflexões sobre ideologia e signo ideológico.

3.4 Ideologia e signo ideológico

Ideologia é uma palavra repleta de significados e complexidade no âmbito das Ciências Humanas, uma vez que teve sua carga semântica ressignificada diversas vezes, ocasionando um acúmulo de contradições, equívocos e ambiguidades. Na obra *Dicionário de política*, Bobbio, Matteucci e Pasquino (2010) afirmam que talvez não exista uma palavra que possa ser comparada com “ideologia” pela frequência com a qual ela é empregada e pela diversidade de sentidos que possui. Os autores dividem a palavra em dois significados: o primeiro é a percepção de “um conjunto de ideias e de valores respeitantes à ordem pública e tendo como função orientar os comportamentos políticos

coletivos”; o segundo significado tem início na tradição do pensamento marxista de “falsa consciência das relações de domínio entre classes” (BOBBIO; MATTEUCCI; PASQUINO, 2010, p. 585).

O termo tem sua origem na França, no início do século XIX, na obra intitulada *Eléments d’Ideologie*, de Destutt de Tracy⁷⁹, em que a palavra foi empregada para designar o “estudo científico das ideias”. Ainda na França, o termo obteve uma conotação pejorativa após Napoleão Bonaparte acusar Destutt de “agitações políticas” e chamar de “ideólogos” o filósofo e seus seguidores. Essa resignificação do conceito, acarretada por um viés político, atribuiu ao termo um sentido negativo que influenciou a formação da opinião pública burguesa ocidental da época.

No Brasil dos dias atuais, discussões que também atrelam um sentido negativo ao termo reverberam nos discursos políticos e nas redes sociais digitais, culminando em discursos *mentirosos* reproduzidos em forma de *fake news*. Em seu primeiro discurso no Congresso após tomar posse, por exemplo, Jair Bolsonaro prometeu que libertaria o país das “amarras ideológicas” e que combateria a “ideologia de gênero”⁸⁰, expressão que ganhou notoriedade principalmente no período de sua campanha eleitoral. De acordo com Maranhão, Coelho e Dias (2018), tanto as afirmações sobre “ideologia de gênero” quanto o suposto “kit gay” foram amplamente acolhidas por movimentos religiosos e contribuíram para a vitória do presidencial, mesmo tendo sido desmentidas antes do 2º turno. São, assim, dois exemplos de *fake news* que serviram a um projeto político.

O Círculo de Bakhtin, partindo do pensamento marxista supracitado, busca articular a relação entre ideologia e as questões da filosofia da linguagem, enfatizando a interação discursiva como forma de materialização da ideologia.

De acordo com Miotello (2012), Bakhtin e o Círculo aprofundaram a questão de ideologia estudada por Marx e Engels, afirmando que ela é construída no movimento dialético de instabilidade e estabilidade entre uma ideologia oficial e uma ideologia do cotidiano. Como ideologia oficial entende-se aquela que vê o mundo em uma concepção única, relativamente estável, em que há uma repercussão direta e dominante das estruturas socioeconômicas (infraestrutura) nas estruturas ideológicas (superestrutura). A ideologia do cotidiano é menos formalizada e sistematizada e se desenvolve nas interações sociais diárias, estabelecendo sistemas próprios de atribuições de ordem ao mundo. Juntas, elas

⁷⁹ Antoine-Louis-Claude Destutt (1754-1836), o conde de Tracy, foi um filósofo iluminista francês.

⁸⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nEayFGYwWkQ>. Acesso em 20 de julho de 2020.

compõem um contexto ideológico completo e relacional, sempre considerando o meio de produção e reprodução em um determinado contexto social.

Na obra *A construção da enunciação e outros ensaios*, Volóchinov (2013), define ideologia como “o conjunto de reflexos e interpretações da realidade social e natural que se sucedem no cérebro do homem, fixados por meio de palavras, desenhos, esquemas ou outras formas sígnicas.” (VOLÓCHINOV, 2013, p. 138). Partindo dessa definição, depreende-se que o Círculo analisa a dimensão ideológica nos discursos em relação com as marcas presentes nos enunciados. Estas marcas também revelam as condições de produção do enunciado. Assim, todo ato comunicativo vai se constituindo por signos multissêmicos que emergem no processo de interação, tornando possível que se identifique o seu conteúdo ideológico, que pode tanto transformar quanto reproduzir as relações de poder.

Considerando a dimensão axiológica circunscrita nas relações entre a linguagem e a vida social, Miotello (2012) ressalta que a linguagem é “o lugar mais claro e completo da materialização do fenômeno ideológico” (MIOTELLO, 2012, p. 170). A palavra, por sua vez, assume uma condição de *onipresença social*, pois ela é o elemento de articulação de todo o fluxo de comunicação da sociedade.

A palavra participa literalmente de toda interação e todo contato entre as pessoas: da colaboração no trabalho, da comunicação ideológica, dos contatos eventuais cotidianos, das relações políticas etc. Na palavra se realizam os inúmeros fios ideológicos que penetram todas as áreas da comunicação social. [...] A palavra é capaz de fixar todas as fases transitórias das mudanças sociais, por mais delicadas e passageiras que elas sejam. (VOLÓCHINOV, 2017, p. 106).

Desse ponto de vista, ideologia e linguagem se fundem em realidades interligadas. No entanto, a palavra só é entendida como um fenômeno ideológico e social quando esta se estabelece como signo ideológico nos enunciados, ou seja, quando ela passa a gerar sentidos específicos conforme suas condições de produção.

Os signos também são objetos únicos e materiais e, como acabamos de ver, qualquer objeto da natureza, da tecnologia ou de consumo pode se tornar um signo. Neste caso, porém, ele irá adquirir uma significação que ultrapassa os limites da sua existência particular. O signo não é somente uma parte da realidade, mas também reflete e refrata uma outra realidade, sendo por isso mesmo capaz de distorcê-la, ser-lhe fiel, percebê-la de um ponto de vista específico e assim por diante. As categorias de avaliação ideológica (falso, verdadeiro, correto, justo, bom etc.) podem ser aplicadas a qualquer signo. O campo ideológico

coincide com o campo dos signos. Eles podem ser igualados. Onde há signo há também ideologia. *Tudo o que é ideológico possui significação signica.* (VOLÓCHINOV, 2017, p. 93, grifos do autor).

O signo se transforma como um organismo vivo e dialógico, trazendo valorações e sentidos diferentes de acordo com determinada situação comunicativa. Esses valores sociais, culturais e históricos são, de acordo com os autores do Círculo, marcas ideológicas impressas no enunciado. Ao locutor é importante que a forma linguística seja coerente em seu contexto, tornando-a um signo adequado às suas condições de uso. Isto significa que a forma linguística ganha importância na medida em que se estabelece como signo variável e flexível e não como estável e normativo. O signo, portanto, sofre alterações de acordo com a passagem do tempo ou com o meio em que ele se manifesta, já que o seu sentido é constituído historicamente.

Em *O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica*, Medviédev (2012 [1928], p. 48) afirma que “todos os produtos da criação ideológica são objetos materiais e partes da realidade que circundam o homem”. Enquadramos o fenômeno da desinformação também como um produto de criação ideológica, uma vez que se constitui de signos num processo dialético-dialógico constante com o meio ideológico que o circunda. É no seio da comunicação social que os enunciados adquirem um determinado valor ideológico, uma vez que o signo não se faz sozinho. Segundo o autor,

Todos os atos individuais participantes da criação ideológica são apenas os momentos inseparáveis dessa comunicação e são seus componentes dependentes, e, por isso, não podem ser estudados fora do processo social que os compreende como um todo. (MEDVIÉDEV, 2012 [1928], p. 49).

Todo campo de criação ideológica compõe o meio ideológico, tornando-se, em dada medida, parte da realidade do homem. Podemos dizer que as plataformas digitais configuram parte desta realidade, já que estão diretamente ligadas aos processos de criação ideológica das notícias falsas. Como já mencionado anteriormente, certamente as *fake news* não reverberariam tanto se não fosse o efeito potencializador dessas mídias, que devido à sua larga escala de propagação, podem atingir rapidamente o efeito viral e se disseminarem.

A partir da afirmação de que “uma coletividade possuidora de percepção ideológica cria formas específicas de comunicação social” (MEDVIÉDEV, 2012 [1928],

p. 53), fica mais evidente a criação de formas específicas e planejadas de *fake news* que visam a dialogar com um determinado público em determinada esfera social. Do mesmo modo que “o homem social está rodeado de fenômenos ideológicos, de “objetos-signo” dos mais diversos tipos e categorias” (MEDVIÉDEV, 2012 [1928], p. 56), o homem também está rodeado de *fake news* que se manifestam em meios e símbolos diversos: um meme, uma corrente de *WhatsApp*, uma notícia, uma pesquisa, um documentário. Por isso o conceito de meio ideológico é tão caro teórica e metodologicamente: ele representa a consciência social de uma dada coletividade e o mundo em ação, em ato.

O meio ideológico é sempre dado no seu vir a ser dialético vivo; nele, sempre existem contradições que, uma vez superadas, reaparecem. Mas para cada coletividade, em dada época do seu desenvolvimento histórico, esse meio se manifesta em uma totalidade concreta, singular e única, reunindo em uma síntese viva e imediata da ciência, a arte, a moral e outras ideologias. (MEDVIÉDEV. 2012 [1928], p. 57).

As significações são construídas histórica e socialmente no processo de refletir e refratar a realidade de grupos humanos e seus respectivos interesses. Pode-se compreender, nesse caminho, que estamos trabalhando com uma teoria enunciativo-discursiva que considera a linguagem como atividade social, fundada em um processo concreto em que o signo se instaura ideológica e dialogicamente nos meios em que circula.

3.5 Ato responsável e responsivo

Na obra *Para uma filosofia do Ato Responsável* (BAKHTIN, 2009), uma das mais germinais do Círculo, Bakhtin trata sobre a unicidade do ser e do evento, revelando a constituição de uma arquitetônica que visa a integração do ético, o estético e o cognoscitivo. Ele propõe uma *prima philosophia* que seja contrária às correntes filosóficas universalizantes e que compreenda o evento como um acontecimento que é histórico, situado, singular e que se manifesta por uma atitude responsivo-avaliativa em relação à realidade. Apoiado nessas questões, Bakhtin realiza distinção entre dois tipos de verdade: *pravda* e *istina*.

A primeira, *pravda*, diz respeito à verdade do ser, a verdade do mundo da vida – o mundo que contempla o todo real da existência; aquele que oferece espaço para a realização de atos únicos e irrepetíveis, o ato-evento. Já a outra verdade, *istina*, está

relacionada à noção de uma verdade única, pré-fixada e pertencente ao que ele denomina de mundo da cultura – aquele em que os atos são objetificados na elaboração de teorias de natureza universal. Amorim (2009) explica que:

[...] a verdade do conteúdo de uma teoria diz respeito a leis universais e a um universo de possibilidades. E, a essa forma de verdade, Bakhtin atribui o termo russo *istina*. [...] Enquanto abstração, o único dever da teoria é ser verdadeira. Mas o próprio dever de buscar a verdade, aquilo que me obriga a *pensar veridicamente*⁸¹ enquanto estou pensando, não decorre do conteúdo do pensamento, mas do ato de pensar. Uma teoria verdadeira, ao virar ato, isto é, ao ser pensada por alguém singular e único, vira ética. E pode, assim, completar sua verdade universal com a verdade singular a que Bakhtin chama de *pravda*. Somente assim completada, a palavra da teoria se torna plena. (AMORIM, 2009, p. 22, grifos nossos).

Ponzio (2010), no prefácio feito para a edição de *Para uma filosofia do ato responsável*, publicada pela editora Pedro & João, explica que a palavra russa *postupok*, ato, “contém a raiz ‘stup’ que significa ‘passo’, ato como um passo, como iniciativa, movimento, ação arriscada, tomada de posição” (p. 9-10). Nessa perspectiva, a todo momento somos compelidos a agir, somos convidados a *responder*, pois “eu, como único eu, não posso nem sequer por um momento não ser participante da vida real, inevitável e necessariamente [*nuditel’no*] singular” (p. 98). É por meio das sucessivas responsabilidades particulares de cada um que nos tornamos sujeitos plenos de vida. Assim, “o ato responsável é, precisamente, o ato baseado no reconhecimento dessa obrigatoria singularidade.” (p. 99).

O fato da impossibilidade de o sujeito isentar-se ou eximir-se da responsabilidade de um ato significa que não há álibis para a existência humana – não há concessões, não há escapatórias ou desculpas. A respeito disso, Bakhtin (2009, p. 99) explica que existir concretamente na vida é não agir indiferentemente:

É apenas o não-álibi no existir que transforma a possibilidade vazia em ato responsável (através da referência emotiva-volitiva a mim como aquele que é ativo). É o fato vivo de um ato primordial ao ato

⁸¹ A respeito de se *pensar veridicamente*, cabe a nota para mencionar a contribuição dos estudos de veridicção propostos pela semiótica greimasiana. Para Greimas, a verdade está relacionada à problemática da veridicção; é um “efeito de sentido” produzido pelo discurso e é resultado de uma interpretação. Para que os sujeitos da enunciação se entendam – enunciador e enunciatário – se faz necessário a realização de um acordo tácito entre esses dois actantes; tal acordo, Greimas denominou de *contrato de veridicção*. Numa espécie de jogo de persuasão envolvendo os dois actantes do discurso, o enunciador se vale de procedimentos argumentativos e persuasivos para convencer o enunciatário sobre seus propósitos. O enunciatário pode, assim, acreditar ou não no discurso de acordo com suas convicções e crenças.

responsável, e a criá-lo, juntamente com seu peso real e sua obrigatoriedade; ele é o fundamento da vida como ato, porque ser realmente na vida significa agir, é ser não indiferente ao todo na sua singularidade.

Pensar, apurar, comprovar, indagar, responder, divulgar e escrever são atos enunciativos singulares e únicos que o sujeito realiza pela linguagem e que revelam as perspectivas sobre si, sobre o outro, sobre o mundo, sobre a vida. Logo, como ato ético, o sujeito-autor assina e assume uma responsabilidade ético-responsiva em cada discurso que materializa e que revela determinados valores éticos e determinada voz social.

A ética, por sua vez, é entendida como fundo discursivo que se firma na valoração axiológica e ideológica dos valores, mas ela não está ligada a um juízo moral. Nesse sentido, podemos pensar que as *fake news* divulgadas por um determinado grupo possui, para aquele grupo, um conteúdo que é ético. Exemplifiquemos: como mencionamos anteriormente sobre o estudo a respeito da vacina tríplice viral que foi publicado pela *The Lancet*, em 1998, mesmo após diversos estudos científicos terem comprovado a fraudulência do artigo e os interesses escusos do médico que o escreveu, durante anos ele vem sendo utilizado como argumento pelos grupos antivacina. Esse dizer discursivo nasce de uma situação social que leva a um ato de fazer social, nesse caso, a não-vacinação.

No desdobrar dos acontecimentos, diversas campanhas de imunização relataram terem sofrido ataques relacionados à vacinação. No Brasil, em 2010, entre os e-mails com dados falsos que circularam sobre a vacina contra a influenza H1N1, um relatava que a vacina fazia parte de uma grande conspiração para reduzir a população do planeta⁸². No ano de 2018, os ataques foram direcionados para a vacina da gripe⁸³ e, em 2020, para a vacina contra a COVID-19⁸⁴. As ocorrências ilustram que o discurso, quando repetido muitas vezes, mais do que cria uma verdade, constrói uma mentalidade e resulta em atos de dizer e atos de fazer que reverberam a voz de um determinado grupo.

Nos últimos meses, grandes redes sociais como o *YouTube*, o *Twitter* e o *Facebook* expandiram suas políticas para lidar com a desinformação sobre as vacinas do coronavírus e tiveram diversos conteúdos retirados do ar. O *YouTube*, por exemplo, desde

⁸²Disponível em: <http://g1.globo.com/Noticias/Ciencia/0,,MUL1533578-5603,00-BOATOS+SOBRE+VACINA+ANTIHN+SAO+IRRESPONSIVEIS+DIZ+MINISTERIO+DA+SAUD E.html>. Acesso em 25 de março de 2021.

⁸³Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2018/05/noticias-falsas-sobre-vacina-da-gripe-prejudicam-campanha-de-imunizacao.html>. Acesso em 25 de março de 2021.

⁸⁴Disponível em: <https://www.sanarmed.com/fake-news-sobre-as-vacinas-para-covid-19-podem-atrapalhar-imunizacao>. Acesso em 25 de março de 2021.

fevereiro de 2020, removeu mais de 800 mil vídeos por espalhar informações falsas sobre a doença⁸⁵. Para o movimento antivacina, tais medidas representam um ataque à liberdade de expressão, enquanto que, para instituições ligadas à ciência, a iniciativa é de suma relevância para que as campanhas sejam bem recebidas pela população. É nesse sentido que concluímos que, de acordo com Paula e Siani (2020b, p. 489), “uma mesma realidade de coisas é valorada diferentemente pelos grupos e/ou sujeitos a partir do lugar de fala, (segundo RIBEIRO, 2019⁸⁶) que ocupam no mundo, sendo as múltiplas axiologias encarnadas nos atos de linguagem.”.

É necessário, a partir dessa perspectiva, a desconstrução da noção de verdade única (de natureza generalizante), para pensar em uma verdade atravessada por visões de mundo e que se inscreve, portanto, no eixo axiológico. Bakhtin (2009) menciona repetidas vezes que o reconhecimento dessa singularidade não significa que o *eu* vive só para si, mas necessariamente na contraposição *eu/outro*. Conforme Faraco (2009, p. 21), “o *eu* e o *outro* são, cada um, um universo de valores” e “é na contraposição de valores que os atos concretos se realizam; é no plano dessa contraposição axiológica (é no plano da alteridade, portanto), que cada um orienta os seus atos”.

Em concordância com esse pensamento, Cristovão (2021) discute sobre o valor de verdade para o jornalismo e para as agências de checagem e propõe, ao final, que o combate às *fake news* passe pelo ato responsável e responsivo de que fala Bakhtin.

[...] levando-se em consideração que ainda não existem soluções definitivas para o enfrentamento dos malefícios para a sociedade do fenômeno das *fake news*, acreditamos que, qualquer que seja o caminho adotado para essa finalidade, ele passe pelo ato responsável de que fala Bakhtin, a fim de que cada indivíduo ou esfera de atividade possa executar o ato de assinatura-reconhecimento no final, de forma pessoal e intransferível, numa perspectiva de que não existe uma verdade única, universal, deslocada dos atos cotidianos e da esfera da vida, mas apenas uma verdade atravessada por valores, ideologias, crenças e motivações singulares. Pode ser pouco e insuficiente, mas é também uma forma de resistência num momento histórico em que novas distopias ameaçam o avanço das sociedades, em direção a um futuro em que atos responsáveis e responsivos sejam a tônica. (CRISTOVÃO, 2021, p. 11 -12).

Considerando que cada sujeito, em sua posição ativo-responsiva, é responsável por seus atos na vida que acontecem por meio da linguagem, incluímos nesse pensamento

⁸⁵Disponível em: <https://www.istoedinheiro.com.br/youtube-remove-30-mil-videos-com-informacoes-falsas-sobre-vacinas-covid-19/>. Acesso em 26 de março de 2021.

⁸⁶ RIBEIRO, D. Lugar de fala. São Paulo: Pólen, 2019.

que a não-curtição (ou a não-reação) e o não-compartilhamento pelos usuários também se configuram como atos responsáveis. Deve-se considerar que as ferramentas usadas para a disseminação da desinformação continuam evoluindo e que qualquer engajamento pode contribuir com a escala algorítmica de propagação – quanto mais as pessoas reagem (negativa ou positivamente), maior o alcance. É necessário, portanto, que os sujeitos compreendam essa dinâmica (que foi aprofundada no capítulo 1 da dissertação) e responsabilizem-se pelos seus atos.

CAPÍTULO 4 – ANÁLISES

Qualquer xingamento vivo pode se tornar um elogio, qualquer verdade viva deve inevitavelmente soar para muitos como uma grande mentira.

Valentin Volóchinov

Foram delimitados, nos capítulos anteriores, os conceitos teóricos que nos permitem tratar o fenômeno desinformativo sob uma perspectiva bakhtiniana, bem como situar alguns dos principais aspectos que adentram esse cenário. Retomando os critérios metodológicos estabelecidos no capítulo 2, a delimitação do *corpus* se deu em função da recorrência de checagem de peças desinformativas por três agências de checagem brasileiras signatárias da IFCN (*Aos Fatos*, *Estadão Verifica* e *Agência Lupa*). Adotamos, ainda, o critério espaço-temporal e temático: analisamos cinco enunciados (de diferentes temáticas) relacionados à doença COVID-19, no Brasil, e que foram checados pelas agências de março a julho de 2020. Ao darmos enfoque à data de checagem, podemos ter uma ideia acerca da condição em que o país se encontrava quando o enunciado foi posto em circulação pois, como vimos, as agências se pautam em assuntos recorrentes no período em que são analisadas, pela sua relevância e também pelo alto engajamento nas redes sociais.

Em um percurso dialógico de construção e significação, no qual os enunciados se estruturam enquanto materialidades significativas, iniciamos cada análise situando o momento histórico do enunciado, o que nos permite interpretá-lo no seu contexto mais amplo. Refletiremos sobre cada enunciado em sua integralidade, como um todo de sentido, a fim de compreender como a pandemia impulsionou a ascendência de signos ideológicos que refletem e refratam a nossa realidade social.

Para fins de organização, as análises seguem o percurso cronológico em que os enunciados emergiram. Passemos, desse modo, à primeira análise, de um enunciado que trata sobre a vacina, posto em circulação no mês de março.

4.1 A corrida pela vacina

No mês de março, o diretor-geral da Organização Mundial da Saúde (OMS), Tedros Adhanom, anunciou que a organização caracterizou a contaminação pela COVID-19 como pandemia. O pronunciamento ocorreu no dia 11, em um momento em que já havia mais de 115 países com casos confirmados de infecção. Seis dias após o anúncio, o Ministério da Saúde já registrava 291 casos confirmados no Brasil e São Paulo registrou a primeira morte em decorrência da doença⁸⁷.

Com isso, o país adentrou uma nova fase, passando a elaborar condições e estratégias para diminuir os danos que o vírus poderia causar à população. Por meio de uma videoconferência⁸⁸ feita com profissionais das Secretarias Estaduais de Saúde, o Ministério da Saúde anunciou, no dia 13, diversas recomendações para evitar a disseminação do vírus – entre elas, a suspensão de eventos com grandes aglomerações. Contudo, foi ressaltado que o conjunto de orientações deveria ser adaptado pelos gestores estaduais e municipais, de acordo com a realidade local.

Apesar da orientação de autoridades da Saúde de vários estados e a própria OMS, diversas cidades brasileiras se mobilizaram, no dia 15 de março, em atos pró-governo e contra o Congresso⁸⁹. Nas fotos da manifestação, é possível ver que alguns cartazes e faixas traziam propostas inconstitucionais, como pedidos de intervenção militar e fechamento do Supremo Tribunal Federal (STF).

Na figura a seguir, fica evidente por meio do cartaz que o debate a respeito da circulação do vírus no Brasil já era conhecido pelos manifestantes:

⁸⁷ Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/03/17/ultimas-noticias-de-coronavirus-de-17-de-marco.ghtml>. Acesso em 2 de fevereiro de 2021.

⁸⁸ Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2020-03/coronavirus-governo-recomenda-cancelamento-e-adiamento-de-eventos>. Acesso em 21 de janeiro de 2021.

⁸⁹ Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/03/15/cidades-brasileiras-tem-atos-pro-governo.ghtml>. Acesso em 16 de dezembro de 2020.

Figura 18: Manifestação pró-governo no dia 15 de março de 2020



Fonte: Diário do Centro do Mundo⁹⁰, 2020.

Em alusão ao vírus (mortal) da COVID-19, o cartaz atribui à palavra “vírus” o seu sentido figurado (algo que pode ser considerado nocivo e prejudicial) para se referir aos indivíduos que compõem o STF e o Congresso. Ao final, o pedido de “intervenção já” traz à memória o movimento “Diretas Já”⁹¹, uma das maiores mobilizações políticas de massas da história do Brasil e que protestava justamente pelo oposto: o fim do governo da ditadura militar por meio de uma nova eleição.

O cartaz amarelo é somado aos tantos outros objetos com as cores da bandeira nacional e que, segundo Paula e Oliveira (2020), são marcas de construções ideológicas que refletem e refratam a posição axiológica desse grupo social. De acordo com os autores, a bandeira nacional foi apropriada por sujeitos ufanistas e remete a questões de moralidade:

Na ditadura militar, tanto quanto neste momento histórico de ascensão da extrema direita no Brasil novamente, esse signo ideológico aparece como ícone de certa ideia de brasilidade. Ela é usada, assim como a camiseta da CBF da seleção de futebol masculina, como símbolo de ultranacionalismo, conservadorismo e tradição que engendra os sujeitos como guerreiros-torcedores em prol da nação time. A bandeira é tomada como mote de “bem”, daqueles que lutam em defesa da pátria. (PAULA, OLIVEIRA, 2020, p. 8).

⁹⁰Disponível em: <https://www.diariodocentrodomundo.com.br/sou-a-favor-do-ai-5-bolsonaro-governar-sozinho-o-ato-de-bolsonaristas-e-coronavirus-na-paulista/>. Acesso em 21 de janeiro de 2021.

⁹¹ O movimento ocorreu entre 1983 e 1984 e lutava pela aprovação, no Congresso Nacional, da Emenda Constitucional 05/1983, proposta pelo deputado federal Dante de Oliveira (PMDB/MS) para a realização de eleições presidenciais diretas no ano de 1985.

Na sequência de acontecimentos, no dia 20 de março, o Ministério da Saúde anunciou que todo o território nacional estava sob o *status* de transmissão comunitária (quando já não é mais possível rastrear a origem da infecção), indicando que o vírus já circulava mesmo entre pessoas que não haviam viajado ou tido contato com quem esteve no exterior. O presidente Jair Bolsonaro decretou quais serviços seriam tidos como essenciais⁹² e que deveriam, portanto, ser mantidos mesmo com a adoção de medidas como o isolamento e a quarentena. O intuito era garantir a continuação de atividades necessárias à sobrevivência, saúde, abastecimento e segurança da população.

Alguns dias depois, no dia 24, aconteceu o pronunciamento⁹³ já citado no primeiro capítulo. Nesse pronunciamento, apesar de admitir a chegada do vírus no Brasil, Bolsonaro pediu a volta à normalidade e se posicionou contra o “confinamento em massa”:

O vírus chegou, está sendo enfrentado por nós e brevemente passará. Nossa vida tem que continuar. Os empregos devem ser mantidos e o sustento das famílias preservado. Devemos sim, voltar à normalidade. Algumas poucas autoridades estaduais e municipais devem abandonar o conceito de terra arrasada, a proibição de transportes, fechamento de comércio e confinamento em massa. (BRASIL, 2020).

Ao final, mencionou os estudos que “buscam a comprovação da eficácia da cloroquina”. Com posicionamento contrário aos argumentos defendidos pelo presidente, o então ministro da Saúde, Luiz Henrique Mandetta (DEM), defendeu o isolamento social e frisou que hidroxicloroquina, medicação citada pelo presidente Jair Bolsonaro, não deveria ser tomada indiscriminadamente⁹⁴.

Ao final do mês, o número de casos confirmados somava 5.812 e, em todo o país, o número de mortos somava 202, como podemos ver nos dados a seguir:

⁹² Disponível em: <http://www4.planalto.gov.br/legislacao/imagens/servicos-essenciais-covid-19>. Acesso em 21 de janeiro de 2021.

⁹³ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Vl_DYb-XaAE. Acesso em 10 de abril de 2020.

⁹⁴ Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/03/28/covid-19-mandetta-contraria-bolsonaro-e-reforca-urgencia-de-parar-o-pais.htm>. Acesso em 22 de janeiro de 2021.

Gráfico 1: Evolução de casos e óbitos em março

Essa ambientação do momento sócio-histórico em que emerge o primeiro enunciado que constitui o nosso *corpus*, é também marcada pelo início da “corrida” pela vacina contra a COVID-19. De acordo com matéria de março do *The New York Times*⁹⁵, Estados Unidos, China e Europa tiveram um considerável avanço nas pesquisas sobre a vacina desde que o coronavírus desencadeou a pandemia, dando início a uma batalha para ver quem seria o primeiro país a encontrar a cura da doença. A matéria menciona que a urgência de criar uma vacina promissora inflama as tendências nacionalistas que naturalmente existem nos países e poderia dar ao vencedor a chance de favorecer sua própria população e potencialmente ter alguma vantagem ao lidar com a queda econômica.

Em meio ao exposto, surge nas redes sociais⁹⁶ o primeiro enunciado que nos propomos a analisar:

⁹⁵ Disponível em: <https://www.nytimes.com/2020/03/19/us/politics/coronavirus-vaccine-competition.html>. Acesso em 25 de março de 2021.

⁹⁶ A *Aos Fatos* menciona que encontrou a peça no *Facebook* e no *WhatsApp*.

Figura 19: *Corpus:* março de 2020



Fonte: Agência Lupa, 2020.

Observemos que a dimensão verbal que compõe o enunciado é iniciada com a frase exclamativa “Boas notícias!” –, típica de quando o enunciador manifesta uma determinada emoção sobre o que é enunciado. As possibilidades de efeito de sentido dessa marca podem ser reconstituídas quando recuperamos o seu contexto.

A esfera midiática e jornalística atribuiu à pandemia um papel de destaque, de modo que grande parte das notícias no Brasil (e no mundo) passaram a ser direcionadas ao assunto. Com a velocidade da propagação do vírus, a cobertura sobre a temática passou a demandar muitas atualizações e a atenção e preocupação do público motivou, inclusive, a elaboração de boletins do Ministério da Saúde e das secretarias municipais e estaduais com atualizações diárias sobre a evolução do vírus.

Não somente pelo perigo da doença, mas também porque o estado geral de pandemia poderia interferir nas rotinas de inúmeras maneiras e nos mais diversos setores, o desejo de que a cura fosse encontrada e que estivesse ao alcance de todos era unânime. Desse modo, a presença da frase exclamativa, bem como a adjetivação positiva atribuída ao substantivo “notícias”, imediatamente convocam o interesse do leitor. Ao se colocar

como “aquele que traz boas notícias”, o enunciador também está pressupondo um desconhecimento prévio da informação por parte do leitor.

Na sequência que compõe o parágrafo, o conteúdo é trazido em três frases curtas. A primeira, “Vacina contra o vírus Corona pronta”, anuncia prontamente sobre do que se trata a “boa notícia”, mesmo com a supressão do verbo [está]. Como anteriormente mencionado, o termo técnico-científico do vírus causador da doença COVID-19 é SARS-CoV-2, mas ficou popularmente conhecido como coronavírus por ser esse o nome da família de vírus a que ele pertence (*coronaviridae*). O enunciador, apesar de fazer uso da expressão popular, emprega letra maiúscula no termo “Corona”, o que sugere nome próprio e coloca a palavra em destaque.

A segunda frase “Capaz de curar o paciente dentro de três horas após a injeção” suprime o sujeito [a vacina] e o verbo [é], de modo que é necessário retomar a frase anterior para recuperar seu sentido. O verbo “curar” causa estranheza se considerarmos que as vacinas não curam – *a posteriori* – pessoas que já tenham contraído o vírus, mas imunizam, isto é, funcionam como um método preventivo contra a doença.

Conforme as discussões do nosso capítulo teórico, é no processo da organização discursivo-argumentativa do discurso que o enunciador estabelece um diálogo com seu possível interlocutor e procura convencê-lo da veracidade ou não dos fatos que estão sendo narrados. Assim, notemos que a terceira frase traz como marca enunciativa o uso da primeira pessoa do plural, o que demonstra que além de se incluir no enunciado, o enunciador também inclui a voz de seus interlocutores, convidando-os a “tirar o chapéu”, isto é, saudar, reverenciar, “os cientistas dos EUA”.

Com isso, infere-se que foram eles, os cientistas dos EUA, os criadores da vacina. Os Estados Unidos, país escolhido pelo enunciador, como supracitado, era um dos principais países na disputa pela vacina. A escolha pelos Estados Unidos coaduna com a imagem de superioridade que, segundo Souza (2017), o país construiu ao longo das décadas que seguiram o pós-guerra. Por meio de inúmeras iniciativas (inclusive no âmbito científico) com o objetivo de mostrar o país como uma espécie de modelo universal para o planeta, os estadunidenses passaram a ser vistos como “objetivos, pragmáticos, antitradicionais, universalistas e produtivos” (SOUZA, 2017, p. 28). O brasileiro, por sua vez, adquiriu a imagem de “pré-moderno, tradicional, particularista, afetivo e, para completar, com uma tendência irresistível à desonestidade”.

A escolha dos Estados Unidos em detrimento do Brasil também pode ser exemplificada pela pesquisa⁹⁷ do *Pew Research Center*, que mostrou que os brasileiros são céticos em relação ao potencial científico do seu próprio país. Os resultados apontam que apenas 8% acreditam que as realizações dos cientistas no Brasil estão acima da média internacional. As avaliações brasileiras, que possuem o índice mais baixo encontrado entre todos os países pesquisados, vão ao encontro do que Souza (2017) chamou de “a ideologia do vira-lata brasileiro”, que se inferioriza em relação ao americano e ao europeu.

O parágrafo seguinte traz a informação de que o então presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, “anunciou que a *Roche Medical Company* lançará a vacina no próximo domingo”. De acordo com a concepção bakhtiniana de enunciado, sabemos que, por mais que ele seja único e irrepetível, ele é sempre um eco daquilo que já foi anteriormente enunciado sobre o mesmo objeto. Aqui, podemos recuperar o mais recente pronunciamento de Trump sobre o assunto, ocorrido no dia 18 de março, quando Trump mencionou⁹⁸ que estava ocorrendo “um grande progresso” nas pesquisas para encontrar a vacina contra o novo coronavírus.

Outra relação observada é que a empresa *Roche Medical Company*, mencionada como a responsável pela criação da suposta vacina, não existe. Contudo, há uma empresa suíça com nome parecido, a *The Roche Group*, que noticiou o início de testes experimentais⁹⁹ de um medicamento utilizado para o tratamento de artrite reumatoide no tratamento da COVID-19.

A assimilação entre os nomes dependerá do conhecimento de mundo do interlocutor, que pode ou não ter conhecimento da empresa com nome parecido. Com isso, é possível compreender que muitas das relações dialógicas, cerne da teoria bakhtiniana, dão-se em razão do interlocutor, uma vez que é em função dele que se orienta o discurso.

O fato de o enunciado não trazer uma datação bem especificada (com dia, mês e ano) para o lançamento da vacina, como é característico da esfera jornalística, pode ser compreendido como uma estratégia para que a informação não envelheça. Marcar uma data para o lançamento da vacina significaria também estabelecer um prazo de validade

⁹⁷ Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/brasil-de-costas-para-ciencia/>. Acesso em 22 de março de 2021.

⁹⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-spwFPN2iA>. Acesso em 22 de março de 2021.

⁹⁹ Disponível em: <https://www.roche.com/media/releases/med-cor-2020-03-19.htm>. Acesso em 22 de março de 2021.

para que aquele conteúdo seja repassado pelas pessoas, pois ele perde sua relevância na medida em que deixa de estar atualizado e de ser uma novidade. Desse modo, o “próximo domingo” pode ser interpretado conforme a data que o sujeito está lendo.

O final da frase revela que “...milhões de doses estão prontas!”. Aqui, notamos a escolha do ponto de exclamação em detrimento do ponto final. O enunciador poderia manter somente uma afirmação, mas dentro do seu plano enunciativo, optou por enfatizar a informação, fazendo com que o foco recaia sobre ela.

Para garantir a eficácia do imunizante, a produção de vacinas possui altos padrões de exigências e inúmeros protocolos éticos que devem ser criteriosamente seguidos até a avaliação final que é feita pelas agências regulamentadoras para, finalmente, dar início à sua produção. A OMS afirmou¹⁰⁰, no dia 27 de março de 2020, que o desenvolvimento de uma vacina contra o coronavírus deveria demorar mais de 18 meses. Destarte, é possível constatar que se trata de um processo de desenvolvimento demorado, de maneira que em março de 2020 seria praticamente impossível a produção de uma vacina segura contra um vírus totalmente novo e muito menos que, como afirma o enunciado, milhões de doses já estivessem prontas.

No enunciado visual temos a foto de um teste rápido de detecção de COVID-19, o *SGTi-flex*, um produto fabricado pela empresa farmacêutica sul-coreana *Sugentech*¹⁰¹. Trata-se de um teste que detecta no sangue do indivíduo a presença de anticorpos da classe IgM (imunoglobulina M) ou IgG (imunoglobulina G), nomes que são legíveis na imagem.

Considerando que, conforme defendido por Paula (2017), as dimensões do enunciado devem ser compreendidas simultaneamente (posto que é na associação entre o verbal, o visual e o sonoro que o sentido é construído), estas dimensões não podem, portanto, ser dissociadas. Assim, o efeito de sentido da imagem (visual) é construído quando em relação ao enunciado verbal. Apesar de não se tratar de uma imagem manipulada e não ser dito que a imagem se refere à vacina, o deslocamento do seu contexto original confunde o leitor, fazendo com que ele relacione a imagem com a versão pronta da vacina.

Como mencionado, o enunciado é entendido pelo Círculo de Bakhtin como um evento *único e irrepetível*, pleno de fios dialógicos que evidenciam que “não existe a

¹⁰⁰ Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/03/27/oms-diz-que-desenvolvimento-de-vacina-contra-coronavirus-deve-demorar-mais-de-18-meses.ghtml>. Acesso em 22 de março de 2021.

¹⁰¹ Disponível em: <http://sugentech.com/products/products-list.php>. Acesso em 25 de março de 2021.

primeira nem a última palavra, e não há limites para o contexto dialógico (este se estende ao passado sem limites e ao futuro sem limites)” (BAKHTIN, 2011, p. 410). Isso significa que mesmo havendo uma tentativa de reprodução, releitura, citação e até mesmo tradução, o enunciado será uma recriação, uma nova singularidade, visto que produzido por um outro sujeito, situado em uma outra configuração sócio-histórica.

Uma característica particular do primeiro enunciado que compõe o nosso *corpus* é que ele pode ter sido traduzido para o inglês (ou o enunciado em inglês foi traduzido para o português, não se pode afirmar). O enunciado que se segue foi compartilhado em redes sociais da Índia e teve a checagem realizada pelo jornal *The Times India*¹⁰² no dia 23 de março de 2020 – data que coincide com a da checagem no Brasil pelas agências *Aos Fatos e Lupa*.

Figura 20: Fake news sobre a vacina propagada na Índia



Fonte: India News, 2020.

A tentativa de tradução, como mencionamos, não significa que estamos tratando do mesmo enunciado, mas evidencia que ele é elo na cadeia discursiva. Além disso, é possível constatar que não se trata de uma tradução *ipsis litteris* do enunciado que analisamos, muito embora apresentem construções enunciativas e composicionais muito

¹⁰² Disponível em: <https://timesofindia.indiatimes.com/times-fact-check/news/fake-alert-photo-of-covid-19-test-kits-shared-as-its-vaccine/articleshow/74774434.cms>. Acesso em 24 de março de 2021.

semelhantes. Na figura acima, podemos notar que ela circula no *WhatsApp* e que o fato de não ser possível identificar a autoria das mensagens encaminhadas colabora com a sua difusão.

A agência de checagem Polígrafo¹⁰³, de Portugal, verificou uma peça desinformativa (um enunciado) também muito similar à que circulou no Brasil. Essa repercussão em diferentes países leva-nos a concluir que o *modus operandi* das *fake news* pode ser similar em diferentes partes do globo.

4.2 O Brasil deve ou não deve parar?

O segundo enunciado que compõe o nosso *corpus* teve a checagem realizada no mês de abril de 2020. O contexto socioeconômico e político da população brasileira evidenciava inúmeros discursos a respeito das medidas de segurança para a COVID-19, bem como o impacto das condutas de distanciamento social, isolamento, quarentena e *lockdown*¹⁰⁴. Desse modo, as medidas de contenção do coronavírus se transformaram em uma arena¹⁰⁵ onde se confrontam valores e posicionamentos sociais contraditórios e evidenciam a polarização já existente no país entre sujeitos de direita e sujeitos de esquerda.

Quanto a esse entrecruzamento de pontos de vistas diferentes, existe um embate de forças político-ideológicas que não são do domínio do indivíduo, mas sim estabelecidas no processo de comunicação social (MEDVIÉDEV, 2012). Isso significa que “uma coletividade possuidora de percepção ideológica cria formas específicas de comunicação social” (MEDVIÉDEV, 2012, p. 53). Tendo em vista que o ideológico se situa entre indivíduos organizados, constituindo o meio de sua comunicação, iniciamos a contextualização do momento histórico de produção do enunciado que pretendemos analisar.

¹⁰³ Disponível em: <https://poligrafo.sapo.pt/fact-check/a-vacina-contr-a-novo-coronavirus-esta-pronta-e-cura-o-doente-tres-horas-apos-a-injecao>. Acesso em 18 de fevereiro de 2021.

¹⁰⁴ A quarentena foi uma medida criada durante o período da peste bubônica (século XIV), em Veneza, na Itália. Para prevenir que marinheiros levassem a doença para a cidade, as autoridades confinavam a tripulação por 40 dias antes de permitirem o desembarque. A priori, é proposto que essa medida seja implementada por 40 dias, mas é possível que o período seja maior ou menor. O intuito é diminuir o trânsito de pessoas, assim como ocorre no *lockdown*, mas este último se configura como uma paralisação total dos fluxos e deslocamentos com uma intervenção mais restritiva por determinação do Estado.

¹⁰⁵ Todo enunciado é marcado por tensões discursivas, constituindo-se em uma arena, ou ainda “palco” (VOLÓCHINOV, 2017), em que as múltiplas vozes se digladiam. O termo será retomado ainda neste subitem.

A Secretaria de Comunicação da Presidência do Brasil lançou, no final de março de 2020, a campanha publicitária intitulada “*O Brasil não pode parar*”, que defendia o fim do isolamento e a reabertura do comércio, contrariando a política estatal brasileira e as recomendações de órgãos especializados que apontavam a importância do isolamento no combate ao coronavírus. O intuito era convidar os trabalhadores brasileiros a continuarem realizando as atividades laborais, posicionamento compatível com os discursos de Jair Bolsonaro e seus apoiadores, sob a alegação de que os efeitos da quarentena e do isolamento social causariam danos às políticas sociais e econômicas do vigente governo. A campanha, contudo, foi barrada pelo Supremo Tribunal Federal (STF) e classificada como “desinformativa” pois, de acordo Luís Roberto Barroso, ministro do STF, “a medida sinaliza que não há uma grave ameaça para a saúde da população e leva cada cidadão a tomar decisões firmadas em bases inverídicas acerca das suas reais condições de segurança e de saúde”¹⁰⁶.

Em paralelo a esse cenário, discutia-se a proposta de criação de uma renda mínima emergencial para auxiliar trabalhadores mais vulneráveis diante do agravamento da crise econômica devido ao avanço do coronavírus no país. Assim, o mês de abril começou com a sanção do projeto de lei nº 9236/17, que concedia uma renda básica emergencial aos trabalhadores informais, autônomos e sem renda fixa, durante os primeiros meses da crise provocada pela pandemia¹⁰⁷.

Entre os acontecimentos relacionados ao tempo-espço pandêmico, o mês foi marcado pela demissão do então Ministro da Saúde, Luiz Henrique Mandetta, no dia 16 de abril. Alguns fatores¹⁰⁸ marcaram a disputa interna entre o presidente e Mandetta como, por exemplo, o uso da hidroxiquina, conforme mencionamos em 4.1, e a divergência de opiniões a respeito de medidas diretas em relação à quarentena e ao isolamento social, defendidos por Mandetta. Outro fator pode ter sido a pesquisa da Datafolha¹⁰⁹, divulgada no início do mês, que mostrava que a aprovação do Ministério da Saúde tinha o dobro da avaliação do presidente Jair Bolsonaro. Segundo o Instituto, a

¹⁰⁶Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2020/03/31/interna_politica,841555/barroso-proibe-que-bolsonaro-faca-campanha-para-populacao-furar-isolam.shtml. Acesso em 22 de março de 2021.

¹⁰⁷Disponível em: <https://noticias.r7.com/brasil/leia-o-pronunciamento-de-jair-bolsonaro-sobre-a-troca-na-saude-16042020>. Acesso em 22 de março de 2021.

¹⁰⁸Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/04/16/bolsonaro-mandetta-coronavirus-cloroquina-isolamento.htm>. Acesso em 22 de março de 2021.

¹⁰⁹Disponível em: <https://exame.com/brasil/aprovacao-do-ministerio-da-saude-e-o-dobro-da-de-bolsonaro-diz-datafolha/>. Acesso em 22 de março de 2021.

pasta era aprovada por 76% da população, enquanto o presidente recebeu aprovação de 33%.

Em um pronunciamento realizado no Palácio do Planalto¹¹⁰ nesta mesma data, Bolsonaro anunciou oficialmente o novo Ministro da Saúde, o médico Nelson Teich. Durante o seu discurso, o presidente reafirmou ser necessário combinar o combate à doença com a recuperação da crise econômica e a garantia de empregos e defendeu novamente uma descontinuidade gradativa do isolamento social em vigor em todo o país. Além disso, também declarou que “a questão do coronavírus se abate sobre todo o mundo e cada país tem as suas especificidades como bem disse o chefe da OMS. No Brasil não é diferente.” (BRASIL, 2020). Ao utilizar parte da fala do chefe da OMS, Tedros Adhanom Ghebreyesus, Bolsonaro redimensiona o discurso completo de Ghebreyesus para endossar o seu argumento contrário à implementação do isolamento social.

Um dos princípios bakhtinianos que orientam as nossas análises é o de que “cada enunciado deve ser visto antes de tudo como uma resposta aos enunciados precedentes de um determinado campo” (BAKHTIN, 2011, p. 297). Assim, retomando o fio dialógico que antecede o pronunciamento do presidente, constatamos que desde março, conforme verificado pelo Projeto Comprova¹¹¹, esse trecho da fala do diretor da OMS, no qual ele alerta para os impactos econômicos do distanciamento social, estava sendo compartilhado nas redes sociais de maneira descontextualizada. O alerta do diretor sobre os impactos econômicos não implica que a OMS tenha deixado de apoiar o isolamento social como estratégia contra o novo coronavírus e, por esse motivo, recebeu o selo de conteúdo enganoso¹¹² pelo projeto. De acordo com a matéria, o recorte do vídeo foi postado em canais com grande número de inscritos, como do presidente Jair Bolsonaro e de seus filhos – o que evidencia que “cada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados” (BAKHTIN, 2011, p. 272) e que não foi a primeira vez que o presidente respondeu e retomou a fala do diretor.

O discurso do presidente também demonstra como as escolhas (e também as não-escolhas) lexicais estão associadas às tonalidades valorativas e como “os enunciados dos

¹¹⁰Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2020-04/bolsonaro-anuncia-nelson-teich-como-ministro-da-saude>. Acesso em 22 de março de 2021.

¹¹¹ Disponível em: <https://projecomprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/video-do-diretor-da-oms-foi-tirado-de-contexto-para-validar-discurso-de-bolsonaro/>. Acesso em 21 de fevereiro de 2021.

¹¹² Para o Projeto Comprova, o selo enganoso significa: “conteúdo retirado do contexto original e usado em outro de modo que seu significado sofra alterações; que usa dados imprecisos ou que induz a uma interpretação diferente da intenção de seu autor; conteúdo que confunde, com ou sem a intenção deliberada de causar dano.”.

outros podem ser recontados com um variado grau de reassimilação” (BAKHTIN, 2011, p. 297). Ao retomar a fala do outro, neste caso do diretor da OMS, há um processo de retomada-modificação de um discurso alheio. A maneira como a ele se reporta é, desse modo, uma estratégia discursiva (re)elaborada como uma nova enunciação dialógica que “determina também o destaque dado a determinados elementos” (BAKHTIN, 2011, p. 297). Nesse sentido, por mais semelhante que seja a reprodução do discurso, ao deslocar uma fala do seu contexto original e inseri-la em outro contexto, ocorrerão, nessa dinâmica, reacentuações e alterações de ordens diversas.

Em meio a essas repercussões, que se constituem como cotejos que travam relações dialógicas com o nosso *corpus*, adentramos o segundo enunciado que nos propusemos analisar.

O enunciado se trata de um *tweet* do ex-ministro da Cidadania¹¹³, Osmar Terra (MDB-RS), formado em Medicina pela UFRJ e que permaneceu no cargo de Ministro até fevereiro de 2020, quando retornou ao cargo de deputado federal. Ele foi considerado uma das principais vozes da base governista a se opor ao então Ministro da Saúde, Luiz Henrique Mandetta. Demonstrando-se totalmente desfavorável ao *lockdown*, chegou a afirmar, no início da pandemia, que o coronavírus não mataria mais de 2.000 brasileiros e que ela terminaria em junho de 2020¹¹⁴. Devido ao grande número de afirmações negacionistas, previsões equivocadas e defesa do tratamento com hidroxicloroquina, Osmar Terra ficou conhecido pejorativamente por “Osmar Terra Plana”, “Osmar Erra” e, ainda, “Osmar Trevas”, como foi chamado pelo ex-ministro Mandetta¹¹⁵. De acordo com um levantamento realizado pelo Radar da agência *Aos Fatos*, Osmar foi o parlamentar que mais divulgou notícias falsas sobre a COVID-19, seguido por Eduardo Bolsonaro (PSL -SP) e Carla Zambelli (PSL -SP)¹¹⁶.

O veículo de circulação do enunciado produzido por Osmar Terra é, portanto, a plataforma *Twitter*, frequentemente utilizada por sujeitos da esfera política, econômica, cultural e midiática. A ferramenta permite uma interação instantânea, apesar de limitada a textos de 280 caracteres, denominados de *tweets*. Cabe ressaltar que a plataforma é

¹¹³ Pasta resultante da fusão dos ministérios da Cultura, do Esporte e do Desenvolvimento Social realizada pelo governo de Bolsonaro.

¹¹⁴ Disponível em:

https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2020/04/09/interna_politica.1137194/osmar-terra-erra-previsao-de-mortes-pelo-covid-19-no-brasil.shtml. Acesso em 21 de fevereiro de 2021.

¹¹⁵ Disponível em: <https://veja.abril.com.br/blog/maquiavel/mesmo-errando-osmar-terra-insiste-em-previsoes-furadas-em-rede-social/>. Acesso em 22 de fevereiro de 2021.

¹¹⁶ Disponível em: <https://www.aosfatos.org/noticias/deputados-governistas-lideram-desinformacao-sobre-covid-19-entre-parlamentares-no-twitter/>. Acesso em 21 de fevereiro de 2021.

utilizada por inúmeros governantes brasileiros e foi defendida por Bolsonaro já no seu discurso de diplomação como Presidente do Brasil¹¹⁷. Segundo Almeida et al. (2019, p. 2), essa forma de comunicação do presidente é entendida como “*tweetocracia*”, que significa um “governo em que o principal canal de comunicação com os cidadãos e, muitas vezes com o próprio governo, é as mídias sociais e, especialmente, o *Twitter*”.

Figura 21: *Corpus*: abril de 2020



Fonte: *Twitter*, 2020.

¹¹⁷ <https://g1.globo.com/politica/noticia/2018/12/10/poder-popular-nao-precisa-mais-de-intermediacao-diz-bolsonaro-no-discurso-da-diplomacao.ghtml>

A postagem acima, publicada no dia 4 de abril de 2020, traz o posicionamento de uma figura pública (condição explicitada também pelo símbolo azul de perfil verificado pelo *Twitter*), o que lhe garante um pretense grau de autoridade, sobretudo por tratar-se de uma pessoa formada em Medicina, para realizar uma posição avaliativa sobre o assunto.

O *tweet* inicia-se com os dizeres de que a quarentena teria provocado um aumento nos casos de COVID-19 nos países que adotaram a medida – afirmação antagônica ao posicionamento da OMS. Embora a postagem permaneça disponível, nota-se que o *Twitter* incluiu um aviso de sanção¹¹⁸ por considerar que ela continha informações contrárias aos estudos realizados a esse respeito.

Na primeira frase, o emprego do verbo “insistir” na primeira pessoa do singular, apesar da omissão do sintagma pronominal [eu], demonstra que se trata de um posicionamento e informação que não está sendo trazida pela primeira vez, mas uma ideia recorrente desse sujeito. Para convencer o leitor da validade da sua ideia, o enunciador anexa ao *tweet* um gráfico, elemento visual que representa a curva do contágio do coronavírus na Itália. Esse tipo de associação de linguagem verbal e visual é frequentemente observada na esfera jornalística, que se apropria de tais recursos (como desenhos, ilustrações, infográficos, tabelas etc.) para explicar o discurso científico de maneira facilitada aos seus leitores. No entanto, a linha verde tracejada no gráfico é uma marca que foi posteriormente acrescentada pelo enunciador para marcar “o início da quarentena radical”. O uso do termo “quarentena radical” se assemelha ao sentido da palavra em inglês *lockdown*, pois se refere a uma medida mais rígida e inflexível de isolamento.

Apesar de os números do gráfico estarem corretos, eles não apontam a ineficiência da quarentena, uma vez que a manutenção da tendência de aumento no número de casos nos dias que se seguem à instituição da medida é esperada. Desse modo, nota-se que a estratégia utilizada é justamente a de buscar a legitimação para o que está sendo dito por meio da reinterpretação de informações verdadeiras, como demonstramos a seguir.

De acordo com as pesquisas mais recentes até aquele momento¹¹⁹, o sucesso da quarentena estava relacionado com o quão precocemente a medida foi adotada pelo país.

¹¹⁸ Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/saude/osmar-terra-e-eduardo-bolsonaro-lideram-desinformacao-sobre-covid-no-twitter/>. Acesso em 22 de março de 2021.

¹¹⁹ <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2020/03/27/medidas-de-contencao-do-virus-levam-de-8-a-11-dias-para-terem-efeito.htm>

A reportagem menciona a China, que investiu no isolamento em massa e conseguiu começar a diminuir a curva em aproximadamente dez dias, ou seja, a velocidade do efeito depende de quando a medida foi tomada, tanto em termos de tempo quanto de quantidade de casos. Conforme a checagem da Agência *Lupa*¹²⁰, os argumentos do ex-ministro são falhos por ignorarem o tempo de incubação da doença e o fato de que o registro do resultado dos testes não é imediato.

O tracejo da linha verde marca o dia 9 de março, mesmo dia em que o governo italiano estendeu para todo o território do país medidas de restrição de movimento – até então, as medidas eram direcionadas para algumas regiões mais severas. Isto significa que os números apresentados na sequência da linha ainda refletem os dias anteriores ao estabelecimento do decreto. Agentes patogênicos, como vírus e bactérias, não afetam o organismo imediatamente após infectado, o que demonstra que a pessoa pode estar infectada, mas ainda não demonstrar sintomas da doença. O vírus Sars-Cov-2 tem um período de incubação que pode perdurar até 14 dias, o que evidencia que se uma pessoa desenvolveu sintomas no dia 13 de março, por exemplo, é possível que ela tenha contraído o vírus antes do dia 9 – isto é, antes de a medida de isolamento ter sido implementada.

Por meio dessas considerações, é possível inferir que o discurso cientificista é empregado não para trazer um embasamento para o que está sendo dito, mas somente o necessário para que os sentidos produzidos sejam socialmente aceitos como verdade.

Cabe destacar que, conforme Bakhtin (2011, p. 289), é impossível que um enunciado seja absolutamente neutro, uma vez que “a relação valorativa do falante com o objeto do seu discurso (seja qual for esse objeto) também determina a escolha dos recursos lexicais, gramaticais e composicionais do enunciado”. Por essa perspectiva, o enunciado é produzido e ressignificado pelo/no discurso em função da interpretação do sujeito enunciatador o qual, neste caso, rejeita a comprovação da quarentena enquanto medida eficaz no combate ao coronavírus.

Embora seja feito o uso da primeira pessoa do singular, como mencionamos, o enunciado revela lugares de onde emanam diversas vozes sociais, constitutivas do enunciatador. Além da responsividade, inerente a toda e qualquer interação discursiva, há a pretensão de um reconhecimento social por sujeitos que também se identificam com as vozes do enunciado, uma vez que “o centro organizador de qualquer enunciado, de

¹²⁰ <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2020/04/04/osmar-terra-quarentena-italia-coronavirus/>

qualquer expressão, não está no interior, mas no exterior: no meio social que circunda o indivíduo” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 216).

Os usuários da plataforma *Twitter*, seguidores ou não do ex-ministro, podem curtir a postagem, o que aponta uma concordância com o posicionamento do enunciado; ou ainda *retweetar* (como são chamados os compartilhamentos feitos na plataforma), o que permite a realização de comentários unidos aos compartilhamentos, possibilitando que os interlocutores revelem seus posicionamentos que podem ser não apenas de adesão, mas também de refutamento ou crítica. Até o momento da captura de tela da figura, os dados indicavam 10,6 mil curtidas (interação que demonstra, portanto, uma parcela clara de aprovação) e 3,6 mil *retweets*. As interações mencionadas, assim como os comentários, têm suas métricas de alcance calculadas pelos algoritmos que possibilitam que o enunciado reverbere para mais ou menos usuários dentro da plataforma.

Conforme Bakhtin (2011, p. 371), o enunciado “sempre pressupõe enunciados que o antecedem e o sucedem. Nenhum enunciado pode ser o primeiro nem o último. Ele é apenas um elo na cadeia e fora dessa cadeia não pode ser estudado”. Neste sentido, toda enunciação representa somente uma fração de uma vasta corrente que, desde o primeiro elo, nunca mais se rompeu e permanece sendo lembrada e ressignificada em diferentes momentos sócio-históricos. Posto isso, ao longo do mês, o presidente Bolsonaro mencionou ideias em concordância com o enunciado analisado. Sem considerar que os registros de novos casos crescem em ritmo menor do que se a medida de isolamento não tivesse sido adotada, declarou: “não foi achatada a curva e as consequências estão aí, estão tendo mortes sim, estão tendo mortes, e também, como você disse aqui, a onda do desemprego.”¹²¹.

As valorações distintas desse mesmo objeto [as medidas de isolamento] colocam em jogo o que é dito, por um lado, pela esfera científica; de outro, a banalização e negação das atividades que compõem essa esfera. Essa dinâmica evidencia um embate de forças que, conforme mencionamos, transforma o enunciado em “palco”/arena de divergências de vozes.

Conforme podemos observar, o contexto social de produção, circulação e recepção dos enunciados revela a natureza ideológica dos signos, conferindo-lhe sentidos. A respeito disso, Volóchinov (2017) compara o signo ideológico com a figura categórica do Janus bifronte, já que o signo também possui duas faces, o que demonstra que

¹²¹ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=nw31o_MILO8. Acesso em 21 de fevereiro de 2021.

“qualquer xingamento vivo pode se tornar um elogio, *qualquer verdade viva deve inevitavelmente soar para muitos como uma grande mentira*” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 113, grifos nossos).

Enquanto vozes de poder, de posições de autoridade reconhecidas socialmente, Bolsonaro (trazido como cotejo) e Osmar Terra (representante da voz político-ideológica bolsonarista) assumem o papel de manifestarem suas posições axiológicas (semelhantes) sobre as medidas de contenção do coronavírus. Seus apoiadores, por um lado, aceitam a voz presente no enunciado como voz de autoridade, aderindo ao consenso de uma mesma posição e de uma força centralizadora; seus opositores, contudo, realizam uma força em sentido contrário.

Esse embate, constituído pela interação de vozes que atuam como forças centrípetas e centrífugas, respectivamente, é a tônica para entendermos os diferentes valores que são reverberados no espaço-tempo pandêmico brasileiro nesse e em outros enunciados.

4.3 Cura milagrosa: as receitas caseiras

Demonstramos, até o momento, que os discursos não são produtos individuais e pragmáticos, mas sim construções sócio-históricas e ideológicas que circundam a comunicação verbal em movimentos de aproximação ou distanciamento, em direção ao passado e ao futuro. A consideração do social enquanto elemento constituinte das enunciações concretas coloca em evidência o vínculo entre ideologia e sujeito enunciador. Sendo o contexto pandêmico um espaço interdito e atravessado por diferentes formações discursivas que nos constituem enquanto sujeitos, nesta análise observamos o uso de posições fundamentalistas e negacionistas para legitimar o posicionamento acerca do tratamento e cura do coronavírus.

O mês de maio não trouxe mudanças no âmbito de disputas discursivas entre presidente e Ministro da Saúde. Menos de um mês após ter assumido o cargo, Nelson Teich deixou o Ministério da Saúde no dia 15 de maio por motivos semelhantes ao de seu antecessor: defendeu as recomendações da OMS para conter a proliferação da doença e discordou de Bolsonaro a respeito do uso da hidroxicloroquina¹²².

¹²²Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/05/15/nelson-teich-pede-demissao-do-governo-bolsonaro.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em 15 de março de 2021.

A partir do dia 22 do mesmo mês, o Brasil se tornou o segundo país com mais casos confirmados de COVID-19, atrás apenas dos Estados Unidos, que contavam com mais de 1,7 milhão de casos¹²³. Ao final do mês, o balanço do Ministério da Saúde informava 29.314 mortos e 514.489 casos, tornando o Brasil o quarto país em número de mortos, atrás somente de EUA, Reino Unido e Itália. Apesar da quantidade de casos ser alta, alguns estudos apontavam que os números reais podem ser ainda maiores no Brasil devido às subnotificações.

Em meio a esse cenário, desde o início da pandemia inúmeras receitas caseiras foram divulgadas como indicações de prevenção ou cura da COVID-19, conforme demonstra um estudo conduzido pela Escola Nacional de Saúde Pública (ENSP)¹²⁴. A primeira etapa da pesquisa, realizada a partir do balanço das denúncias de notícias falsas recebidas entre 17 de março e 10 de abril, mostrou que 65% delas ensinavam métodos caseiros para prevenir e 20% ensinavam métodos caseiros para curar a doença. Já na segunda fase do estudo, realizada entre 11 de abril e 13 de maio, a diversidade de conteúdos aumentou e, em primeiro lugar, estavam as notícias falsas que afirmavam que a doença era uma estratégia política (24,6%). Contudo, métodos caseiros para prevenir o contágio do novo coronavírus (10,1%) e métodos caseiros para curar a Covid-19 (5,8%) continuaram aparecendo entre os 5 temas principais.

Entre as *fake news* verificadas pelo site do Ministério da Saúde, receitas com métodos caseiros de cura e prevenção aparecem frequentemente, como ilustraremos nos exemplos a seguir. Na figura 17, o conteúdo que foi checado refere-se à ingestão do chá de erva-doce como uma forma de tratamento ao coronavírus, uma vez que é dito que ele possui as mesmas propriedades do Tamiflu, medicamento utilizado no tratamento de diversos tipos de gripe.

¹²³<https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/05/31/casos-de-coronavirus-e-numero-de-mortes-no-brasil-em-31-de-maio.ghtml>. Acesso em 15 de março de 2021.

¹²⁴Disponível em: <https://agencia.fiocruz.br/estudo-identifica-principais-fake-news-sobre-covid-19>. Acesso em 15 de março de 2021.

Figura 22: Chá de erva doce como forma de tratamento



Fonte: Ministério da Saúde¹²⁵, 2020.

Inicialmente, o enunciado elenca diversas orientações de prevenção ao coronavírus, entre as quais somente duas são oficializadas pelos órgãos de saúde: o uso do álcool em gel e a lavagem mais frequente das mãos. Em seguida, há um destaque para a erva-doce. Como meio de dar credibilidade e legitimar o que está sendo dito, notamos o argumento de autoridade construído pela voz da medicina (especificamente do infectologista) que “recomenda” a ingestão do chá de erva-doce. Na associação entre o verbal e o visual, os elementos da área da saúde como a luva e as ampolas remetem à esfera médico-científica, assim como os termos “TAMIFLU”, “gripe A – H1N1” e “12 em 12/horas”, que são destacados em negrito. O aspecto dialógico também é reafirmado pois, conforme a Agência *Lupa*¹²⁶, a “informação” de que a erva-doce continha as mesmas substâncias que o medicamento Tamiflu já havia circulado no *WhatsApp* durante o surto da gripe H2N3, em 2018.

¹²⁵Disponível em: <https://antigo.saude.gov.br/fakenews/46440-cha-de-erva-doce-e-coronavirus-e-fake-news>. Acesso em 15 de março de 2021.

¹²⁶Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2020/02/01/verificamos-coronavirus-erva-doce/>. Acesso em 10 de janeiro de 2021.

Um dos motivos para que esse tipo de conteúdo falso se espalhe tanto pode ser explicado pelo baixo custo e facilidade de acesso para que as receitas sejam executadas e pela linguagem acessível utilizada, antagônica à que é empregada na esfera científica. As receitas caseiras podem variar¹²⁷ conforme a cultura de cada país, como na República Checa, que o governo teve que acrescentar às orientações oficiais de saúde que a ingestão de alho não preveniria a doença. Outro exemplo foi na Venezuela, em que o presidente Nicolás Maduro, por meio da rede social *Twitter*, recomendou um antídoto feito com capim-santo, gengibre, sabugueiro, pimenta do reino, limão e mel de abelha¹²⁸. Logo após a publicação, o presidente teve o seu *tweet* removido pela rede social.

Entre as receitas que mais circularam no mundo, a matéria cita as relacionadas à vitamina C, ao alho cru, ao vinho, à água quente com limão e ao gargarejo com água e sal. Esta última, assim como o primeiro enunciado que constitui o nosso *corpus*, foi encontrada em outros países com fragmentos e imagens iguais ou semelhantes.

O site do Ministério da Saúde checkou o conteúdo, sinalizou-o como falso, e afirmou que “até o momento, não há nenhum medicamento, substância, vitamina, alimento específico ou vacina que possa prevenir a infecção pelo coronavírus (COVID-19)”, conforme podemos visualizar na figura a seguir:

¹²⁷ Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/cacadores-de-mentiras/>. Acesso em 26 de março de 2021.

¹²⁸ Disponível:

https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2020/03/26/interna_internacional,1132632/maduro-recomenda-mistura-de-ervas-com-mel-e-limao-para-combater-corona.shtml. Acesso em 26 de março de 2021.

Figura 23: Gargarejo como prevenção

CORONAVÍRUS

O corono-vírus, antes de atingir os pulmões, permanece na garganta por quatro dias e, nesse período, a pessoa começa a tossir e sentir dor na garganta. Se essa pessoa beber muita água e faz gargarejo com água morna, sal ou vinagre, isso eliminará o vírus. Divulgue estas informações, pois você pode salvar alguém se essa pessoa souber disso.

● Por que é falso?
Até o momento, não há nenhum medicamento, substância, vitamina, alimento específico ou vacina que possa prevenir a infecção pelo coronavírus (COVID-19).

Saúde sem Fake News
 (61) 99289-4640
www.saude.gov.br/fakenews

Ministério da Saúde

Fonte: Ministério da Saúde¹²⁹, 2020.

No enunciado que foi checado é dito que, antes de atingir os pulmões, o novo coronavírus permanece na garganta durante quatro dias. A solução para eliminar o vírus alojado na garganta (representado na imagem de forma circular, cheio de “espinhos” por sua superfície) seria fazer gargarejo com água morna, sal ou vinagre. Nas linhas finais, observamos uma solicitação para que o que está sendo enunciado seja espalhado: “divulgue essas informações, pois você pode salvar alguém se essa pessoa souber disso”.

Esse tipo de estratégia pode ser relacionada ao que no marketing digital convencionou-se chamar de *call to action* (ou “chamada para ação”). A estratégia consiste em trazer verbos no imperativo como “clique”, “compartilhe”, “salve”, para sinalizar qual ação o usuário deve tomar ao interagir com determinado enunciado. Parte-se do princípio de que o enunciador, ao comunicar qual ação específica ele deseja que seja tomada pelos seus interlocutores, tem mais chances de que ela aconteça. Nesse caso, há ainda o

¹²⁹Disponível em: <https://antigo.saude.gov.br/fakenews/46582-beber-muita-agua-e-fazer-gargarejo-com-agua-morna-sal-e-vinagre-previne-coronavirus-e-fake-news>. Acesso em 22 de março de 2021.

acréscimo de uma argumentação apelativa, que afirma que a ação (de divulgar) pode salvar a vida de alguém.

O terceiro enunciado do nosso *corpus* adentra a temática das receitas caseiras por considerar o chá de boldo como um método supostamente eficaz no combate aos sintomas da doença. Na esfera da cultura popular, os discursos sobre as propriedades terapêuticas e medicinais dos chás estão associados ao cotidiano e, humoristicamente, relacionados à figura da “avó” – aquela que frequentemente possui uma sugestão para o tratamento de enfermidades por meio de recursos naturais.

A construção dessa imagem pode ser identificada por meio dos memes, enunciados concretos que, de acordo com Furtado (2019), “se moldam rapidamente a depender do lugar em que circulam, propiciando uma rápida interação não apenas entre os sujeitos, mas também entre os próprios discursos”. Nos memes inseridos abaixo, o chá, especificamente o de boldo, é ironicamente apontado como a solução para todos os tipos de doenças que são apresentados. Na segunda imagem, a figura de um dragão robusto e forte é escolhida para representar o chá de boldo [da avó], criando o efeito de sentido que se trata de um chá “poderoso”, capaz de combater todas as doenças.

Figura 24: Memes sobre o chá de boldo



Fonte: Facebook¹³⁰, MemeDroid¹³¹, 2021, elaborado pela autora.

A respeito desses discursos que permeiam o tempo-espaco e que se moldam rapidamente, Furtado (2019) parte do conceito de liquidez de Bauman para dizer que eles são líquidos discursivamente. Segundo a autora, “discursos de diversas esferas sociais

¹³⁰Disponível em: <https://www.facebook.com/OficialNazareTedesco/photos/boa-tarde-%EF%B8%8F%EF%B8%8F/1035514316623841/>. Acesso em 13 de março de 2021.

¹³¹Disponível em: <https://pt.memedroid.com/memes/detail/2867626/quebrou-a-perna-filho-deixa-que-a-vo-faz-um-cha-de-boldo-que-sara>. Acesso em 13 de março de 2021.

tomam formas dissonantes ao se encontrarem, desestabilizando a solidez de seus locais de origem e refletindo uma cosmovisão cômica do mundo e ao mesmo tempo crítica e irônica.” (FURTADO, 2019, p. 125).

Outra manifestação discursiva, agora em formato de vídeo¹³², também deve ser citada a fim de situar nosso enunciado como elo coerente na construção da nossa análise. Trata-se de um vídeo caseiro em que um homem anunciava ter tratado seus sintomas e os de sua esposa com o chá. Sem alertar para nenhum risco de efeito colateral que o chá possa causar, o autor afirma que teve resultado no primeiro gole e que a planta pode ser encontrada em qualquer lugar – como supracitado, a facilidade de acesso é um fator atrativo para que as pessoas recorram às receitas caseiras.

Diversas manifestações no formato de texto, como no enunciado a seguir, também foram encontradas com diferentes variações, mas com conteúdos semelhantes, sobre uma possível “cura milagrosa” por meio da ingestão do chá de boldo.

Figura 25: *Corpus*: maio de 2020



Fonte: Aos Fatos, 2020.

¹³² Disponível em: <https://youtu.be/LUnh8lcpE>. Acesso em 13 de março de 2021.

O enunciado verbal inicia-se constatando que o governo está gastando bilhões no combate ao coronavírus, situação que de fato foi demonstrada com os dados¹³³ fornecidos pelo Tesouro Nacional sobre o mês de maio, principalmente por conta dos gastos para o auxílio emergencial e o benefício especial de manutenção do emprego e renda. Na sequência, afirma que “um irmãozinho de algum lugar sem faculdade em ciência e medicina” foi quem descobriu o combate aos sintomas do coronavírus por meio da ingestão do chá de boldo. Não é possível afirmar que o enunciado se refere propriamente ao homem da gravação do vídeo que mencionamos, mas em consonância com a nossa abordagem teórico-analítica, entendemos que as manifestações discursivas sobre um tema podem ser influenciadas mutuamente, de modo que um possível entrecruzamento de discursos pode e deve ser considerado no processo de construção dos sentidos. Observamos ainda a escolha lexical do termo “irmãozinho”, característico da esfera religiosa, que emprega o termo “irmão” como pronome de tratamento principalmente entre os membros do grupo.

Ao destacar que a descoberta foi feita por um homem “sem faculdade em ciência ou medicina”, o enunciador deslegitima o trabalho que tem sido realizado na esfera científica, que até o momento não tinha apresentado estudos conclusivos sobre uma medicação eficaz para a COVID-19. A voz negacionista e fundamentalista fica mais evidente quando o enunciador afirma que “realmente Deus usa as coisas loucas desse mundo para confundir as sábias!”. O uso do advérbio “realmente” indica que o enunciador está retomando e estabelecendo uma relação dialógica de convergência com o seguinte versículo bíblico¹³⁴: “mas Deus escolheu as coisas loucas deste mundo para confundir as sábias; e Deus escolheu as coisas fracas deste mundo para confundir as fortes.”.

O contexto do versículo é empregado para demonstrar que a sabedoria cristã, embora rejeitada (e tida como “louca”) por grande parte dos sábios (estudiosos, cientistas), manifesta-se de modo a confundir a sabedoria do ser humano. Assim, uma das formas de Deus revelar o seu domínio é surpreendendo o homem com aquilo que ele não estava esperando. Em oposição ao discurso da ciência, o enunciador se apropria de uma argumentação religiosa para convencer o leitor de que o boldo, criação divina, é a solução que até o momento os cientistas e pesquisadores (mesmo com os investimentos do

¹³³Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2020/06/29/contas-do-governo-tem-pior-maio-da-historia-e-rombo-atinge-r-1266-bilhoes-1.ghtml>. Acesso em 27 de março de 2021.

¹³⁴ Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/acf/1co/1/27-29>. Acesso em 28 de fevereiro de 2021.

governo, conforme mencionado) não encontraram. Assim, partindo da materialidade discursiva que constitui o enunciado, é possível identificar um embate entre pelo menos duas vozes distintas, sendo elas a da ciência e a da religião.

Em um movimento dialógico na construção dos sentidos, retomamos que assim como o enunciado que analisamos em 4.1, que afirmava que a vacina era capaz de curar dentro de horas após a injeção, o chá de boldo também promete combater os sintomas em três horas. Ambos, ao dialogarem, evidenciam que o enunciador se beneficia da ânsia dos sujeitos em retornarem o quanto antes para a “vida normal” na elaboração do seu discurso.

Conforme a discussão teórica contida em 3.2, para Bakhtin (2011) todo enunciado está endereçado a um destinatário. Isto significa que o enunciador sempre leva em consideração a percepção do seu discurso pelo destinatário, quais são as suas crenças, posicionamentos e o conhecimento sobre o objeto ao qual ele se refere. Nesse caso, o enunciado parece ser destinado a um público religioso e negacionista, e se vale das crenças desse grupo a fim de convencê-los do que se propõe.

Sabemos que, para atingir a finalidade pela qual foi criada, é fundamental que a *fake news* circule, isto é, seja compartilhada. Nas últimas linhas, o enunciador pede para que o leitor a compartilhe sob o argumento de que “se não fizer bem, mal não vai fazer!!!”. O enunciado é concluído com a repetição de “compartilhe”, dessa vez usando o verbo no imperativo.

A afirmação contundente de que “se não fizer bem, mal não vai fazer!!!”, seguida da entoação marcada pelo uso enfático dos três pontos de exclamação, causa o efeito de uma verdade quase incontestável. É possível assimilar, com base no que é dito, que o chá de boldo deve ser ingerido mesmo sem possuir nenhuma comprovação científica acerca da sua eficácia, posto que mesmo que não surja efeito algum, não há nenhum risco para aquele que faz seu uso.

Há uma generalização, por parte do senso comum, de que receitas naturais (que utilizam plantas com propriedades terapêuticas, por exemplo) são confiáveis e isentas de efeitos colaterais, o que na verdade é uma percepção equivocada¹³⁵. Essa generalização se estendeu, ao longo do tempo, também para alguns medicamentos sintéticos e para o cenário da pandemia. O ponto de vista de que “mal não faz” repercutiu, por exemplo, com o discurso sobre a medicação derivada da cloroquina, que inclusive foi aconselhada por figuras políticas mesmo sem possuir nenhuma comprovação sobre a sua eficácia.

¹³⁵ Disponível em: <http://www.faperj.br/?id=2952.3.9>. Acesso em 28 de fevereiro de 2021.

O presidente Donald Trump¹³⁶, em abril, mencionou que a cloroquina deveria ser tomada para prevenir a infecção pois, em suas palavras, “o que realmente temos a perder?”¹³⁷. Ao ser questionado se os médicos e hospitais estariam isentos de culpa caso a hidroxicloroquina não ajudasse os pacientes com coronavírus, Trump respondeu que o medicamento pode “ajudá-los, mas não vai prejudicá-los”¹³⁸.

Ainda no âmbito presidencial, também em defesa de um “tratamento precoce” para a COVID-19, o governo do presidente Jair Bolsonaro gastou cerca de R\$ 90 milhões com a compra de medicamentos sem eficácia comprovada, como a cloroquina, a azitromicina e o ivermectina¹³⁹. Em fevereiro de 2021, mesmo com estudos mais conclusivos sobre a ineficácia dessas medicações, Bolsonaro fez um questionamento similar ao de Trump: “se não faz mal, por que não tomar?”¹⁴⁰. Essa falsa associação contribuiu para promover a cloroquina/hidroxicloroquina como cura – falaremos especificamente sobre essa temática em nossa próxima análise.

4.4 Embates sobre a hidroxicloroquina

Em paralelo ao aumento de casos de infecção do coronavírus, um medicamento em específico ganhou amplo destaque no debate público, político e científico sobre sua eficiência no combate à COVID-19: a cloroquina e sua derivada, a hidroxicloroquina, remédios utilizados no tratamento de malária, reumatismos e lúpus, dentre outras doenças.

Na medida em que figuras políticas, conforme mencionamos em 4.3, passaram a se posicionar a respeito do medicamento, a polarização do debate transgrediu a esfera científica e passou a divergir opiniões, nem todas baseadas em evidências científicas. Neste sentido, entendemos que esses discursos se configuram como discursos anticientíficos que, assim como os discursos sobre as medidas de isolamento social, evidenciam a polarização entre direita e esquerda no Brasil.

¹³⁶ Disponível em: <https://edition.cnn.com/2020/04/05/politics/coronavirus-hydroxychloroquine-trump-briefing/index.html>. Acesso em 28 de fevereiro de 2021.

¹³⁷ “What do you have to lose?”, tradução da autora.

¹³⁸ “It can help them, but it's not going to hurt them”, tradução da autora.

¹³⁹ Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-55747043>. Acesso em 28 de fevereiro de 2021.

¹⁴⁰ Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2021/02/4904741-se-nao-faz-mal-porque-nao-tomar--diz-bolsonaro-sobre-remedios-sem-eficacia-contr-a-covid-19.html>. Acesso em 29 de fevereiro de 2021.

Em decorrência disso, enunciados desinformativos repletos de vozes sociais e históricas surgem com o propósito de defender um determinado posicionamento e contribuem para um cenário ainda maior de incerteza e instabilidade. Essa dinâmica, que revela discursos inerentemente axiológicos, pode ser observada no decorrer da nossa análise.

Dias após o Ministério da Saúde do Brasil publicar uma portaria¹⁴¹ liberando o uso da medicação em todo o país até em casos leves de infecção, a revista acadêmica *The Lancet* publicou um extenso estudo¹⁴² que demonstrava a ineficácia da cloroquina e que, inclusive, seu uso poderia aumentar fatalidades e problemas cardíacos em alguns pacientes. Os resultados apresentados pela pesquisa motivaram a OMS e outras entidades a interromperem os estudos que estavam sendo realizados por motivos de segurança.

Contudo, no dia 4 de junho, mês em que o enunciado de nosso *corpus* foi verificado, os próprios autores desse mesmo estudo pediram retratação e a OMS decidiu retomar os testes com a substância. Em nossa interpretação, o enunciado a seguir, publicado no dia 7, somente alguns dias após a repercussão das notícias sobre o ocorrido, se beneficia desse acontecimento para afirmar que a OMS errou ao não recomendar o uso da hidroxicloroquina no combate a COVID-19.

¹⁴¹Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/05/20/ministerio-da-saude-divulga-protocolo-que-libera-uso-de-remedio-para-malaria-para-covid-19.ghtml>. Acesso em 22 de março de 2021.

¹⁴²Disponível em: [https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736\(20\)31174-0/fulltext](https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736(20)31174-0/fulltext). Acesso em 22 de março de 2021.

Figura 26: *Corpus*: junho de 2020



Fonte: Agência Lupa, 2020.

Ao concebermos a noção bakhtiniana de linguagem de forma tridimensional (Paula, 2017), entendemos que o enunciado deve ser analisado em todas as suas dimensões (verbal, visual e vocal), uma vez que essas categorias se articulam indissociavelmente.

Assim, no plano verbal, ao iniciar afirmando que a OMS pediu desculpas, o enunciador coloca a instituição em uma posição de culpa, aquela que errou e que, portanto, precisa se redimir. No centro do enunciado consta uma foto do diretor executivo do programa de emergências da OMS, Mike Ryan, ao lado do diretor geral da organização, Tedros Adhanom Ghebreyesus, em entrevista concedida em Genebra no dia 6 de fevereiro de 2020¹⁴³. No momento em que a foto foi tirada podemos observar Ryan articulando com um semblante sério, ao mesmo tempo em que Tedros está olhando para baixo, também com o semblante fechado. O recurso da fotografia aproxima o leitor de um evento factual; nesse sentido, não só a escolha da foto, como também o próprio fato

¹⁴³ Disponível em: <https://www.reuters.com/article/instant-article/idUSKBN20028G>. Acesso em 30 de março de 2021.

de se optar por utilizar uma foto ao invés de uma imagem qualquer, evidencia uma estratégia do enunciador, que busca atingir o efeito de verdade para o que está sendo dito.

Trata-se, contudo, de um conteúdo falso. Apesar de a instituição ter prosseguido com as pesquisas com a hidroxiclороquina após a retratação do estudo publicado pela *The Lancet*, a retomada nas pesquisas com a hidroxiclороquina não significa que a instituição defenda o uso ou reconheça sua eficácia. Pelo contrário, durante uma coletiva de imprensa sobre o assunto, Mike Ryan reafirmou que não aconselha o uso fora de testes clínicos ou sem supervisão clínica apropriada¹⁴⁴. Não houve, portanto, nenhum pedido de desculpas como é dito no enunciado verbal, posto que não houve uma mudança em relação ao posicionamento inicial que se baseava, sobretudo, em seguir instruções de ordem científica. Dessa forma, o enunciador se aproveita de um acontecimento pontual (a retomada dos testes com a medicação) para desacreditar a instituição e despertar um sentimento de desconfiança no leitor, que pode duvidar não somente dessa, mas de outras medidas para a prevenção do coronavírus constatadas pela OMS, como o uso de máscara e os protocolos de distanciamento social.

Trazemos a figura a seguir para comparar como os aspectos verbo-visuais da dimensão branca do enunciado remetem à configuração de uma página de jornal *online*, como se essa tivesse sido “recortada” ou retirada diretamente da fonte. Com isso, mais uma vez o enunciador causa o efeito de que se trata de um conteúdo genuíno e comprovado. Em ambas as figuras, é possível identificar fontes semelhantes para a “manchete”, além de informações como data e hora em que foram publicadas. Optamos por realizar a captura de tela da figura com um dispositivo móvel, uma vez que os aplicativos, sites e redes sociais são redimensionados e adaptados aos inúmeros formatos de tela. Dessa forma, a semelhança pôde ser ainda mais evidente:

¹⁴⁴Disponível em: <https://veja.abril.com.br/mundo/oms-retoma-testes-clinicos-com-hidroxiclороquina-para-tratar-covid-19/>. Acesso em 30 de março de 2021.

Figura 27: Manchete G1

OMS anuncia que vai retomar testes com hidroxiclороquina para Covid-19

Cientista da entidade alertou, entretanto, que mais mudanças podem ocorrer no futuro. Testes com a substância foram suspensos na semana passada.

Por G1

03/06/2020 13h16 · Atualizado há 10 meses

Fonte: G1¹⁴⁵, 2021.

Na sequência da composição do enunciado, a interrogação “E agora globalixo?” parece ter sido substituída no lugar que caberia a “chamada” da notícia. A quebra de perspectiva se mantém também no conteúdo, que se desloca do campo da saúde e é direcionado à imprensa, agora em uma linguagem informal. Observemos que a pergunta é trazida com uma fonte ligeiramente maior, na cor preta, em letras garrafais, ganhando destaque na dimensão visual do enunciado; tais elementos, combinados com as escolhas lexicais da pergunta, evidenciam o tom emotivo-volitivo do enunciado:

O tom volitivo-emocional, embora vinculado à palavra e como que fixado a sua imagem sonora tonalizante, evidentemente não diz respeito à palavra mas ao objeto que esta exprime, mesmo que este não se realize na consciência como imagem visual; **só pelo objeto assimila-se o tom emocional** mesmo que este se desenvolva junto com o **som da palavra**. (BAKHTIN, 2011, p. 86, grifos nossos).

Alinhado a esse pensamento, a escolha das letras maiúsculas em detrimento das minúsculas, em conjunto com as escolhas de ordem semântica do enunciado, simbolizam uma elevação na altura da voz, uma exacerbação do enunciador que, indignado com o “erro” cometido pela OMS, intimida aqueles que haviam concordado com a instituição.

¹⁴⁵Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/06/03/oms-anuncia-que-vai-retomar-testes-com-hidroxiclороquina-para-covid-19.ghtml>. Acesso em 30 de abril de 2021.

O termo “globolixo” é empregado para se referir aos veículos jornalísticos e comunicacionais do Grupo Globo e traz à tona valorações que foram construídas ao longo de acontecimentos que ocorreram entre o governo e o veículo. De acordo com relatório¹⁴⁶ da Federação Nacional dos Jornalistas (FNJ), o ano de 2020 trouxe um aumento significativo no número de ataques aos jornalistas e à liberdade de imprensa no Brasil. O relatório constatou que a “explosão de casos está associada à sistemática ação do presidente da República, Jair Bolsonaro, para desacreditar a imprensa e a ação de seus apoiadores contra veículos de comunicação social e contra os jornalistas”. Cabe mencionar que, durante sua carreira na política, Bolsonaro sempre demonstrou admiração pela ditadura militar brasileira (1964 a 1985), período em que a censura à imprensa era amparada institucionalmente pelo governo.

Entre os ataques que são descritos no relatório, há um número alto de ofensas dirigidas aos veículos da Globo e pelo menos 4 ocorrências com menção ao termo “Globo lixo”. Segundo a fonte, o contexto da pandemia agravou a situação, já que o momento foi utilizado como pretexto para ataques do presidente e dos negacionistas da doença. Essa última constatação reflete-se na produção enunciativa dos ambientes virtuais, conforme é possível observar nos enunciados cotejados abaixo, produzidos por internautas, a respeito da rede Globo:

Figura 28: Representações da rede Globo



Fonte: Domestika¹⁴⁷, Blogspot¹⁴⁸, 2021, elaborado pela autora.

¹⁴⁶ Disponível em: https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2021/01/relatorio_fenaj_2020.pdf. Acesso em 30 de março de 2021.

¹⁴⁷ Disponível em: <https://www.domestika.org/pt/projects/655147-globo-virus>. Acesso em 22 de março de 2021.

¹⁴⁸ Disponível em: <https://vindodospampasoretorno.blogspot.com/2020/03/globo-virus-proteja-se-desse-virus.html>. Acesso em 22 de março de 2021.

Em ambas as imagens há a fusão do logotipo que representa a Rede Globo com a representação que se convencionou fazer do vírus, que possui a forma arredondada rodeada de “espinhos”, geralmente representado na cor verde. Na primeira imagem, observamos que a forma retangular que constitui o logo aparece achatada, conferindo a impressão de um semblante autoritário, enfurecido; junto a isso, as manchas marrons presentes na imagem conferem o sentido de algo sujo, que remete ao lixo. No plano verbal, o *slogan* da emissora (“A gente se liga em você”) foi ressignificado com o advérbio de negação “não” e o advérbio de intensidade “muito”, conferindo sentido oposto ao da frase original. Na segunda imagem, a representação do vírus é feita pela cor verde, a mais habitual de ser utilizada. O plano verbal consiste em apenas uma frase exclamativa, também na cor verde: “Proteja-se desse vírus!”. O encadeamento com o contexto da pandemia pode ser também demonstrado com a escolha lexical do termo “vírus” para se referir à emissora. O substantivo, quando empregado no sentido figurado, significa algo negativo e pernicioso e, em função disso, é necessário que as pessoas se “protejam” contra a emissora, isto é, a boicotem e não assistam a seus conteúdos.

Esse movimento dialógico de cotejo permite uma expansão de sentidos em nossa análise, tornando possível a manifestação “de mais vozes para a penetração mais profunda no discurso” (GERALDI, 2012). O contexto em que o enunciado emerge, por sua vez, é repleto de valorações e significações atribuídas pelos sujeitos que, nas mais diversas manifestações discursivas, revelam um ato responsivo, uma tomada de posição.

Ainda a respeito do tom do enunciado que constitui nosso *corpus*, após a pergunta “E agora globolixo?”, a entonação de intimidação se mantém no desenrolar de interrogações que são trazidas, também em letras garrafais: “E agora STF? E agora Dória? E agora 26 governadores, prefeitos e vereadores?”. Em conjunto, os questionamentos assumem um tom ainda maior de protesto, de indignação, particular da “ideologia do cotidiano” que é refletida e refratada nos discursos do ambiente virtual.

Não se trata, como temos demonstrado, de meros questionamentos, posto que neles estão impressos valores axiológicos construídos sócio-historicamente, repletos da ideologia constitutiva do grupo ao qual o enunciador pertence. A primeira pergunta é dirigida ao Supremo Tribunal Federal, a instância máxima do Poder Judiciário que é também responsável pela garantia do respeito à Constituição Federal. Em diálogo com a contextualização da nossa primeira análise, em 4.1 discutiremos sobre grupos pró-governo se manifestarem em oposição ao STF (e à Constituição, com os pedidos de intervenção

militar), tal acontecimento revela uma tensão existente entre essas duas instâncias. Já a segunda pergunta se refere ao governador do Estado de São Paulo, João Dória (PSDB), que adotou postura divergente da de Bolsonaro no que diz respeito a questões relacionadas à pandemia. A última pergunta é dirigida aos “26 governadores, prefeitos e vereadores”. O número específico que é atribuído aos governadores refere-se a uma carta, assinada por 26 dos 27 chefes de estado, que listava uma série de reivindicações ao governo federal¹⁴⁹. Considerando o todo de sentido do enunciado, depreendemos que o ataque é direcionado a organizações e instituições, à imprensa e a sujeitos da esfera política (Dória, governadores, prefeitos, vereadores) que em algum momento se manifestaram contra não só o uso da hidroxicloroquina para o tratamento da COVID-19, como também expuseram oposição ao governo de Bolsonaro.

A partir da proposição bakhtiniana de que as ações enunciativas do sujeito são perpassadas pelas ideologias que ele assume, trazemos mais dois cotejos de enunciados que emergiram no ambiente virtual e que revelam modos singulares de se posicionar diante de um mesmo objeto. A nossa proposta é demonstrar que o argumento utilizado para defender a hidroxicloroquina, por meio do ataque à confiança e descrédito em instituições e organizações, é comum da dinâmica social desses grupos.

¹⁴⁹Disponível em:

https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2020/03/25/interna_politica,1132514/coronavirus-governadores-divulgam-carta-com-reivindicacoes-ao-governo.shtml. Acesso em 12 de abril de 2021.

Figura 29: Desafio de cada governo



Fonte: Facebook¹⁵⁰, 2020.

O enunciado elenca os desafios dos governos da Itália, Espanha, EUA e Brasil, no qual é dito que todos precisam “vencer o vírus”, exceto pelo Brasil, que precisa “vencer o vírus, a imprensa, os traidores e o sistema corrupto”. O destaque em negrito é atribuído ao termo “vírus” que é repetido quatro vezes ao longo da construção do enunciado. As palavras “imprensa”, “traidores” e “o sistema corrupto” também ganham o mesmo destaque que, somado ao contraste da cor branca das letras com o fundo preto do enunciado, chamam a atenção do leitor.

Todas essas palavras destacadas, como veremos, dialogam diretamente com o nosso *corpus*, ainda que os enunciadores sejam desconhecidos entre si. A imprensa, como discutimos, é mencionada pelo sentimento de adversidade que foi construído com o atual governo, que se coloca como vítima dos veículos noticiosos. Ainda que não explicita quem são os “traidores”, o governador João Dória pode ser incluído nesse grupo. Apesar do apoio mútuo entre presidente e governador durante o período eleitoral, que culminou no termo “bolsodória”, a relação se desviou após a eleição de Bolsonaro e o governador passou a distanciar a sua imagem da do presidente¹⁵¹. A referência ao “sistema corrupto” também não é explícita, mas o Supremo Tribunal Federal pode ser considerado parte

¹⁵⁰Disponível em: <https://www.facebook.com/102833441094690/posts/219ea1c0/236994421011924/>. Acesso em 12 de abril de 2021.

¹⁵¹Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2019/08/22/doria-ataca-bolsonaro-mas-sofre-reves-no-psdb.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em 28 de abril de 2021.

desse “sistema”, já que naquele momento Bolsonaro havia se manifestado incomodado com a operação do inquérito das *fake news* que havia sido autorizada pela Corte¹⁵².

Na dimensão visual, há uma foto de Bolsonaro em destaque, com o semblante sério, olhando para baixo com as mãos sobrepostas de forma a cobrir sua boca e queixo. A postura pensativa causa o efeito de que o presidente está preocupado com os desafios do governo brasileiro, que foram elencados na dimensão verbal.

O próximo enunciado é trazido como uma manifestação ideológica antagônica a este, a fim de demonstrar quais posicionamentos estão em jogo. Por não serem datados e circularem em diversos sites e redes sociais do ambiente virtual, não é possível afirmar qual enunciado foi o primeiro a ser criado, mas é possível inferir que há uma relação dialógica explícita e proposital entre eles.

Figura 30: Desafio de cada governo na pandemia



Fonte: Facebook¹⁵³, 2020.

¹⁵² Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/05/28/bolsonaro-critica-acao-do-stf-e-diz-que-tudo-tem-limite-acabou-porra.htm>. Acesso em 28 de abril de 2021.

¹⁵³ Disponível em:

<https://www.facebook.com/pt.brasil/photos/a.106208242798893/2933236476762708/?type=3>. Acesso em 2 de abril de 2020.

Observemos que os países, em ambos os enunciados, são os mesmos e dispostos na mesma ordem; o “desafio de cada governo” também é o mesmo (“vencer o vírus”), exceto no caso do Brasil, em que é dito “vencer o vírus e sobreviver ao verme”. O termo “verme”, nesse caso, faz alusão a Bolsonaro. Enquanto voz e figura de autoridade, o fato de o presidente não concordar com as orientações de cunho científico e insistir no uso de medicamentos que não apresentam evidências comprovadas impõe um risco à vida da população. Por esse motivo é necessário “sobreviver”, “resistir” a esses enfrentamentos. Além disso, podemos citar o discurso de que “o Brasil não deve parar”, aprofundado em 4.2, que banaliza a vida dos indivíduos em defesa da economia.

Na dimensão verbal, há uma foto em que Bolsonaro está tentando arrumar a máscara, mas acaba cobrindo os próprios olhos com o equipamento. Essa e outras fotos do presidente usando a máscara de maneira equivocada foram utilizadas por opositores para ridiculizar sua postura. Colocadas em paralelo, as fotos que são trazidas em ambos os enunciados não nos parecem escolhas aleatórias, mas demonstram o projeto de dizer de diferentes grupos sociais e suas axiologias sobre a política.

No canto inferior esquerdo, há o símbolo do Partido dos Trabalhadores (PT), um dos partidos opositores de Bolsonaro. O símbolo revela por qual grupo o enunciado foi produzido, o que pode ser certificado por ter sido retirado da própria página oficial do partido no *Facebook*.

Por meio dos enunciados cotejados é possível confirmar que o debate que se criou a respeito da hidroxiclороquina transcende a esfera da saúde e coloca em embate diferentes vozes, discursos, sujeitos e seus diferentes grupos, que travam entre si disputas de cunho ideológico e evidenciam o embate entre forças centrípetas e centrífugas. Essa dinâmica, pela lente da dialética-dialógica, revela como os pronunciamentos e a postura da voz de autoridade do Presidente da República atuam como centro de sentido, isto é, como forças centrípetas buscam homogeneizar discursos e consensos sobre o que promovem e, nesse caso, sobre a hidroxiclороquina.

Conforme o encaminhamento empreendido no item 3.5, de que os atos de linguagem refletem e refratam um fazer, Paula e Siani (2020a, p. 48) afirmam que “calcados na fala e na postura do Presidente, muitos deixaram o isolamento social e voltaram às ruas, com aglomerações, sem respeitar as recomendações médicas (sem uso de máscaras, sem cuidado para contato, proximidade e desinfecção de si e de objetos)”. Assim, pelos lugares que ocupam, presidentes como Trump e Bolsonaro são sujeitos que moldam e influenciam as práticas socioculturais dos meios que os cercam.

Essa ponderação pode ser considerada como uma das causas que justificam o aumento de 558% de notificações por efeitos adversos decorrentes do uso da hidroxicloroquina e ao menos nove mortes¹⁵⁴, conforme as atualizações da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) até abril de 2021. A seguir, analisaremos o negacionismo do número de óbitos na pandemia.

4.5 Negação por meio de números “oficiais”

No livro *Os números (não) mentem: como a matemática pode ser usada para enganar*, o jornalista e matemático Charles Seife (2012) trata sobre como os números são utilizados como uma estratégia poderosa e perigosa para convencer pessoas das coisas mais absurdas. Segundo o autor, “dados adulterados, estatísticas fajutas e matemática ruim podem dar aparência de verdade à ideia mais fantasiosa, à falsidade mais acintosa. Podem ser usados para oprimir os inimigos, destruir os críticos e pôr fim à discussão.” (SEIFE, 2012, p. 8).

Para demonstrar como a nossa sociedade está submersa em falsidades numéricas, nas mais diversas esferas (midiática, política, religiosa), o autor inicia exemplificando com uma situação concreta na história da política estadunidense. Em uma tentativa de expor uma suposta infiltração comunista em diferentes áreas do governo dos Estados Unidos, um senador apareceu com números extremamente exatos que “embasavam” suas acusações. Os números forjados pelo senador foram o suficiente para conferir um clima de autenticidade ao que ele estava propondo, de modo que, apesar da desconfiança das autoridades da Casa Branca sobre um possível blefe, a solidez com que os números eram trazidos fazia com que elas duvidassem de si mesmas.

A prática de forjar números com o objetivo de comprovar falsidades foi denominada por Seife (2012, p. 9) como “falácia matemática”, isto é, “a arte de empregar argumentos matemáticos enganosos para provar algo que nosso coração diz ser verdade – ainda que não seja”. Cabe destacar nesta frase o fragmento “que nosso coração diz ser verdade” que, como trazemos em nossa discussão sobre a pós-verdade no primeiro capítulo, revela uma tendência dos sujeitos em acreditar rapidamente no que reafirma suas próprias crenças e convicções. Soma-se a essa tendência a falsa sensação de que gráficos

¹⁵⁴Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/bem-viver/2021/04/05/interna_bem_viver.1253798/efeitos-adversos-a-cloroquina-disparam-558-e-mortes-sao-registradas.shtml. Acesso em 20 de abril de 2020.

e estatísticas, dados percentuais e números exatos parecem verdades absolutas e incontestáveis.

Esse mecanismo de persuasão por meio de números, como veremos, pode ser analisado enquanto uma das estratégias de linguagem utilizadas em práticas e enunciados desinformativos, sobretudo em *fake news* relacionadas ao espaço-tempo pandêmico, em que recursos matemáticos ganham destaque. De acordo com um estudo¹⁵⁵ realizado por pesquisadores da Universidade de Cambridge, no Reino Unido, pessoas com pouco entendimento sobre números têm mais chances de acreditar em desinformações sobre o coronavírus, isto porque eles exigem uma capacidade do interlocutor de compreender e analisar as informações quantitativas de maneira ampla. A pesquisa também revelou que grupos mais suscetíveis a acreditar em *fake news* eram os que menos cumpriam as medidas de segurança e saúde pública, além de serem os que mais afirmaram que não se vacinariam.

Desde que o primeiro caso de contágio pela COVID-19 foi registrado no Brasil, em fevereiro, o número de óbitos por mês em decorrência da doença seguiu crescente. Julho foi o segundo mês a contabilizar mais de 30 mil mortes, registrando o maior número até aquele momento¹⁵⁶. No total, o número somava 92.568 óbitos em solo brasileiro. Apesar das divergências sobre a tendência de aumento, alguns especialistas previam que se o Brasil não começasse a realizar o distanciamento social em cidades em que os números ainda estavam estabilizados ou crescentes, o número poderia aumentar ainda mais nos meses seguintes. Em meio a esse cenário, é frequente o apelo aos recursos gráficos (tabelas, projeções, infográficos) para informar e elucidar dados e estatísticas (como números de casos, mortes diárias e mensais e curvas de contágio), principalmente na esfera midiática e jornalística.

O enunciado a seguir, veiculado nos ambientes virtuais e verificado no mês de julho de 2020, dispõe de uma tabela que foi criada para comparar o número de óbitos que aconteceram no primeiro semestre de 2020 e no primeiro semestre de 2019.

¹⁵⁵ Disponível em: <https://exame.com/mundo/pessoas-com-pouco-entendimento-de-numeros-sao-mais-suscetiveis-a-fake-news/>. Acesso em 3 de abril de 2021.

¹⁵⁶ Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/08/01/32912-vidas-perdidas-julho-foi-o-mes-com-mais-mortes-por-covid-19-no-brasil-apontam-secretarias-de-saude.ghtml>. Acesso em 2 de abril de 2021.

Figura 31: *Corpus*: julho de 2020

**SEMPRE GOSTEI DE NÚMEROS POR QUE ELES NÃO MENTEM, NÃO TEM COMO ENGANAR!
ALGUÉM SABE ME EXPLICAR, TENHO UMA DÚVIDA?**

ÓBITOS	2020	2019	2019 a mais
JANEIRO	106.374	108.024	1.650
FEVEREIRO	90.109	90.884	775
MARÇO	95.137	103.590	8.453
ABRIL	103.109	111.735	8.626
MAIO	110.274	127.427	17.153
JUNHO	102.863	124.309	21.446
TOTAL	607.866	665.969	58.103

**OU SEJA, NOS MESMOS MESES DE 2019 E 2020, NO ANO DE 2019 TIVEMOS 58.103 MORTES A MAIS QUE NESTE ANO AÍ PERGUNTO AONDE ESTÁ A “PANDEMIA”, NÃO ESTOU CONSEGUINDO VER - ALGUÉM PODE EXPLICAR?
LEMBRE QUE OS DADOS SÃO OFICIAIS DE REGISTRO EM CARTÓRIO NO BRASIL - PODEM VER VOCÊS MESMO**
<https://transparencia.registrocivil.org.br/registros>

Fonte: Agência Lupa, 2020.

Antes de apresentar a tabela, o enunciado constata, em letras pretas e garrafais, o seguinte fragmento: “Sempre gostei de números por que eles não mentem, não tem como enganar!”. A frase é construída na primeira pessoa do singular, embora ocorra a omissão do sintagma pronominal [eu]. A omissão do sujeito é possível nesse caso e não constitui uma “afronta” à gramática normativa como acontece com o uso dos “porquês”. O afastamento das regras gramaticais da língua portuguesa pode ser considerado um indício de que o enunciador não deve ser de fonte confiável, uma vez que geralmente há revisores nos veículos que publicam informações verificadas. Logo, o “estilo” do enunciado flerta com a informalidade, com a linguagem oral, falada.

O posicionamento que é trazido pelo enunciador refuta e dialoga com o próprio título da obra supracitada, de Charles Seife, *Os números (não) mentem: como a matemática pode ser usada para enganar*. Observemos que no nome do livro o advérbio “não” é trazido entre parênteses, permitindo uma dupla leitura: os números não mentem e os números mentem, já que ambas as situações são possíveis, conforme a ideia desenvolvida no complexo da obra. O fragmento “não tem como enganar!”, entoado pelo uso da exclamação, que causa o efeito de absoluta certeza do que está sendo enunciado, é contrário ao que é dito no livro, que ao longo de oito capítulos vai demonstrar “como a matemática pode ser utilizada para enganar”.

Na sequência, a pergunta “Alguém sabe me explicar, tenho uma dúvida?” tem finalidade retórica e é carregada de ironia, posto que o enunciador possui conhecimento do seu objeto e se utiliza do questionamento para convencer o interlocutor acerca do que está sendo dito. A respeito da dimensão da ironia no enunciado, Brait (2008, p. 140) pondera que ela “desencadeia-se um jogo entre o que o enunciado diz e o que a enunciação faz dizer, com objetivos de desmascarar ou subverter valores, processo que necessariamente conta com formas de envolvimento do leitor”. Logo, com a pergunta, o leitor é incitado a observar a tabela que é trazida, não para que ele explique a “dúvida”, mas para que ele tire suas próprias conclusões com base na análise dos dados que são apresentados.

A tabela é composta por quatro colunas, em que os títulos são destacados pela cor rosa: a primeira, “óbitos”, traz os meses que compõem o primeiro semestre de um ano; a segunda, “2020”, e a terceira, “2019”, trazem os números de mortes em cada um dos meses dos respectivos anos; por fim, a quarta, “2019 a mais”, traz os dados que foram calculados subtraindo-se o total de morte de cada mês em 2019 e em 2020. Essa última coluna é acrescida para dar destaque à mensagem de que o número acumulado de mortes no primeiro semestre de 2020 seria inferior ao do primeiro semestre de 2019. Essa premissa se confirma na última linha, destacada pela cor vermelha, em que é colocado o “total” de mortos em cada ano, indicando na última coluna uma diferença final de 58.103 mortes a mais no ano de 2019.

Após apresentar a tabela, o enunciador explica essa mesma conclusão, que não deixa de ser uma resposta para a pergunta que ele tinha feito anteriormente: “Ou seja, nos mesmos meses de 2019 e 2020, no ano de 2019 tivemos 58.103 mortes a mais que neste ano”. A expressão “ou seja” é utilizada para explicar algo que foi dito anteriormente, esse já-dito é, nesse caso, a informação contida nos dados da tabela.

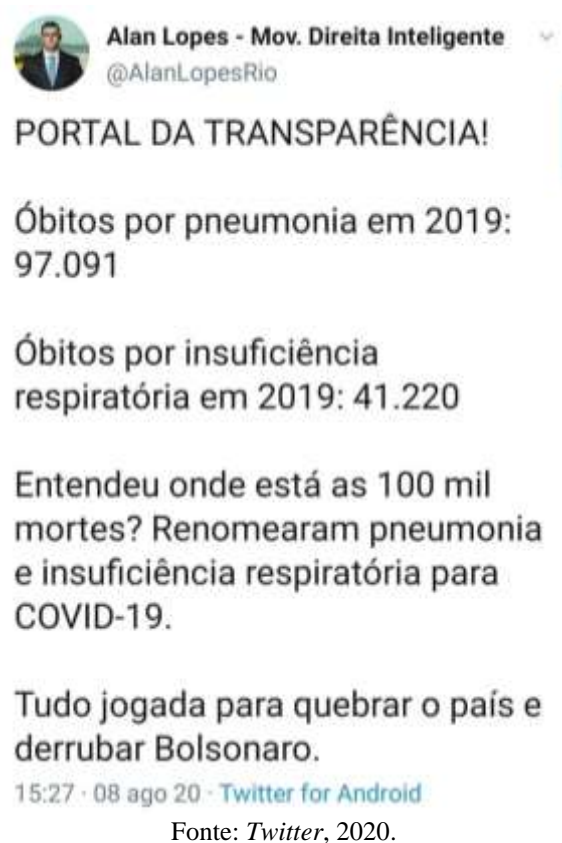
A ironia é novamente verificada na frase seguinte: “Ai pergunto aonde está a ‘pandemia’, não estou conseguindo ver – alguém pode explicar?”. De acordo com Brait (2008), esse recurso pode ser considerado como uma argumentação e ao mesmo tempo um afrontamento de ideias e de normas institucionais, pelo qual “o produtor da ironia, encontra formas de chamar a atenção do enunciatário para o discurso e, por meio desse procedimento, contar com sua adesão.” (BRAIT, 2008, p. 138). Os fragmentos “tenho uma dúvida?” e “alguém pode me explicar?” são, desse modo, perguntas retóricas que convidam o leitor a aderir o que está sendo dito.

No final, o enunciador certifica “Lembre que os dados são oficiais de registro em cartório no Brasil – podem ver vocês mesmo”. Apesar de pedir que o enunciador “lembre”, a informação sobre a fonte dos dados está sendo trazida pela primeira vez. O trecho “podem ver vocês mesmo”, seguido do endereço do *site* do Portal da Transparência, é uma estratégia para convencer o leitor que o que está sendo dito é algo verdadeiro e confiável, além de assegurado por uma fonte oficial.

O *site* do Portal da Transparência do Registro Civil disponibiliza estatísticas de nascimentos, casamentos e óbitos, a partir de dados de cartórios que são chancelados pela Associação Nacional de Registradores de Pessoas Naturais. Apesar da fonte mencionada de fato existir, todos os números apresentados de janeiro a junho, nas colunas de 2019 e 2020, são diferentes dos números que realmente podem ser verificados no portal.

A absoluta certeza e firmeza com a qual o enunciador constata o que é dito dão o tom de algo incontestável, seguro, mesmo que todos os números tenham sido falseados. Essa estratégia é suficiente para despertar a confiança no público ao qual o enunciado se dirige, que em raros casos poderia se preocupar em conferir cada um dos doze números que foram forjados ou de confirmar a informação antes de compartilhá-la.

Ainda de acordo com o estudo supracitado, um número significativo de pessoas em todo o mundo compartilha de crenças pseudocientíficas e conspiratórias a respeito da pandemia. Entre as teorias mais populares, a pesquisa cita justamente a que questiona a veracidade do número de mortos, assim como faz nosso enunciado. Essa narrativa, que manipula dados para negar a gravidade ou até mesmo a existência da doença, pode ser observada em inúmeros outros enunciados que circulam desde o início da pandemia, como o que cotejaremos a seguir.

Figura 32: Óbitos por pneumonia

Em mais uma tentativa de mostrar que o coronavírus não representa uma ameaça tão grave à saúde pública, o *tweet* afirma que as mortes por pneumonia e insuficiência respiratória ocorridas em 2020 foram registradas (e, portanto, renomeadas) como COVID-19. A “fonte” é trazida logo na primeira frase, em letras maiúsculas, com a presença do ponto de exclamação “Portal da transparência!” – mesmo portal citado no enunciado anterior. Tal afirmação não corresponde à verdade, já que apesar de os óbitos em decorrência do coronavírus estarem em destaque no portal, é possível também encontrar registros de óbitos por pneumonia e insuficiência respiratória no ano de 2020.

Por meio dessa constatação, o enunciado causa dúvida sobre a existência da doença e das mais de 100 mil mortes registradas em solo brasileiro até aquele momento. Mais uma vez, os números também foram trocados para corroborar a premissa falsa de que os números estão sendo inflados e para negar a doença.

A recorrência de enunciados que fazem uso de números para embasar um fato se beneficiam de que é difícil imaginar que um número possa ser gerado para sustentar uma mentira pois, conforme Charles Seife (2012, p. 11), “até mesmo os maiores absurdos parecem plausíveis no momento em que são expressos em termos numéricos”. Paradoxalmente, as pessoas não acreditam e duvidam dos números reais quando eles não

favorecem posicionamentos axiológicos construídos no meio social que as cerca. De acordo com Lazer et al. (2018), essa questão está relacionada com a cognição coletiva, assim como com mudanças estruturais em nossa sociedade. Para os autores, “os indivíduos tendem a não questionar a credibilidade da informação, a menos que ela viole seus preconceitos ou que sejam incentivados a fazê-lo. Caso contrário, eles podem aceitar informações sem críticas.” (LAZER et al., 2018, p. 3, tradução nossa¹⁵⁷).

Cabe destacar que, de acordo com Paula e Siani (2020a), a mídia anuncia o número de mortes na pandemia de maneira abstrata e generalizada. Esse tecnicismo esvazia os sentidos, posto que o sujeito os elabora a partir da vivência do seu lugar único no mundo; quando a perda é de alguém querido, próximo, por exemplo, as valorações são outras. Assim, “transformar as mortes de sujeitos em números abstratos desumaniza as vidas perdidas, pois são meros números, técnicos, quantitativos, vazios.” (PAULA, SIANI, 2020a, p. 51). No caso de um enunciado desinformativo, que distorce, manipula e engana, essa banalização é ainda mais categórica, uma vez que os números não refletem verdadeiramente a realidade.

Analisemos, por fim, a frase final do enunciado, que diz “Tudo jogada para quebrar o país e derrubar Bolsonaro.”. A frase revela a dimensão axiológica do enunciado e a visão do enunciador que, por meio da linguagem, elabora informações falsas para defender a figura presidencial, já que esta se coloca como vítima das circunstâncias para tentar se eximir de sua responsabilidade. A respeito da postura do presidente, Paula e Siani (2020a, p. 52) elucidam:

[...] ao ser questionado, Bolsonaro, confortavelmente, responde “E daí?”. Primeiro porque números não são pessoas. Segundo porque ele tenta se eximir de sua responsabilidade de chefe de Estado, que desempenha de seu lugar de Presidente da República. Terceiro porque preocupado consigo e os seus, em sua reeleição e, portanto em sua imagem, prefere, por escolha sem álibi de sua existência, CNPJs a CPFs, de novo, números ao invés de vidas.

Tendo em vista que o discurso tem materialidade e se constitui de atos responsáveis e responsivos, esse tipo de distorção, no contexto pandêmico, enfraquece a adesão da população aos cuidados necessários de prevenção que, em atos de fazer, opta por não utilizar máscara e participar de aglomerações, por exemplo. Não é possível,

¹⁵⁷ No original: “Individuals tend not to question the credibility of information unless it violates their preconceptions or they are incentivized to do so. Otherwise, they may accept information uncritically.”

contudo, isentar-se da responsabilidade desses atos, uma vez que, conforme Bakhtin (2009), não há álibi para a existência do ser.

CONCLUSÃO

A pesquisa que apresentamos teve como objetivo, sob a perspectiva dialético-dialógica da linguagem, analisar o funcionamento de alguns dos discursos desinformativos que emergiram durante a pandemia do novo coronavírus no Brasil. Diante da premissa de que todo enunciado, quando produzido, contempla um contexto social e historicamente situado, no primeiro capítulo destacamos os elementos fundamentais para a compreensão da dimensão do nosso objeto. Nos dois capítulos seguintes, metodológico e teórico, respectivamente, estabelecemos o percurso e os conceitos basilares do Círculo de Bakhtin que fundamentaram a nossa análise, desenvolvida no quarto e último capítulo.

Ao adotar o método dialético-dialógico, compreendemos que os enunciados não podem ser estudados fora da cadeia discursiva e do seu contexto sócio-histórico, motivo pelo qual o cotejamento de textos e seus contextos foram fundamentais para a análise que nos propusemos a realizar. Em função disso, o percurso teórico-analítico do trabalho concebeu o contexto amplo dos enunciados para, desse modo, buscar compreender os sentidos que são produzidos em seu interior.

Consideramos que o *corpus* selecionado abrangeu não só diferentes manifestações enunciativas, mas também temáticas variadas, de modo que foi possível um entrecruzamento dos acontecimentos que se sobressaíram durante as disputas discursivas desse período. Isto posto, identificamos que a produção dos enunciados e discursos analisados foi motivada pelos acontecimentos e contextos que os cercaram, como a corrida pela vacina contra o vírus causador da COVID-19; os debates sobre as medidas de prevenção e segurança, como o isolamento e o *lockdown*; as receitas caseiras com promessas de prevenção e de curas milagrosas; os embates a respeito da eficácia da hidroxicloroquina e a negação da gravidade e da existência da doença.

Nossas análises nos permitiram constatar que o modo de refração dos enunciados desinformativos é intensamente dialógico, sobretudo por sua constituição enquanto campo de criação ideológica. Assim, identificamos nesse espaço diferentes vozes, como a da ciência, da religião, da medicina, da política, do cotidiano, mesmo que muitas vezes não mostradas explicitamente nas dimensões do enunciado.

Como qualquer discurso, os desinformativos e *fakes* são permeados pelo horizonte social e são construídos em movimentos de aproximação e/ou distanciamento, em direção ao passado e ao futuro, revelando com quais vozes concordam, quais refutam e quais polemizam. Sendo o contexto pandêmico um espaço atravessado por diferentes formações discursivas que nos constituem enquanto sujeitos, há também um horizonte valorativo em que identificamos as crenças e convicções que são compartilhadas por diferentes grupos sociais.

Entre as estratégias, verificamos: o deslocamento espaço-temporal do contexto original de discursos e imagens; a tentativa de legitimação do que está sendo dito por meio da reinterpretação de informações verdadeiras; a apropriação de vozes de autoridade e de discursos cientificistas na busca de que os sentidos produzidos sejam socialmente validados; posicionamentos fundamentalistas e negacionistas para desestabilizar a confiança em organizações, instituições e veículos jornalísticos e a manipulação de dados para negar a gravidade ou até mesmo a existência da doença.

Cabe destacar que esta pesquisa se desenvolveu em paralelo ao momento sócio-histórico dos enunciados analisados, de modo que, com um distanciamento maior do *corpus*, outros sentidos e valorações poderiam ser suscitados, mas nunca concluídos, posto a infinitude do processo dialógico (GERALDI, 2012).

Compreendemos, contudo, que os enunciados desinformativos não são enunciados atemporais, pelo contrário, eles demandam um encadeamento com o tempo-espaço em que circulam, adquirindo maiores chances de se difundirem na medida que se relacionam com eventos recentes. Em outros termos, esses enunciados são historicamente construídos e refletem/refratam a realidade de acordo com o contexto e acontecimentos mais recentes, atualizando, resignificando e adequando seus sentidos. Em função disso, e pela possibilidade de fazer emergir diversas vozes não marcadas explicitamente nas materialidades discursivas, é que defendemos estudos que tratem sobre o fenômeno desinformativo sob a perspectiva dialético-dialógica.

Por meio das nossas análises, também verificamos que as medidas diretivas para a contenção do coronavírus se transformaram em uma arena onde se confrontam valores e posicionamentos sociais contraditórios e que realçaram a polarização já existente no Brasil entre sujeitos de direita e sujeitos de esquerda. A divergência de valores também foi observada nos embates entre figuras públicas da esfera política, como entre o presidente e ministro(s) da saúde e presidente e governadores. Com isso, o horizonte

valorativo dos enunciados aponta para duas principais visões antagônicas que são compartilhadas entre os grupos sociais: a que recusa e a que se norteia pela ciência.

Nesse sentido, o embate de forças político-ideológicas dos enunciados coloca em jogo, de um lado, a aprovação do discurso anticientífico do presidente, vinculada ao discurso de que “o Brasil não pode parar”, que prioriza as atividades econômicas do país e nega gravidade da doença; de outro, as vozes dos cientistas, médicos e pesquisadores, que desde o início da pandemia trabalham em busca de soluções, curas e tratamentos.

Em decorrência desse cenário, os enunciados desinformativos surgem com o propósito de defender uma determinada valoração e, pelo descompromisso que possuem com a verdade, contribuem para um cenário ainda maior de incertezas e instabilidades. Além disso, favorecem o descrédito na ciência e nas instituições globais de saúde pública, bem como enfraquecem a adesão da população aos cuidados necessários de prevenção da COVID-19.

Em meio ao exposto, a conclusão a que chegamos com a pesquisa é que os enunciados desinformativos são manifestações discursivas inerentemente ideológicas que se manifestam com diferentes composições conforme os meios que circulam, o público com que dialogam e as constantes transformações sociais da vida. Ressaltamos que o olhar que lançamos para o fenômeno da desinformação e das *fake news* não se limita a este estudo pois, em concordância com o pensamento bakhtiniano, as relações dialógicas estão em constante interação no processo de construção eu/outro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, R. Conservadorismo, evangelismo e a crise brasileira. *Novos estud. CEBRAP* [online]. v. 38, p. 185-213, 2019.

ALMEIDA, H. N. *et al.* Tweetocracia e o populismo 2.0 da direita: o caso do Brasil. In: *ENCONTRO ANUAL DA ANPOC*, 43., out. 2019, Caxambu, MG. São Paulo, ANPOCS, 2019.

AMORIM, M. *O pesquisador e seu outro – Bakhtin nas Ciências Humanas*. Rio de Janeiro: MUSA, 2001.

_____. Para uma filosofia do ato: “válido e inserido no contexto”. In: BRAIT, Beth. (org.). *Bakhtin, dialogismo e polifonia*. São Paulo: Contexto, 2009. p.17-43.

ARENDT, H. *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva, 2007 [1967].

BAKHTIN, M. M. *Para uma filosofia do ato responsável*. São Carlos: Pedro&João, 2009.

_____. *Problemas da Poética de Dostoiévski*. São Paulo: Forense, 2008.

_____. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

_____. *Questões de Literatura e de Estética*. São Paulo: UNESP, 1993.

BAKHTIN, M. M.; VOLOCHINOV., V. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 11.ed. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2009.

BRADBURY, R. *Fahrenheit 451: a temperatura na qual o papel do livro pega fogo e queima*. Trad. Cid Knipel. 2. ed. São Paulo: Globo, 2012.

BRAIT, B. *Ironia em perspectiva polifônica*. Campinas: UNICAMP, 2008.

_____. (Org.). *Bakhtin – Dialogismo e Polifonia*. São Paulo: Contexto, 2009.

BOBBIO, N.; MATTEUCCI, N.; PASQUINO, G. *Dicionário de política*. Trad. Carmen C. Varriale et al. v. 1. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2010.

BOUNEGRU, L. *et al.* *A field guide to fake news*. Disponível em: <http://fakenews.publicdatalab.org/>. Publicado em 17 de mar. de 2017.

BRASIL. Presidente (2018-2020: Jair Bolsonaro). *Pronunciamento do presidente da República, Jair Bolsonaro, em Cadeia de Rádio e Televisão. Palácio do Planalto*. 24 de março de 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=VI_DYb-XaAE. Acesso em 26 de maio de 2020.

BUBNOVA, T. Voz, sentido e diálogo em Bakhtin. *Bakhtiniana*, São Paulo, v. 1, n.6, p. 268- 280, 2º semestre, 2011.

CARVALHO, B. L. P. Por que há pessoas que negam o Holocausto. In: *Café História – história feita com cliques*. Disponível em: <https://www.cafehistoria.com.br/por-que-negam-o-holocausto/>. Publicado em 30 dez. 2019. ISSN: 2674-5917. <https://www.cafehistoria.com.br/por-que-negam-o-holocausto/>

CRISTOVÃO, A. O valor de verdade como ato responsável e responsivo: as agências de checagem de notícias. *Cadernos de Linguística*, v. 1, n. 4, p. 01-13, 23 fev. 2021.

D'ANCONA, M. *Pós-verdade: a nova guerra contra os fatos em tempos de fake news*. Barueri: Faro Editorial, 2018.

DONEDA, D.; ALMEIDA, V. A. F. What Is Algorithm Governance? *IEEE Internet Computing*, v. 20, n. 4, p. 60-63, jul.-ago. 2016

ECO, U. *Viagem na irrealidade cotidiana*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

FARACO, C. A. *Linguagem e diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin*. Curitiba: Criar, 2009.

FERRARI, P. *Como sair das bolhas*. EDUC-Editora da PUC-SP, 2021.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade*, vol. 1. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FRIAS FILHO, O. O que é falso sobre fake news. *Revista Usp*, São Paulo, n. 116, p. 39-44, 2018.

FURTADO, R. *Os diálogos do cotidiano nas redes sociais: a liquidez discursiva nos memes*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2019.

GELFERT, A. Fake News: A Definition. *Informal Logic*, 38 (1), 84–117, 2018.

GERALDI, J. W. Heterocientificidade nos estudos linguísticos. In: *GEGe. Palavras e contrapalavras: enfrentando questões da metodologia bakhtiniana*. Caderno de estudos IV para iniciantes. São Carlos: Pedro & João Editores, 2012. p. 19-39.

KAHNEMAN, D. *Thinking Fast and Slow*. Nova York: Farrar, Straus and Giroux Publishers, 2011.

KONDER, L. *O que é dialética*. 6ª edição. São Paulo: Brasiliense, 2008

LAZER, D. M. *et al.* The science of fake news. *Science*, v. 359, n. 6380, p. 1094-1096, 2018.

LÓRIO, V. Casos de desinformação: emblemas de uma era. *Logos*, v. 9, n. 1, p. 47-52, 2002.

MARANHÃO FILHO, E. M. A.; COELHO, F. M. F.; DIAS, T. B. Fake news acima de tudo, fake news acima de todos”: Bolsonaro e o “kit gay”, “ideologia de gênero” e fim da “família tradicional. *Correlatio*, v. 17, n. 2, p. 65-90, 2018.

MCINTYRE, L. *Post-truth*. Cambridge, MA: MIT Press, 2018.

MEDVIEDEV, P. N. *Método formal nos estudos literários*. São Paulo: Contexto, 2012.

MELO, J. R. B. *Vozes sociais em construção: dialogismo, bivocalidade polêmica e autoria no diálogo entre Diário do hospício, O cemitério dos vivos, de Lima Barreto, outros enunciados e outras vozes sociais*. 2017. 454 f. Tese de doutorado. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências e Letras (Campus Araraquara), 2017.

Ministério da Saúde (BR). *Saúde sem Fake News*. [Internet]. 2018. Disponível em: <https://www.saude.gov.br/fakenews>. Acesso em 10 de maio de 2020.

MIOTELLO, V. Ideologia. In: BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin: conceitos chave*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2012. p. 167-190.

PARISER, E. *O filtro invisível: o que a internet está escondendo de você*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

PAULA, L. de. *Verbivocovisualidade: a tridimensionalidade da linguagem*. Assis: UNESP, no prelo (em andamento).

_____. O enunciado verbivocovisual de animação: a valoração do “Amor Verdadeiro” Disney - uma análise de Frozen. In: FERNANDES Jr., A.; STAFUZZA, G. B. (Org.). *Discursividades contemporâneas: política, corpo, diálogo*. Campinas: Mercado de Letras, 2017. p. 287-314.

PAULA, L. de; FIGUEIREDO, M. H. de; PAULA, S. L. de. *O marxismo no/do Círculo de Bakhtin*. In: *Slovo – O Círculo de Bakhtin no contexto dos estudos discursivos*. v.1. Curitiba: Appris, 2011. pp. 79-98.

PAULA, L. de; LUCIANO, J. A. R. A filosofia da linguagem bakhtiniana e sua tridimensionalidade verbivocovisual. *Estudos Linguísticos* (São Paulo. 1978), v. 49, n. 2, p. 706-722, 2020.

PAULA, L. de; OLIVEIRA, F. A. A. de. A “nação” nas redes sociais e na política brasileira. *Entrepalavras*, Fortaleza, v. 10, n. 3, e1858, p. 1-23, set.-dez./2020. DOI: 10.22168/2237-6321-31858.

PAULA, L. de; SERNI, N. M. A vida na arte: a verbivocovisualidade do gênero filme musical. *Raído*, Dourados, v. 11, n. 25, p. 179-180, jan./jun. 2017.

PAULA, L. de; SIANI, A. C. A eugenia de bolsonaro: leitura bakhtiniana de um projeto de holocausto à brasileira. *Revista Linguagem*, v. 35, n. 1, p. 35-76, 2020a.

PAULA, L. de; SIANI, A. C. Uma análise bakhtiniana da necropolítica brasileira em tempos de pandemia. *Revista da ABRALIN*, v. 19, n. 3, p. 475-503, 17 dez. 2020b.

PEROSA, T. *O império da pós-verdade*. 2017. Disponível em: <https://epoca.globo.com/mundo/noticia/2017/04/o-imperio-da-pos-verdade.html>. Acesso em 20 de maio de 2020.

PONZIO, A. Introdução – A concepção bakhtiniana do ato como dar um passo. In: BAKHTIN, Mikhail. *Para uma filosofia do ato responsável*. São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2010.

RIBEIRO, M. M.; ORTELLADO, P. O que são e como lidar com as notícias falsas. *SUR–Revista Internacional de Direitos Humanos, São Paulo*, n. 27, 2018.

SANTAELLA, L. *A Pós-Verdade é Verdadeira ou Falsa?* Barueri, SP: Estação das Letras e Cores, 2019.

SEIFE, C. *Os números (não) mentem: como a matemática pode ser usada para enganar*. Zahar, 2012.

SOUZA, J. *A elite do atraso: da escravidão à lava jato*. Rio de Janeiro: Leya, 2017.

VOLÓCHINOV, V. N. *A construção da enunciação e outros ensaios*. São Carlos: Pedro&João, 2013.

_____. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. São Paulo: 34, 2017.

WARDLE, C.; DERAKSHAN, H. *Information disorder: towards an interdisciplinary framework for research and policy making*. Council of Europe Report, 2017.